

# PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 15, Novembro/Dezembro, 2005

**Oswaldo Lamartine**

O doutor de Acauã

**Nadelson José Freire**

Um assumido "menino de engenho"

**Entrevista**

Cantora Glorinha Oliveira

**Parellhas**

Cenário de lendas e tradições

# MOSSORÓ

*Terra da liberdade e da resistência  
quer ser a capital da cultura*

## CULTURA DAQUI. CONSUMA SEM MODERAÇÃO.

O Rio Grande do Norte também produz cultura.  
E produz cultura de qualidade, seja em teatro, música,  
literatura ou outras áreas. Consuma a cultura daqui.  
Sua alma vai sentir os benefícios.



**FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**  
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120  
Fone/fax: (84) 3232.5327/3232.5304

**Governadora**  
Wilma Maria de Faria

**Presidente**  
Françóis Silvestre de Alencar

**Diretor**  
José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO  
RIO GRANDE DO NORTE**  
ISSN 1679-4176  
ANO III Nº 15  
NOVEMBRO/DEZEMBRO/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**PERIODICIDADE**  
BIMESTRAL

**EDITOR**  
TÁCITO COSTA  
tacitocosta@estado.com.br

**EDITOR ASSISTENTE**  
GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO  
gporpino@hotmail.com

**ESTAGIÁRIOS**  
DAVID CLEMENTE E MICHELLI PESSOA

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**  
LUCIO MASAACKI  
infinitaimagem@infinitaimagem.com.br  
(84)8805-1004

**REVISOR**  
JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

**CAPA**  
FOTO: ANCHIETA XAVIER  
axphotographer@gmail.com

## A palavra da casa

**Françóis Silvestre**

Este número da Preá eu dedico ao silêncio. Mas o silêncio que não é mudo. Dialética resultante do que sobra de armas para defender a cultura e enfrentar a burocracia. O trabuco dos tecnoburocratas é o poder. Onde eles armam a tenda e comandam o bivaque. A arma dos que fazem cultura é o bodoque. De curto alcance, esticado pela escassa força do povo. O povo é como junta de bois, não sabe a força que tem. E por isso não quebra a canga.

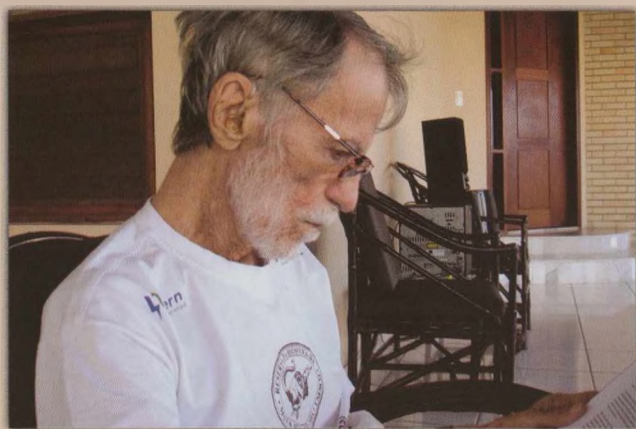
Qual a diferença entre um artista e um burocrata? Fácil a resposta. O artista, mesmo sendo chato e de difícil convivência, modifica a realidade para fazê-la melhor. O burocrata, mesmo sendo agradável e de convivência fácil, inferniza a realidade para fazê-la pior.

Se dependesse do burocrata, a urbe seria ainda vizinha da caverna com carimbos de caracas de cajazeira. A tecnoburocracia renega a autocrítica. E seu lema é: "somos o mal necessário". São necessários não. Só mal. Não existe mal necessário. Pode até existir mal inevitável, insuperável, mas necessário, nunca. O que é necessário não pode ser maldoso. Se existe de boa intenção e é maldoso, tem de ser modificado para ser necessário. A necessidade é excludente da maldade. Portanto a verdade é necessária, não é má. Pode ser sofrida ou dolorosa, mas não será má. A arte, segundo Wilde, é o único lugar onde o contrário da verdade também é verdade. Só na arte a mentira não é mentira. É ficção.

Na política a mentira é mentira. E a prática política tem feito do discurso a falsa verdade, cuja raiz quadrada é a inversão do produto da mentira elevado à quinta potência. E leva junto Newton, Pitágoras e seus teoremas, na razão inversa do discurso feito e na razão direta da manipulação das massas.

Não sei se consegui dizer o que queria. Ou se consegui distinguir burocrata de artista. Mas uma coisa é certa: os burocratas continuarão dominando as ações e os artistas continuarão na mendicância. Salvo exceções de parte a parte.

E os palanques continuarão sendo o palco dos artistas políticos que não estão nem aí para os seus colegas artistas propriamente ditos. Taí a última Preá de 2005. Bom fojo para ela! 📖



O escritor Oswaldo Lamartine de Faria, autor de clássicos sobre o Sertão, recebe o título de Doutor Honoris Causa da UFRN



O engenheiro Nadelson José Freire fotografou a decadência dos engenhos de cana do Estado



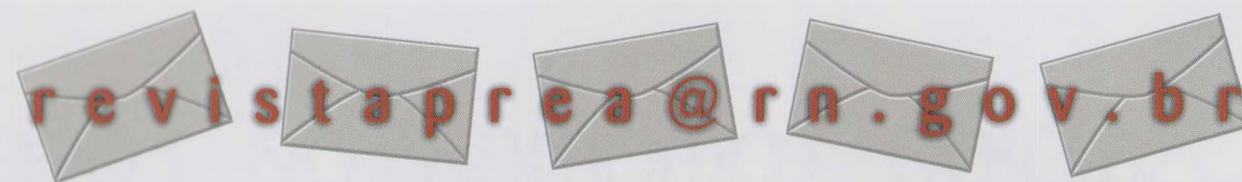
O professor e escritor João da Mata escreve sobre os 400 anos do livro Dom Quixote, de Miguel de Cervantes



O poeta R. Leontino Filho comenta a vida e obra do escritor paraibano Ascendino Leite

<b>s</b>	Expediente / A palavra da casa	3
<b>c</b>	<b>Cartas</b>	6
	Oswaldo Lamartine de Faria - Sob o peso das lembranças	8
<b>i</b>	<b>Oswaldo Lamartine de Faria - O doutor de Acauã</b>	12
	Geração perdida	17
<b>d</b>	<b>Nadelson José Freire - Um assumido "menino de engenho"</b>	18
	Maria Eugênia Montenegro	22
<b>p</b>	<b>Foco Potiguar - Fragmentos</b>	24
	Musicapoesia - Minha cantora favorita	26
<b>n</b>	<b>Quixote - Quatro séculos de encantamento</b>	28
	Poesia Potiguar - João Batista de Moraes Neto	33
<b>u</b>	<b>Ode errante</b>	37
<b>i</b>	A derradeira gesta - Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão	40

<b>s</b>	<b>AGENDA - 13 por 1</b>	43
<b>c</b>	Os fantasmas da nossa ópera	44
<b>i</b>	<b>Ascendino Leite - da eterna chama, o ser</b>	46
<b>d</b>	Engenho e arte em Paulo de Tarso Correia de Melo	49
<b>p</b>	<b>Meninos do Potengi</b>	50
<b>n</b>	Supernova	52
<b>u</b>	<b>O cura asma</b>	54
<b>i</b>	Parelhas - Cenário da lenda da serpente transformada em montanha	56
	<b>Entrevista - Glorinha Oliveira</b>	67
	Mossoró - Terra da liberdade e da resistência	74
	<b>Livros</b>	89
	PS	90



# CARTAS

## Pan Revista

Parodiando Gilberto Freyre, quando se referiu à saudosa “Livro 7”, dizendo que ela era uma “Pan Livraria”, me atrevo a dizer que a revista Preá é uma Pan revista. Consegue abranger várias áreas da cultura: artes plásticas, literatura, crônica, poesia, teatro, e o mais que a cultura possa abranger. Inteligente e feita por quem gosta, curte, faz, e é cultura. A Preá é mais um front para nós artistas desse universal país. Grato por vocês, equipe da Preá, por nos dar esse produto, feito com cuidado e dedicação.

*Pio Simas*

Poeta e artista plástico (Recife-PE)

\*\*\*\*\*

## Namoro

Há muito venho “namorando” esta revista. Somente agora, em um encontro de representantes da Fundação ASSEFAZ, em Brasília, é que encontrei informações de como recebê-la. Conheci um potiguar, colega de profissão, que me presenteou com a nº 12. Li sem parar o exemplar ofertado. Parabéns pela excelente revista.

*Sivaldo Fernandes Silva*

Vitória da Conquista-BA

## Saudades

Estava em Caxambu, nesse Sul das Gerais, quando recebi o exemplar nº 12 dessa notável e prestigiosa revista, que esbanja saber e literatura. Foi trazida pelo professor Rubens Azevedo, presidente da SBDE, e que mora em Natal. Já era encantado pelas belezas daí, pelo poeta Diógenes (companheiro de Neruda) e por tanto mais. Pensei logo numa assinatura, em não havendo, conto, se possível, com a benesse da cortesia bimestral. Sempre divulgando as tradições e os encantos do Rio Grande do Norte, felicito-o calorosamente em nome da caipirica mineira. Tenho saudade do mar e dos cajueiros, e desejo voltar a Natal.

*Alfredo Campos Pimenta*

Poeta (Caxambu-MG)

\*\*\*\*\*

## Cor do Estado

Recebo sempre com muito prazer a Preá. Qualidade de textos a revelar o Rio Grande do Norte, belo como é. Impresão e fotografia maravilhosas. A Preá revela a cor do Estado.

*Carmen Vieira*

Recife-PE

## Orgulho

Acuso recebimento dos números 9, 10, 11 e 12 da revista Preá. Há muito tempo não recebo publicações periódicas de tão alto nível, quer no que se refere à impressão, quer no que diz respeito ao conteúdo. É uma revista que honra as tradições culturais potiguares e que tenho certeza encheria de orgulho os meus falecidos amigos - mestre Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo. Auguro à revista pleno e duradouro sucesso, esperando recebê-la sempre que for possível.

*Francisco de Vasconcellos*

Petrópolis-RJ

\*\*\*\*\*

## Ariano Suassuna

Lembro que há dois ou três meses escrevi cobrando uma entrevista com o grande Ariano Suassuna, e veja o que encontrei na capa desta maravilhosa revista de número 15? Naquela época você respondeu dizendo que estava sendo encaminhada tal entrevista e agora no seu “PS”, vejo que trabalhadeira danada deu para a entrevista sair. Parabéns ao Racine Santos e ao Gustavo, de coração.

*Gilberto Beserra da Silva*

Bancário

## Parabéns

Venho através deste parabenizar a toda equipe, pelo excelente trabalho que vem se realizando com as edições da revista Preá. Tive o prazer, ainda que tarde, de lê-la, na casa de um amigo, durante a festa de Sant’Ana, em Caicó. Fiquei muito honrado com a brilhante iniciativa de impressão de uma revista com excelente conteúdo, com um material de muito boa qualidade e sempre mostrando matérias referentes ao nosso querido Estado, o Rio Grande do Norte. Sou um caicoense, que hoje cursa direito na UFCG, Sousa-PB, mas que sempre está em contato com o Seridó, pois minha família ainda reside lá!

*Amadeu Silva Júnior*

Caicó-RN

\*\*\*\*\*

## Farol de Mãe Luiza

Gostaria de agradecer a vocês por ter publicado essa matéria tão maravilhosa sobre o nosso farol, que também é lindo. Quando eu falo nosso é porque eu moro de frente para ele. Sou morador de Mãe Luiza, e quero agradecer por tudo.

*João Fortunato*

Natal-RN

## Ariano Suassuna

Adorei o conteúdo da revista e gostaria de receber exemplares. Se possível a edição com a entrevista de Ariano Suassuna. Um forte abraço a todos os responsáveis por esta revista maravilhosa. Parabéns!

*Claudelize Gonçalves de Freitas*

Brasília-DF

\*\*\*\*\*

## Pai gerador

Sou leitora da Preá desde o seu nascimento, que sei ter sido um parto laborioso – passando pela escolha do nome até vê-la gerada e terminada. Mas, escrevo hoje a vocês para falar diretamente ao Presidente da Fundação José Augusto, pai gerador desta revista, que sem egoísmo e “eguisimo”, agregou tantos outros pais para ajudá-lo nesta criação. É a você François, que reverencio: Não é qualquer um que chega com uma obra a ser estudada em Nante-França em tese de mestrado (“A pátria não é ninguém”). A França, berço cultural das civilizações, da Revolução Francesa, deve ter tido um olhar de orgulho ao ver que, o que nos separa, só são 500 anos e o Oceano Atlântico; o que nos une são as cabeças pensantes, neurônios em ebulição, formação crítica do pensar e sentir – atitudes de onde estiver o homem – ser inicial

e final de tudo, por qual e pelo qual tudo foi feito.

Parabéns! O mundo ficará melhor quando alguém tiver sempre um olhar de indagação ao objeto.

*Célia Menezes Souza*

Médica - Acadêmica de Direito

Natal/RN

\*\*\*\*\*

## Site da FJA

Quero parabenizar o belo trabalho feito pela Preá e pelo site da Fundação José Augusto. Ambos buscam, com total sucesso, preservar a nossa auto-estima e a cultura potiguar, com suas tradições e costumes. Gostaria de saber como faço para receber a revista em meu endereço. Sou vereador da cidade de Acari e sempre falo da importância do trabalho cultural desenvolvido por vocês.

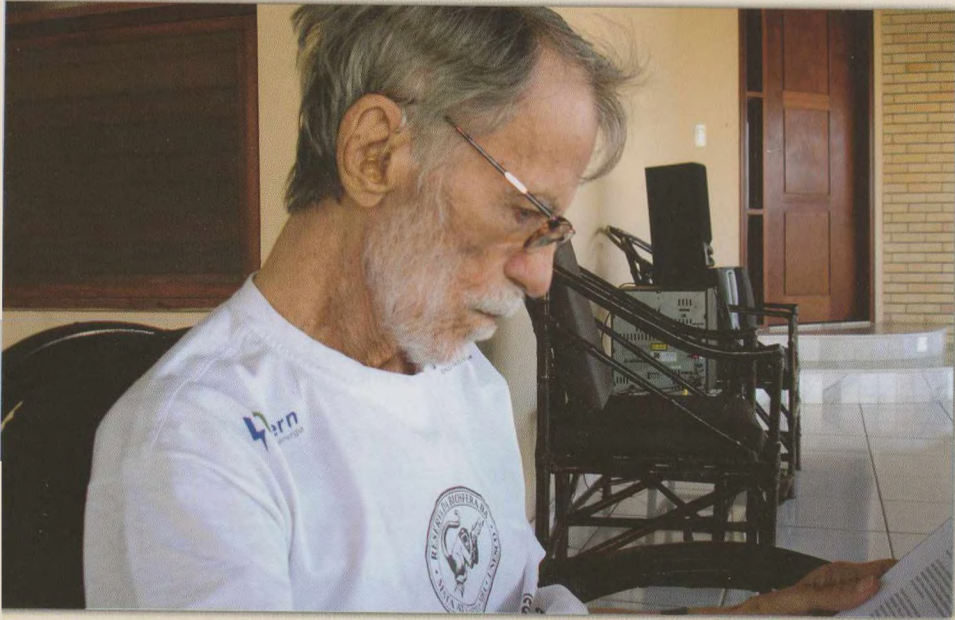
*Ismael Medeiros*

Vereador (Acari-RN)

## CORREÇÃO

A fotografia do coral Sertão Encanto, publicada na página 30 da última edição da Preá, é de autoria de Rodrigo Alberti.

# Oswaldo Lamartine de Faria



**Tácito Costa**

Fotos: Tácito Costa

O Sertão é, antes de tudo, um estado d'alma. Que nem o tempo nem o exílio podem destruir. A trajetória do escritor potiguar Oswaldo Lamartine de Faria mostra isso. O Sertão o habita, portanto não faz diferença que more em Natal ou Rio de Janeiro; numa casa de muros altos ou num apartamento. Porque o Sertão é onipresente. E cada um o carrega vida afora à sua maneira. O de Oswaldo já não existe mais, a não ser nas suas lembranças e nos seus livros. Por isso, é uma saudade que não cessa. "Cada vivente tem o seu Sertão. Para uns são as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância", afirma o escritor.

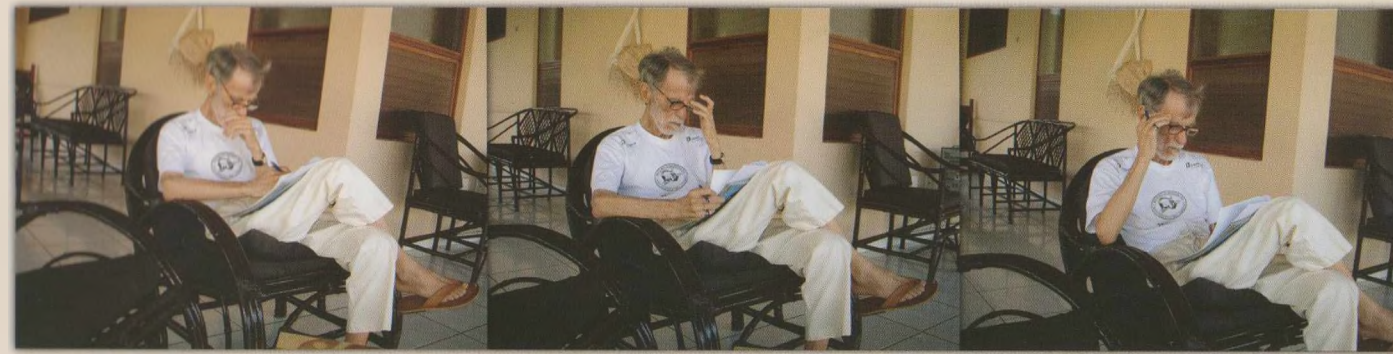
Aos 86 anos, completados em novembro último, Oswaldo Lamartine enfrenta problemas de saúde, mas não perde o bom humor e nem o gosto para contar histórias. Que são verdadeiras aulas. Quase todas sobre um tempo e coisas que não existem mais ou estão em vias de desaparecer. Como as vaquejadas autênticas; a arte de fazer selas e arreios para animais; e o modo como se pescava em açudes e seguia um rastro... O consolo é que tudo isso está nos livros que escreveu.

Aqui e ali, ele se queixa das agruras que tem passado nos últimos dois anos, desde que fez uma cirurgia para retirar um tumor benigno da cabeça e ficou com seqüelas na fala e na deglutição. Mas, na maior parte do tempo, prevalece o profundo conhecedor e fantástico contador de histórias sobre o Sertão. O mais im-

## *Sob o peso das lembranças*

portante do Rio Grande do Norte. Um dos maiores do Brasil. Muitas dessas histórias estão relatadas em seus livros, que incluem clássicos como "Apontamentos sobre a Faca de Ponta", "Sertões do Seridó" e "Seridó Séc. XIX (Fazendas & Livros)", este último em co-autoria com o padre João Medeiros Filho. Todos versam sobre o Sertão. Principalmente, o mítico sertão do Seridó, de onde vem sua família, uma das povoadoras daquela região.

O reconhecimento por esse trabalho levou a Universidade Federal do Rio Grande do Norte a conceder a ele, no dia 16 de novembro último, um dia após o seu aniversário, o título de Doutor Honoris Causa. A proposta do título surgiu no Departamento de História da UFRN e foi aprovada por unanimidade em todas as instâncias nas quais tramitou. A



saudação ao novo doutor foi feita pelo jornalista Vicente Serejo (o discurso de saudação e o de agradecimento de Oswaldo estão nas páginas seguintes).

O título veio tarde. Em carta, datada de 5 de junho de 1978, remetida a Oswaldo, ninguém menos que Câmara Cascudo sentenciou: "Nesses assuntos sertanejos você é doutor de borla e capelo e tudo estará incompleto sem a bênção de pé de jumento do meu sobrinho honoris causa". Em suas cartas ("De Cascudo para Oswaldo" - editadas este ano pelo Sebo Vermelho), Cascudo chamava Oswaldo de "Oswaldinho" e de "sobrinho honoris causa" e geralmente assinava como "Luís Natal".

Raquel de Queiroz, que o chamou de "anjo magro", também o considerava maior. "Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do Sertão e do Nordeste do que Oswaldo". É que o Sertão habita o escritor potiguar.

## **Saudades de Acauã**

Oswaldo Lamartine, que nasceu em Natal no dia 15 de novembro de 1919, está morando com o filho. Mas gostaria mesmo é de estar na Fazenda Acauã. "É que o Sertão é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem - tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos. O

cheiro da água que nos desertos também cheira. O da terra molhada, do curral, da lenha queimada e de cada flor. O belo-horrível-cinza dos chãos esturricados, o 'arrepio-verde' da babugem, a explosão em ouro das craibreiras em flor. Os ruídos dos ventos, das goteiras, do armador das redes, o balido das ovelhas, o canto do galo, o estalo do chicote dos matutos, o ganido dos cachorros em noite de lua, os tetéus, o dueto das casacas-de-couro, os gritos do socó a martelar silêncios, os aboios, o bater dos chocalhos, o mugido do gado e tantos outros que ferem nas ouças da saudade", conta.

Chego à casa do filho, Cassiano Lamartine, em Natal, no bairro da Candelária, numa manhã de terça-feira, para um encontro com o escritor. Ele me recebe no alpendre da ampla casa. Veste camiseta com uma foto impressa do pai, o ex-governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine (1874-1956), calça de cor creme e sandálias de couro.

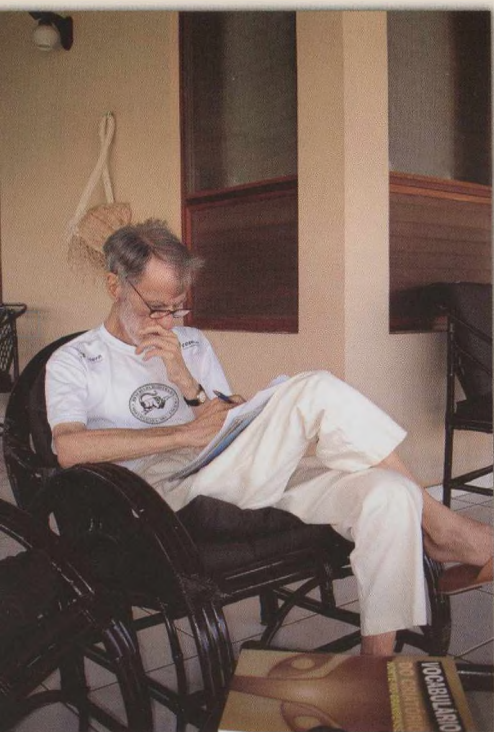
Magro ele sempre foi. Mas agora está bem mais. Depois que ficou doente perdeu uns oito a dez quilos. Deve estar na casa dos 46 quilos. Mas ao contrário do Dom Quixote, com quem ficou parecido, está com a cabeça ótima, a memória tinindo. Levo um livro para ser autografado. Ele autografa, desenha o famoso ferro de marcar gado da família, e vai atrás de um errinho de revisão perdido

numa das páginas. Percebe que marco as passagens que gosto nos livros com caneta e aconselha a usar um lápis grafite. Para não danificar a obra.

Puxo conversa. Pergunto se tem notícias dos amigos. Escritores Francisco Dantas e Maria Lúcia Dal Farra, de Sergipe, do poeta cearense Virgílio Maia, do jornalista potiguar Vicente Serejo e do editor e escritor Vingt-un Rosado. Conta que recebeu nos últimos dias carta de Maria Lúcia, informando sobre o lançamento de um novo livro e outra de Virgílio Maia. Informa que recebeu também o livro "Sob o Peso das Sombras", de Francisco Dantas. Comenta que tem recebido poucas visitas. Quero saber também se tem acompanhado a crise política nacional. Ele diz que é vacinado contra a política. Nunca se interessou.

O escritor conta que sai pouco de casa. No máximo vai ao banco ou à casa de parentes. "Como dependo da enfermeira, prefiro não sair muito", explica. As horas demoram a passar e as leituras o enfadam. Também não tem dormido bem. Mas ressalva que nunca dormiu que preste em toda a sua vida.

As lembranças têm sido a companhia mais presente na vida do escritor. Não cessam hora nenhuma, ele confessa. Todas muito vívidas. Como num filme, compara. "Infelizmente, afloram as lembranças boas e as amargas", diz. Entre as



## Oswaldo Lamartine de Faria

amargas, certamente estão a morte da filha, Isadora (1945-1972), ainda jovem, do irmão Octávio; também muito moço, as perseguições políticas ao pai. Entre as boas, o reconhecimento - em vida - da sua obra, a atenção dos amigos, o carinho dos familiares.

Boas e inesquecíveis são também as lembranças dos velhos mestres de ofício sertanejos, como o seleiro Pedro Ourives, o fazedor de barragens Zé Lourenço, o caçador de abelhas Chico Julião, o pescador de açudes Bonato Liberato Dantas, e o rastejador e vaqueiro Olintho Ignácio. “Vi o Olintho Ignácio, nas eras de 40, na Fazenda Lagoa Nova, se acocorar na beira dum caminho e dizer: - passou fulana, um menino, beltrana... É que a gente daqui tanto faz espiar a cara como o rastro”.

### O legado dos mestres de ofício

Foi da convivência com esses mestres de ofício que nasceram muitos livros do escritor. “Vivi sob as mesmas telhas com Bonato Liberato Dantas quando ele fazia uma tarrafa - veterano pescador de açude que foi. Espiava, perguntava, rabisca-va figuras e anotações. Surgiu o ‘ABC da Pescaria de Açudes’. A mesma coisa com Pedro Américo de Oliveira, vulgo Pedro Ourives e seu filho Francisco Lins, um remontando uma sela roladeira e o outro

costurando um encouramento. Resultado: ‘Encouramento e Arreios de Vaqueiro’. Outros como ‘Conservação de Alimentos’, ‘Feros de Ribeiras’ e ‘Construções de Açudes’, fatos vividos e fermento de curiosidade em leituras alheias”.

O etnógrafo revela que as lembranças são mais de momentos vividos e do que escudou do proseado em redes de alpendre do que das leituras. Confessa que gostaria de escrever sobre dois ou três temas sertanejos: as antigas burras-delsa viageiras, os próprios (andarilhos) e os grandes rastejadores. “Ainda cheguei a coletar preceitos de oração-forte rezada antes de tomar um rastro”.

Oswaldo morou durante 38 anos no Rio de Janeiro (1957 a 1996). Trabalhava no Banco do Nordeste, onde aposentou-se em 1979. No tempo em que morou no Rio era rato de sebo. As visitas constantes aos sebos o levaram a verdadeiros tesouros bibliográficos. “Vi raridades nunca imaginadas. Conheci quem conhecia livros”, afirma. O retorno ao Rio Grande do Norte ocorreu em outubro de 1996. Foi morar na Fazenda Acauã, município de Riachuelo, ao pé da Serra dos Macacos, acompanhado do cachorro “Parrudo”.

Peço informações sobre o seu acervo. Quem o conheceu, conta que abriga obras raras e importantes, principalmente relacionadas à agricultura (Oswaldo é Técnico Agrícola pela Escola Superior

## Sob o peso das lembranças

de Agricultura de Lavras-MG). Modesto, ele diz que restam apenas alguns livros técnicos na Fazenda Acauã. Muita coisa ele já doou. Aproveita para contar que tentou certa vez doar uma coleção raríssima sobre Entomologia para a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), prometeram que iriam pegar os livros, e até hoje não apareceu ninguém.

Comento, brincando, que pelo menos ele está livre das viúvas. Algumas, tão logo morrem os maridos literatos vendem os acervos nos sebos. Ele concorda e conta que no Rio de Janeiro os sebitas liam a seção de obituários para saber quando morria um escritor. “Deixavam passar uns oito dias, após a morte, e visitavam a viúva com proposta de comprar os livros”.

Leal e generoso, Oswaldo tem o costume de plantar árvores em homenagem aos amigos. Diz que é uma forma de orar para quem não sabe rezar com palavras. “Veja que a gente fica de joelhos para plantar”.

Ao final do nosso encontro, peço para tirar umas fotos dele. Apresento as engenhocas digitais que me acompanham, um gravador, do tamanho de um isqueiro, e a máquina, que cabe na palma da mão. O gravador que não precisa mais de fita e a máquina, que dispensa filme, e mostra como ficou a foto na hora. Ele observa atentamente e comenta, brincalhão: “Isso são coisas do cão”.

### BIBLIOGRAFIA DE OSWALDO LAMARTINE

Notas Sobre a Pescaria de Açudes no Seridó - Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1950.

A Caça nos Sertões do Seridó - Rio de Janeiro: MA/SIA, 1961.

A.B.C da Pescaria de Açudes no Seridó - Recife: IJNPS, 1961.

Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó - (co-autor Hypérides Lamartine) - Natal: UFRN - Separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia - Vol. 1-Nº2 - 1964.

Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó - Recife: IJNPS, 1965.

Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense (co-autor Guilherme de Azevedo) - Rio de Janeiro: MA/SIA, 1966.

Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó - Natal: Fundação José Augusto, 1969.

Uns Fesceninos - Rio de Janeiro: Artenova, 1970.

Silo-Família no Seridó-RN - Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros - CB nº 2 - Ano XII - nº 58 - Março-Abril de 1970.

Açudes nos Sertões do Seridó - Natal: FJA, 1978.

Sertões do Seridó (reedição de cinco desses estudos) - Brasília: CGS, 1980.

E adonde era sombra se fez sol. E adonde era solo se fez chão - Natal: Separata

da Revista Tempo Universitário, Vol. 6 - Nº 1 - 1980.

Algumas peças líricas do Museu Municipal de Mossoró - Mossoró: Col. Mossoroense - s.B - 378/1982.

Feros de Ribeiras do RN - Mossoró: FGD - 1984.

Pseudônimos & Iniciais Potigueres - Mossoró: Col. Mossoroense - s.B - 424/1985 - (co-autor Raimundo Nonato da Silva).

Seridó - Séc. XIX (Fazendas & Livros) - Co-autor Pe. João Medeiros Filho. Rio de Janeiro: Fromape Editora, 1987.

Apontamentos sobre a Faca de Ponta - Mossoró. Col. Mossoroense - s.C - Vol. CDXIV - 1988.

Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense (Co-autor Guilherme de Azevedo) - Natal: FJA 2ª Edição, 1997.

Alguns Escriptos da Agricultura no Império do Brazil - Natal: FJA/FVR, 1998.

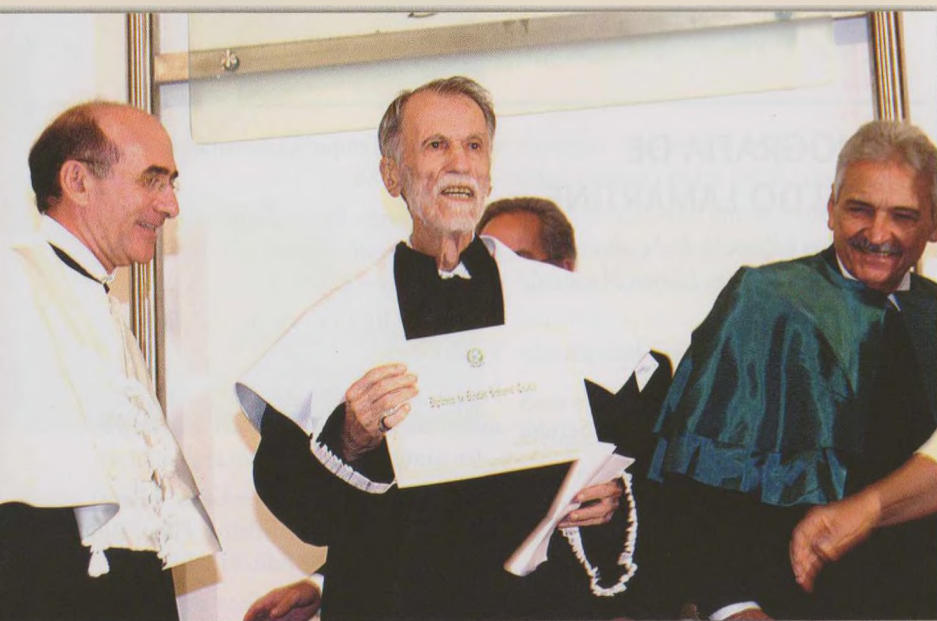
Notas de carregação - Natal/RN - Coleção Nação Potiguar, 2001.

Em Alpendres d'Acauã - Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria (Org. Natércia Campos) - Natal: FJA/Imprensa Universitária do Ceará, 2001.

O Sertão do Nunca Mais - (Co-autor Vicente Serejo) - Natal: Edição Sebo Vermelho/Coleção Mossoroense, 2003.

De Cascudo para Oswaldo (cartas) - Natal: Sebo Vermelho/Coleção Mossoroense, 2005. ■

# Oswaldo Lamartine de Faria



## Vicente Serejo

Fotos: Ivanísio Ramos

*Saudação do professor Vicente Serejo na Assembleia Universitária de entrega do título de Doutor Honoris Causa outorgado pela UFRN na noite de 16.11.2005*

No princípio, como numa gênese bíblica, era o sertão mais sertão. Vastos campos cercados por uma solidão de pedra.

Lugar onde foram viver os homens e seus bichos. Vindos do litoral, por onde chegaram, e fugindo do chão úmido dos agrestes ainda tocados pela brisa fresca do mar. Procuravam terras e abrigos para plantar suas sementes de famílias e de rebanhos.

Cultura e civilização, num caldeamento permanente de hábitos, costumes e tradições.

Os homens, como os apóstolos, naquela hora antes do milagre, só podiam acreditar no que viam e ouviam. Mas criaram e plantaram. Cresceram e multiplicaram. Inauguraram na terra inóspita o amor a Deus, e rezaram, cheios de fé, nas Trindades do anoitecer. Espalharam rebanhos de gado. Colheram, produziram e conservaram alimentos. Dominaram o ferro e o couro. A madeira e a pedra. O espinho e a flor.

Quando a civilização ancestral e arcaica se fez por inteiro, e o olhar humano dominou a vastidão das serras, os grotões e os vales, o sertão tinha senhores de terras e vaqueiros. Suas casas estavam planta-

das no alto, em duas ou quatro águas, com alpendres que protegiam os paredões no abrigo contra o sol e a chuva. E o pé direito elevado e destemido para afugentar o calor, soprando a fresca viração dos dias e das noites, sob o mormaço das telhas.

Pequenas fortalezas, simples e altaneiras, feitas para defender a vida e a propriedade, a honra e o suor.

É Câmara Cascudo quem avisa numa frase magistral do seu “Tradições Populares da Pecuária Nordestina”:

“O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominante da posse alheia, a imagem do limite”.

Estava fundado o Reinado do Grande Sertão.

# o doutor de Acauã

## O homem

Nesse território mágico e monumental nasce um menino que mesmo tendo cortado o umbigo em Natal, tinha sua raiz secular fincada no sertão, nos chãos de pedra do Seridó. Afinal, é Comenius na profunda erudição de sua seiscentista “Didactica Magna” quem avisa, há quatro séculos: “A natureza produz tudo a partir da raiz”. E adverte: “Porque na árvore, tudo o que virá a ser madeira, casca, folhas, flores e frutos, não provem senão da raiz”.

O sertão é a raiz desse menino caçula e temporão, ou, como ele mesmo escreveu, “sobejo da seca de 19, o último de uma ninhada de dez”.

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu a 15 de novembro de 1919, quando a República fazia trinta anos e a chama do Império ainda ardia nas almas mais velhas. Filho de Juvenal Lamartine de Faria e D. Silvina Bezerra, ambos descendentes das velhas e nobres famílias patriarcais e povoadoras do Seridó. Das linhagens paterna e materna trouxe o despojamento de uma vida austera e sem regalias, a nobreza das idéias e a heráldica das coragens.

Para desasnar no ler e no escrever, foi aluno da professora Belém Câmara até 1927. Depois, estudou no Colégio Pedro II com o mestre-escola Severino Bezerra, até bater com os costados no velho Ginásio do Recife, de 31 a 33. Por fim, concluiu os estudos de Humanidades no Instituto Lafayette, no Rio, em 1936, de onde saiu para a Escola Superior de Agri-

cultura de Lavras, em Minas Gerais. De lá, trouxe um diploma de Técnico Agrícola e um amigo que escolheu para ser um irmão a vida inteira: Vingt-un Rosado.

Restava, diante dele, o caminho da volta. Não mais para os sertões do Seridó, a Fazenda Ingá, o país da infância. Mas Lagoa Nova, na Ribeira do Camaragibe, a fazenda do seu pai. Um mundo sem fim de dez mil hectares e onde viveria de 1941 a 1947. Para retornar, cinquenta anos depois, e envelhecer, silencioso e sábio, olhando do seu lenço de terra os longes do sertão, ou, como ele gosta de dizer, até bater com os olhos nas paredes do céu.

De nenhum outro diploma precisaria mais, no mundo e na vida.

## O escritor

Só algum tempo depois, nasceu o escritor. Mas tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, a rigor, ele também já sabia desde os tempos de menino. O que veio a seguir, amansando a palmatória, alisando os bancos escolares, ouvindo os professores de Lavras, discutindo com os técnicos do Banco do Nordeste, lendo e perguntando, foram informações e técnicas. E o que leu nos grandes autores, nas leituras eruditas de uma sempre rica e vasta biblioteca, foram nada mais que sistematizações e ordenamentos para o lastro teórico de um saber que aprendera antes, vendo e ouvindo, observando

e anotando, analisando e comparando. E tudo só para compreender o sertão.

Porque tudo ele aprendeu na Escola do Sertão. A velha escola do saber laico, da sabença erudita e popular que Câmara Cascudo, mais uma vez, em “Tradições Populares da Pecuária Nordestina”, descreve assim, pleno e lírico:

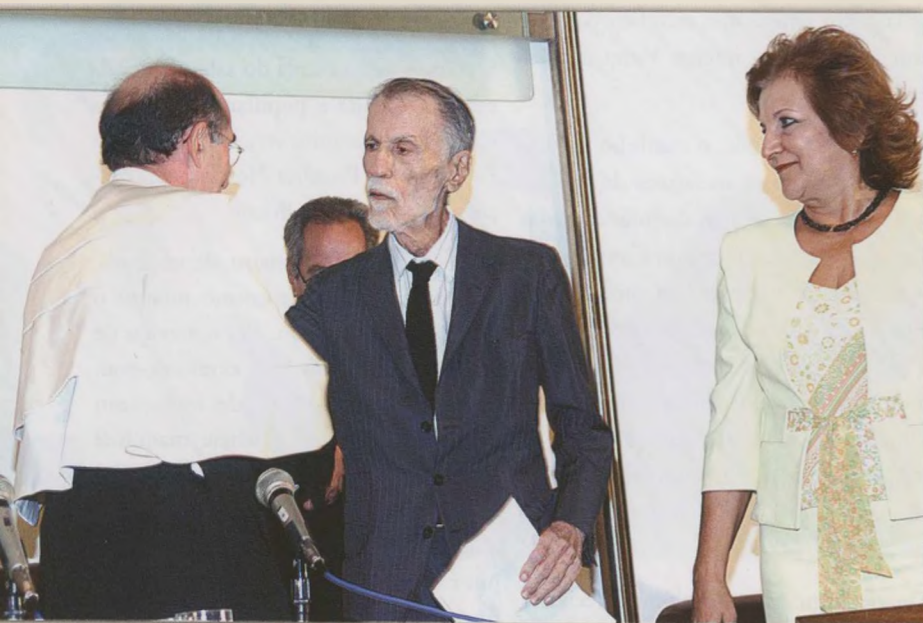
“Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo-de-pau, juntando o gado feito de ossos com aboios sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento”.

E essa Escola, com seus mestres de ofício, sua ciência do saber-fazer e sua didática oral, o próprio Oswaldo Lamartine revelaria quando recebeu a medalha dos cinquenta anos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, numa noite de 1987. E descreveu assim a escola sertaneja, depois de confessar que Cascudo foi aquele que mais lhe influiu – a frase é dele, de Oswaldo – “a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via”:

E assim ele falou pedindo glória aos acadêmicos para os seus velhos mestres:

“Daí – pra quê negar? – estou de cabeça aos pés, banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que

# Oswaldo Lamartine de Faria



a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives, o seleiro. Mestre Zé Lourenço, o fazedor de barragens. Chico Julião, o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas, o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe – Olinto Inácio”.

## O estilo

Se fosse preciso buscar ajuda na marcenaria literária das citações, bastaria repetir uma vez mais o velho Buffon, no seu “Discurso sobre o Estilo”, quando afirma numa síntese célebre: “O estilo é o próprio homem”. Para depois acrescentar: “Porque o estilo é apenas a or-

dem e o movimento que aplicamos às nossas idéias”. Enquanto Goethe, nas suas famosas conversações com Eckermann, ensina, humano e certo: “Em geral, o estilo de um escritor é o reflexo fiel do seu íntimo”. Ou, para lembrar Montaigne na frase que tanto encantava os ouvidos exigentes de Machado de Assis que a cita no Capítulo 68 de “Dom Casmurro”: “Não são meus gestos que escrevo; sou eu, é minha essência”. Ou, ainda uma vez mais, o aviso seco dele mesmo, o Bruxo do Cosme Velho, com seus olhos de lâmina esculpindo palavras, numa crônica de 10 de outubro de 1864: “A primeira condição de quem escreve é não aborrecer”.

Ninguém é mais fiel aos seus gestos e a si mesmo, ao seu íntimo, à ancestralidade de sua própria vida, ao sertão monástico e monacal, como quem escreve com uma pena feita das plumas do algodão do Seridó, ninguém é mais fiel à sua própria alma do que Oswaldo Lamartine. É ele mesmo, sempre. E não aborrece nunca. E é como se conhecesse as exigentes recomendações de Roland Barthes quando fala sobre o prazer do texto e da leitura. Ouçam, é dele mesmo a belíssima síntese que faz do seu próprio estilo na solidão da cidade grande:

“Outros fazem adjuntos de patações de ouro, de água-de-cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras da boca dos vaqueiros... E não havendo pelas ribeiras de cimento-armado da Cidade de

# o doutor de Acauã

São Sebastião do Rio de Janeiro onde as campear, tivemos de farejar, rastejar e caçar cada uma delas, perdidas na memória andível do Sertão de Nunca-Mais, no falar alheio e nos papéis dos outros”.

## Um livro

Há, como que escondida num ninho de casaca-de-couro, entre facheiros e mofumbos, uma modernidade singular no universo oswaldolamartineano. Um olhar só comparável, entre nós, aos lances de Eloy de Souza quando fez, no início do século passado, as conferências “Costumes Locais” e “Alma e Poesia do Litoral”; e Câmara Cascudo, ao escrever as micro-histórias do homem brasileiro nas suas Actas Diurnas. É quando retira os olhos da paisagem física e com eles penetra a paisagem humana, aparentemente invisível porque guardada no mais íntimo cotidiano das casas grandes do sertão do Século XIX. E remexe com esses olhos as pequenas prateleiras onde eram guardados os poucos livros naqueles mosteiros perdidos nos longes como se percebesse uma outra paisagem, a do imaginário.

É como que temendo olhar, sozinho, velhos livros que tratavam dos pecados e das virtudes da carne e da alma, chamou o Padre João Medeiros Filho, outro seridoense de cultura bem assentada nos lajedos do saber canônico universal. E, na companhia dele, leu os livros sagra-

dos e profanos: a Imitação de Cristo e o Chernoviz; a Bíblia Sagrada e a Medicina Caseira; o Lunário Perpétuo e o Advogado da Roça; O Adoremus e o Código de Bom Tom; a Missão Abreviada e o Dicionário de Moraes. E de tudo quanto foi lido e ouvido nos seus ecos seculares, nasceram leituras de leituras que foram reunidas no Seridó Séc. XIX – Fazendas & Livros, numa moderna e polissêmica visão na perspectiva do imaginário, bem naquele olhar do professor Durval Muniz, mestre e doutor, titular da cadeira das novas histórias da Universidade da Paraíba, quando olha o Nordeste como uma invenção a partir de uma paisagem imaginária.

## A consagração

Aos 29 anos, quando parecia inteiramente desconhecido, Oswaldo chama a atenção de três dos maiores nomes da intelectualidade nordestina e brasileira: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mauro Motta. Num artigo para a revista O Cruzeiro, edição de 9 de outubro de 1948, o autor de Casa Grande & Senzala cita Oswaldo, a quem classifica como uma revelação de estilo na etnografia brasileira. José Lins, no mesmo ano, na coluna “Homens, Coisas e Letras”, publicada em todos os jornais Associados do País, registra:

“... muito teria que aprender com o jovem ensafista riograndense do norte, e

desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possuía em folhetes e ABCs sobre o nosso tema”.

Na sua conferência em Natal, na Escola Doméstica, Gilberto Freyre registra que Oswaldo Lamartine é “um dos melhores etnógrafos do Brasil”, e outra vez revela sua admiração.

É também Gilberto Freyre quem se refere a Oswaldo Lamartine e Câmara Cascudo no seu “Problemas Brasileiros de Antropologia”, informando: “... em torno de assuntos nordestinos se tornaram mestres Luís da Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine”.

Foi consultor da Globo na adaptação para a tevê do Memorial de Maria Moura, de Raquel de Queiroz, e dela mesma, de quem mereceu dedicatória agradecida na folha de rosto do romance, porque para ela só de cem em cem anos nasce um brasileiro como Oswaldo Lamartine.

Nada lhe fascinou. Só o sertão. Com sua alma de monge, num ascetismo invencível, vivendo fechado na sua caverna feita de livros, sem nunca desejar sair.

O seu sertão é bem aquele sertão talhado a golpes de um estilo conciso, coloquial e confessional, como na sua belíssima descrição do açude, no Dia da Criação:

“Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se per-

# Oswaldo Lamartine de Faria *o doutor de Acauã*

der de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim de planta ou o mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rastos. Curimatãs em cardume comem e vadeam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou do morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infundáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo”.

Magnífico Reitor Ivonildo Rego:

Foi o tempo, velho e sábio, que reservou às suas mãos este instante solene e inesquecível de outorgar, em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o título de Doutor Honoris Causa ao escritor Oswaldo Lamartine de Faria, o maior estilista da etnografia brasileira. Foi como se estivesse ouvido, num milagre de transcendência, o lamento de Câmara Cascudo quando reclama da injustiça, no seu Pequeno Manuel do Doente Aprendiz, dizendo:

– Oswaldo Lamartine, esculpido em pau-ferro, ágil por dentro e por fora, depositado num banco ao invés de estar numa cátedra.

Eis, finalmente, a sua cátedra. Porque Oswaldo Lamartine de Faria, o Doutor de Acauã, é um catedrático com a ciên-

cia gloriosa e humilde do notório saber da civilização sertaneja.

Leia o discurso na íntegra e o verbete “burra-de-sela” no site [www.fja.m.gov.br](http://www.fja.m.gov.br)

## Discurso de Oswaldo Lamartine

“À UFRN na pessoa do seu reitor dr. Ivonildo Rego, professores, funcionários e alunos.

Perdi horas de sono e de sossego tentando entender a razão de tudo isso.

De primeiro, cuidei ter sido pelos descaminhos dos homens neste mundo de ranger dentes, desassossegado que nem as ondas do mar. Depois, quem sabe, o afago de vosmecês, no adeus desse meu imerecido viver. Sei lá (?). É que a balança do julgamento dos amigos costuma ser manca.

E não é astúcia, pantim, nem cavilação pois o que botei no papel foram apenas momentos do dia-a-dia do nosso sertanejo.

Convivi com alguns deles debaixo das mesmas telhas – tenho repetidamente confessado.

Mestre Pedro Ouvires e seu filho Chico Lins – magos do couro, zelosos e ranzinzas, da escolha do couro-verde ao derradeiro nó-cego da costura. Ramiro e Bonato Dantas, pescadores d’água-doce e memorialistas. Zé Lorenzo, tora de homem, analfabeto, cujos instrumentos de trabalho se resumiam em um nível de pedreiro e um novelo de cordão. Pois

bem, apenas com eles, levantou 640 metros de parede do açude Lagoa Nova sem deixar um caculo nem uma barroca. O que deixou o engenheiro do DNOCS de queixo caído.

Olinto Ignácio, rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe. Vi, um dia, ele se acocorar na beira do caminho e ler no chão da terra: “– passou fulano, beltrana e uma menina. É que a gente dessa terra tanto faz eu espiar a cara como o rastro...E todos já envoltos com a Caetana”.

Daí eu repetir é mais deles do que meu esse título.

Mesmo assim: encabulado, areado e zonzo tenho de confessar: – não sou soberbo nem ingrato.

Agradeço a vosmecês, mais ainda, ao doutor reitor – sertanejo das terras de Pôr-do-sol – onde, naqueles ontens os condutores das boiadas ferravam o tronco de um pé-de-pau onde se arranchavam. Coisas de um sertão de nunca-mais. Tempos do imperador velho. Mas isso é outra conversa.

Boa noite. Façam, agora como manda aquele menino: batam palmas com vontade, faz de conta que é turista...”

# geração perdida

## Rubens Lemos Filho

Jornalista

A expressão é crispada, compenetrada, como a de um atacante goleador. O corpo está parado, a segundos do êxtase e da definição na pequena área. O grito sairá rouco, angustiado, puro como um desabafo.

Não, o meu filho não está num campo de futebol. A sua marca do pênalti é uma confortável poltrona de couro, que ele me tomou e diante dele falta o goleiro prestes à morte. A trave é uma tela de computador e as suas chuteiras são o mouse. Aos 12 anos, lá vai ele escolher uma arma de grosso calibre no jogo do Playstation e liquidar o inimigo.

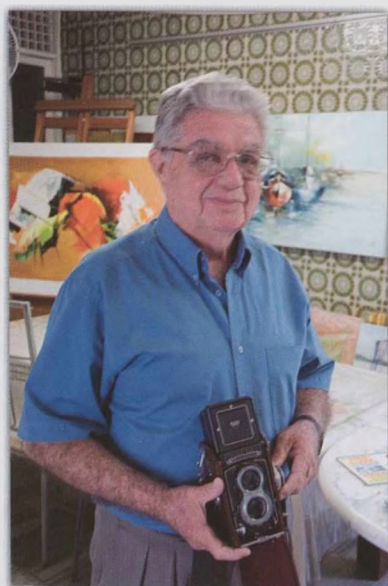
Tenho medo de interrompê-lo e ser eu mesmo o alvo de um tiro de HK MP-5, a mais moderna submetralhadora do mundo, que ele maneja como um sniper (atirador de elite) da SWAT. Resta-me a contemplação desanimada e o estado de espírito de que Caio é o camisa 10 de uma geração perdida para as geringonças eletrônicas, para a parafernália da Internet.

“Pai, esse jogo é irado”, ele me explica antes de ouvir um “hanram” resignado.

A tal linguagem dos meninos de hoje é contraditória. O irado dele quer dizer o manda-chuva, o bom, o bem, não o mal. Assim como chama de *doidinhas*, as meninas que no meu tempo eram cocotinhas, Caio é professor do vocabulário escravocrata dos piolhos da navegação da ditadura universal da Internet e dos jogos em que não há peças de papelão. Sabe o que é Orkut, webcam, fotoshop, jpeg, scanner, e-mail, spam, flash e, numa rara concessão ao idioma pátrio, um provedor.

Preocupo-me com meu filho. Claro, é um dever de todo pai. Minha ansiedade extrapola a lógica dos riscos do dia-a-dia. Entristece-me saber que ele nunca terá uma cabeça de dedo arrancada numa pedrada às 13 horas, 40 graus no chão duro do calçamento. Que ele nunca terminará o domingo esperando pelo próximo para ir ao estádio e ver o seu time jogar. Que ele jamais calçará um tênis Kichute, porque afinal Kichutes ficaram pelos anos 70, no mesmo arquivo do pedaço de mim que ficou. Em tempo algum trocará tapas, numa final de futebol de botão, Roberto Dinamite contra Zico, Danilo Menezes versus Alberi.

Coitado do meu filho. Não quer nem saber de futebol. ■



# Nadelson José Freire

*Um assumido “menino de engenho”*

**David Clemente**

Fotos: Acervo de Nadelson Freire

Em 1932 o escritor José Lins do Rego publicou a história do menino Carlinhos, que ao perder a mãe foi morar com os avós num engenho chamado Santa Rosa. A obra, consagrada como um clássico da literatura brasileira, ganhou o nome de “Menino de Engenho”. Quatro anos depois do lançamento da primeira edição nascia em Natal outro menino que também se intitula como “de engenho”. Seu nome é Nadelson José Freire. Sua profissão é engenheiro civil. E entre seus prazeres estão fotografias e versos rimados.

O menino dos engenhos potiguares morou toda a infância na capital do RN, mas como toda criança encantada com a natureza quase virgem que os interiores do Estado ofereciam na década de 40, visitava constantemente as cidades de São José do Mipibu e Canguaretama. Onde estavam os engenhos Boa Vista, Belém e Canadá. Era lá onde passava as férias, onde corria sob o sol quente e onde de-

envolveu seu interesse por fotografia, quando ganhou do pai sua primeira máquina fotográfica, aos 12 anos de idade. Era um simples instrumento de foco fixo, sem nenhum recurso e que produzia imagens em preto e branco. Como descreve Nadelson, “com o centro nítido e fosco ao redor”. Primeiro alvo dos clicks: a família. Depois passaram pela lente de Nadelson os engenhos, açudes, o alto sertão de Pernambuco e muitas flores, folhas e natureza.

O primeiro prêmio que reconheceu a qualidade das fotografias de Nadelson remetia a uma parte da sua infância. O concurso promovido pelo Museu do Açúcar de Pernambuco premiou em 1970 a foto do Engenho Boa Vista feita pelo menino de engenho. Além desse, ainda recebeu outros seis prêmios, sendo mais dois primeiros lugares, um segundo e três menções honrosas.

Nos seus 57 anos de fotografia, ele já teve máquinas de diversos tipos e nacionalidades, passando pela alemã Leica, pelas japonesas Nikon e Canon (a que usa atualmente). E admite ainda ter resistên-

cia para passar a usar os novos modelos digitais lançados no mercado. Nadelson acumula em sua residência mais de 30 álbuns de vários tamanhos, além de fotos ampliadas e fotocópias coloridas.

O lado cidadão de Nadelson mostra-se preocupado com a história. Há pouco tempo, por incentivo da esposa, fotografou prédios antigos em Natal, principalmente no bairro da Ribeira, incluindo as Igrejas do Galo e do Rosário, na Cidade Alta. As melhores serão doadas ao Instituto Histórico e Geográfico do RN, onde foi eleito como sócio efetivo.

Mas a contribuição de Nadelson para os registros geográficos do Estado vão muito além dos prédios e dos engenhos. Ele é o responsável por implantar o arquivo fotográfico no Departamento de Estradas e Rodagem (DER/RN). Quando trabalhava no DER, ele viajou todo o Estado com sua máquina fotográfica. Como engenheiro sua missão era desenhar mapas e planos rodoviários. Contou com a ajuda da equipe de desenhistas da Divisão de Estudos e Projetos e, juntos, produziram aproximadamente



# Nadelson José Freire

## Um assumido “menino de engenho”

50 panfletos de inaugurações de rodovias com fotografias de sua autoria. “Tomando as fotografias do trecho, desenhando o mapa de localização, elaborando o leiaute e acompanhando a execução gráfica dos mesmos”, conta o fotógrafo que também elaborou muitos mapas-murais para diversas repartições públicas do Governo do Estado, da Prefeitura do Natal, e para o próprio DER.

### O Poeta

Para a fotografia, ele insiste em dizer que é amador. Quando se trata de poesia, Nadelson se diz “rimador”. “Poesia é algo mais elevado. Trata-se de um elogio que não mereço”, justifica modestamente o escritor já chamado de poeta bissexto pelo presidente da ANL Diógenes da Cunha Lima (segundo o dicionário Aurélio, poeta bissexto é aquele que se dedica excepcionalmente à literatura, produzindo pouco e por essa escassez lembra os anos bissextos).

Meticuloso, sempre esmera a métrica. Começou escrevendo quadras onde contava pequenos casos do seu trabalho no DER. Depois evoluiu para a sextilha e setilha, respectivamente, as quais assina

como “Velho Ambrósio” ou “Ambrósio Freire”, pseudônimo que ganhou do jornalista Woden Madruga, que publicou algumas estrofes de sua autoria no jornal Tribuna do Norte. “O máximo de tudo isso cabe aos repentistas do nosso sertão que fazem de improviso a glosa”, elogia. Além dos repentistas, Nadelson também admira literatura de cordel. Coleciona em um caderno, escrito a mão, várias gírias e verbetes que vai conhecendo. “Sou brasileiro e da terra de (Câmara Cascudo)”.

Nunca pensou em publicar seus escritos rimados. Explica que na maioria são assuntos próximos dele ou de pessoas próximas e acha que por isso não interessaria a quem não está envolvido na convivência. E quando escreve sobre fatos gerais, considera-os transitórios e de pouca duração no tempo. “É o caso do que já escrevi sobre o lançamento do Viagra, do carnaval do Itamar Franco, o lenga-lenga entre ACM e Jäder Barbalho e a candidatura de Miguel Mossoró”.

### Casal, artisticamente falando

Nadelson amava fotografia e amava Nilzete que amava artes plásticas e amava

Nadelson. Na Quadrilha de Drummond não são tão poucos personagens. Mas também não tem um final tão feliz. Nilzete é pedagoga aposentada pela UFRN, a dona do Atelier Claude Monet – Galeria de Arte e esposa de Nadelson. Ela começou a pintar como terapia para distrair a mente e tentar esquecer um incidente que tirou a vida de uma filha. Há oito anos pinta no seu atelier com outras pessoas que, geralmente, formam um grupo de seis ou sete artistas. O espaço fica exatamente na primeira parte da sua residência, com luzes valorizando as cores e uma porta vazada por desenhos do seu marido. Por lá, já passaram mais de 300 alunos.

“Considero meu trabalho eclético porque já pinte com todas essas pessoas”, diz Nilzete que hoje em dia pinta exclusivamente por prazer. Sequer com a pretensão de vender. “As pessoas acham que obras são supérfluas”, explica. Observando alguns quadros é fácil ter a impressão de já ter visto aquelas imagem. Então a artista explica que é uma releitura de uma fotografia do marido. E mais uma vez eles estão ligados... 📷



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

**A**çú, a 210 km de Natal, não tem apenas um solo fértil para o cultivo de frutas tropicais. As terras do Vale do Açú viram nascer poetas desde os tempos em que o lugar era conhecido como Vila Nova da Princesa, em homenagem a Dona Carlota Joaquina, princesa de Portugal. Os casarões de amplas janelas e portas largas, uma das características mais marcantes do município, abrigaram poetas da terra como Sandoval Wanderley, Palmério Filho, João Lins Caldas, Chisquito Amorim e Renato Caldas. Outros que por lá chegaram criaram raízes e não quiseram mais deixar o ambiente propício ao cultivo das letras. A mineira de Lavras, Maria Eugênia Maceira Montenegro, 90 anos, é o exemplo maior da atração que Açú exerce sobre os poetas. “Se continuasse morando em Lavras não seria poeta. O ambiente para a poesia encontrei no Açú”.

A infância nas Minas Gerais foi “muito feliz”. Maria Eugênia diz ter convivido com os cinco irmãos num lar de muito amor. Filha de pai português, o engenheiro e fotógrafo Bernardino Maceira, e de Ricardina Amaral Maceira, nascida em Lavras, teve acesso a bons livros e começou a criar gosto pela literatura. “Narizinho Arrebitado (Monteiro Lobato) era meu livro preferido na infância”. Quando lembra do tempo vivido em companhia da família, a poetisa comenta que “o povo mais antigo se dedicava mais às letras”. Os jovens, diz, não ligam para literatura, preferem outros prazeres.

Dona Gena, como é carinhosamente chamada pelos açuenses, adotou Açú como terra natal por amor a Nelson Borges Montenegro, político e fazendeiro de Ipanguaçu. “Nos conhecemos em Lavras, casamos e viemos embora”. O casal veio morar na Fazenda Itu, próxima a Açú, em 1939. Durante os vinte anos em que morou na zona rural, lia muito e começou a ter contato com o poeta João Lins Caldas, a quem chama de “grande amigo e incentivador”. As horas vagas na fazenda eram ocupadas com discussões literárias e pintura de telas. Começavam a nascer os primeiros poemas.

Já no final dos anos 50, Dona Gena troca a vida na fazenda por um dos casarões na praça da Igreja de São João Batista. “A vida era muito solitária na fazenda”, confessa. A casa da poetisa ganhou uma placa em homenagem à passagem dos seus 90 anos. A construção simples, semelhante às antigas residências senhoriais, ainda guarda algumas lembranças da Fazenda Itu. A sala de entrada tem dois baús antigos com entalhes em madeira e quatro quadros pintados por Maria Eugênia.

A proximidade com outros casarões e o convívio com os poetas terminou fazendo Dona Gena entrar, definitivamente, no mundo das letras. “João Lins Caldas foi um dos maiores poetas do Brasil, e é desconhecido. Me ensinou muito, vivia aqui em casa”. Em dezembro de 2003, em entrevista concedida aos açuenses Gilvan Lopes e Auricéia Antunes, publicada no jornal cultural Rebuliço, a poetisa disse que João Lins Caldas “perdeu muito de sua obra e quando lembrava disso chorava”. O poeta açuense João Lins Caldas, falecido em 1979, teve poemas transmitidos pela BBC de Londres. Maria Eugênia recorda também dos poetas Francisco Amorim, o Chisquito, e Renato Caldas, poeta popular autor de “Fulô do Mato”.

Em 1962, Maria Eugênia, incentivada pelo marido, consegue se eleger prefeita de Ipanguaçu. O incentivo à cultura e educação, conforme recorda, foi sua principal meta nos quatro anos de governo. “Foi uma grande experiência. Promovi muito a cultura, com teatro infantil e recitais poéticos nas escolas”. A poetisa gostaria de ver uma ampla biblioteca ser inaugurada em Açú. “Se Açú tem biblioteca, é muito vagabunda”. Também em 62, Dona Gena publica “Saudade, teu nome é menina”, livro prefaciado por Câmara Cascudo e ilustrado por Newton Navarro. A narrativa conta suas memórias de menina em Lavras.

A escritora nunca abandonou a terra natal. Enviava artigos e poemas para “A Gazeta” e a “Tribuna de Lavras”. Em 1970, os conterrâneos reconheceram o valor de seus escritos concedendo-lhe uma cadeira na Academia Lavrense de Letras. Pouco tempo depois, em 1972, a poetisa aceita o convite feito pelo escritor Veríssimo de Melo para entrar na Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL). Quando entrou na ANL, nem Raquel de Queiroz fazia parte de uma academia literária. “Fui muito bem aceita pelos meus confrades, me ajudaram muito”.

Maria Eugênia, em sua posse na ANL, foi saudada pelo acadêmico Veríssimo de Melo, na noite de 21 de julho de 1972. Veríssimo descreveu a trajetória de vida de Gena e o amor da mineira por Açú. “Nem sempre as jovens damas do Sul, que se transportam para o Nordeste, se adaptam facilmente à existência interiorana. A tendência mais comum da mulher de outras áreas brasileiras é arrastar o marido para sua terra de origem. Maria Eugênia, pelo seu gênio dócil e virtudes de inteligência, adaptou-se tranquilamente à nova vida, passando a ser colaboradora eficiente e ativa do marido, nos serviços assistenciais. Nos seus instantes de lazer, estudava, lia, fazia música, pintava e preparava os livros que mais tarde a credenciariam ao ingresso em nossa instituição”, declarou Veríssimo.

## Obras inéditas

A poetisa diz não ter mais contato com os colegas da ANL e parece sentir falta das antigas visitas que recebia dos poetas açuenses. Dona Gena parou de escrever, mas tem material inédito para publicar dois livros. Segundo Gilvan Lopes, secretário de cultura do Açú, serão publicados em breve “Redomas de luz” (epitáfios) e “Poemas do entardecer”. A poetisa comenta que a poesia está em todo lugar. O poeta tem o dom de ver poesia em tudo. E Açú dos casarios, do vale verde, e de um povo acolhedor, é terra fértil para quem quer escrever. Os primeiros escritos de Dona Gena falavam sempre de amor. A velhice trouxe a solidão. Mesmo assim, seguiu escrevendo contos e alguns artigos. “Poesia sem amor não dá”, diz.

O finalzinho da conversa com Maria Eugênia teve uma surpresa. A poetisa venceu as falhas na memória para recitar um dos seus poemas. Declamou seu amor por Açú, descreveu casarios e agradeceu enormemente a visita. “A maior tristeza é a solidão de quem ama”.

## Livros de Maria Eugênia Montenegro

“Saudade, teu nome é menina” (Memórias)

“Alfar, a que está só” (Ficção)

“Azul solitário” (Poemas)

“Perfil de João Lins Caldas”

“Por que o Américo ficou lelé da cuca” (Infantil)

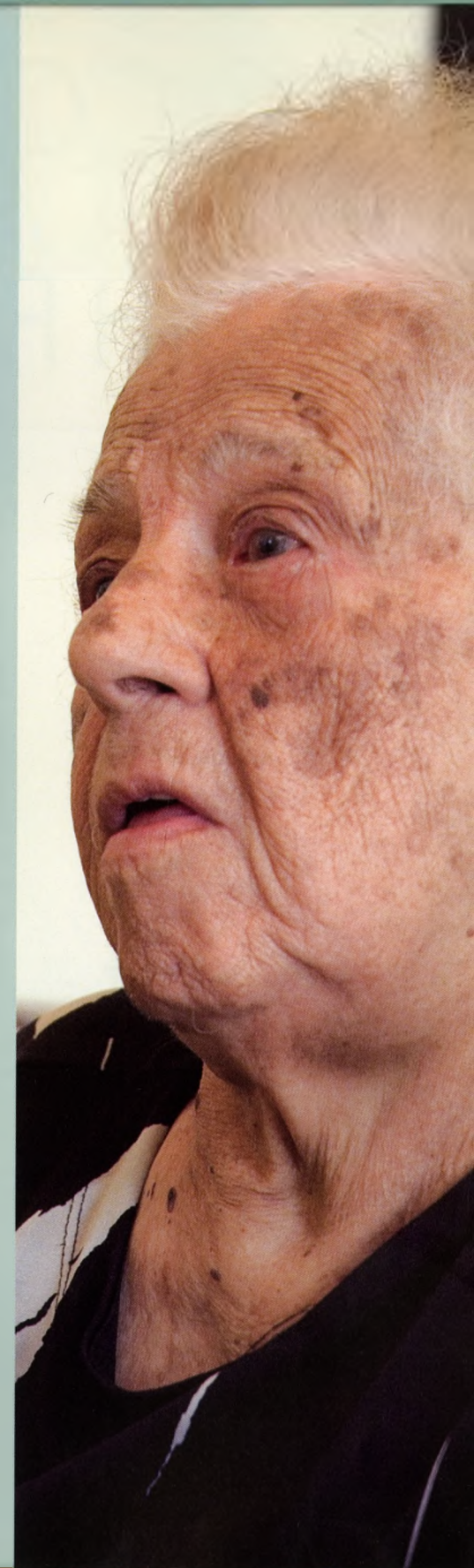
“Lembranças e tradições do Açú”

“A piabinha encantada e outras histórias” (Infantil)

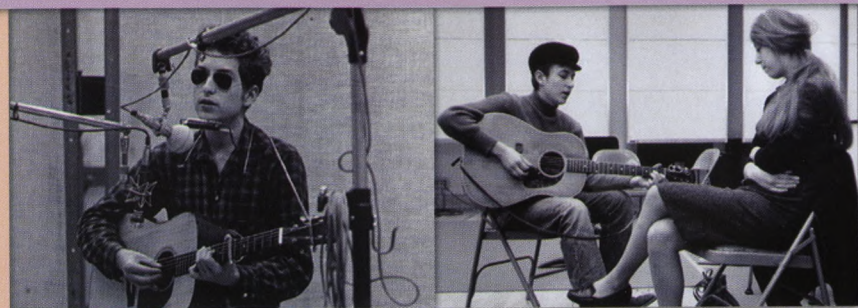
“Lourenço, o sertanejo” (Romance)

“A andorinha sagrada de Vila Flor” (Ficção)

“Todas as Marias” (Contos)



# FOCO POTI GUAR



# Fragmentos

Marcos A. Felipe (<http://focopotiguar.zip.net/>)

**1.** O que tem em comum a cena inicial de “O Eclipse” (1962, de Michelangelo Antonioni), onde Mônica Vitti e Francisco Rabal coreografam a despedida em forma de silêncios; com a cena do peep-show em “Paris, Texas” (1984, de Wim Wenders), em que, a partir de um espelho, Harry Dean Stanton e Nastassja Kinski lembram a impossibilidade do afeto; com as cenas de encontro em “Amor a Flor da Pele” (2000, de Wong Kar-Wai), onde Tony Leung e Maggie Cheung vivem teatralmente falsos amantes e os desejos decorrentes da interpretação da vida? Sempre que empresto meus DVDs, seleciono tais filmes para que outros vejam na ficção o que é viver relacionamentos que não podem ser consumados! ... Quantas histórias como as que viveram esses personagens afetaram nossas trajetórias? Filmes que, quando vistos na e a partir da tradição, encontram semelhanças e continuidades.

**2.** Uma das pérolas do cinema contemporâneo, que estreou em nossa província naquela “salinha de vídeo” do Moviecom, foi “Marcas da Violência” (2005, de David Cronenberg). Tom Stall que, no passado, teve supostamente uma vida voltada para o crime, mora com sua família no interior dos EUA como dono


de um restaurante. Quando, no início, pensamos ver a trajetória de matadores “on the road”, logo Cronenberg inverte para o drama familiar onde os indivíduos não se desvencilham da História e o afeto é maior que todas as coisas. Ao longo do filme, as inversões determinam a formação de significados. Nesse contexto, duas cenas são imbatíveis: a de sexo na escadaria e a cena final tomada por silêncios – inversões de inversões. Em algum momento me fez lembrar “Táxi Driver” (1976, de Martin Scorsese), mas em Scorsese está em jogo a instituição cultural de um país formada por ações históricas concretas e não, simplesmente, pelo desejo ficcional de fazer matar.

**3.** Conversando com um amigo paulista no MSN, Michel Simões, “Cidade Baixa” (2005, de Sérgio Machado) apresenta-se pior que a encomenda. Apesar de exalar cinema a flor da pele com aquela câmera colada nos personagens e os personagens colados no real, o roteiro não possibilita muitas investidas dramáticas. Caracteriza-se muito mais como um filme de direção do que de roteiro, já que suas idas e vindas não fazem o filme avançar, não promovem o desenvolvimento das ações e acabam deixando o “plot” a desejar – o que limita a cena da

briga entre os amigos que, enquanto desfecho, não teve a força que... deveria ter: roda em círculos, fica preso e não vai a lugar nenhum. Parecia briga de mentira: não a representação em si, mas o impacto que ela poderia causar como motivo dramático. Bem filmado, é pouco para ser um grande filme ou o filme que venderam como emblemático do cinema brasileiro pós-retomada.

**4.** Falando em retomada, uma tendência marcante do documentário contemporâneo brasileiro é o “documentário de busca” – aquele em que diretor, tema e filme confluem no processo de realização dentro de uma estrutura de pesquisa, seja afetiva, cinematográfica ou histórica. Lançado em DVD pela VideoFilmes, que está se tornando uma distribuidora importante para o cinema nacional, “Passaporte Húngaro” (2001, de Sandra Kogut) documenta as inúmeras tentativas que sua diretora impetra para obtenção da nacionalidade húngara. Assim, ao mesmo tempo em que procuram a estrutura que sustentará a realização do próprio filme, suas lentes registram um painel onde a memória de uma família judia são emblemas da História do Século XX na sua relação com o

anti-semitismo. Agora, resta saber se em “O Fim e o Princípio” (2005, de Eduardo Coutinho) a busca da montagem reflete e não constrói a busca do processo de realização.

**5.** Também chegou em DVD o documentário “No Direction Home” (2005), de Martin Scorsese, que narra a trajetória do cantor-compositor americano Bob Dylan. Ao abordar o período entre 1961-1966, o filme é um complemento fundamental ao livro de memórias de Robert Allen Zimmerman: “Crônicas Volume Um”. Como documentário, “No Direction Home” estrutura-se basicamente em imagens de arquivo e em uma entrevista feita com Dylan sobre sua trajetória. Como nem mesmo essa entrevista Martin fez com o cantor-compositor que revolucionou a música folk, assim como João Gilberto revolucionou o samba (nota do próprio Dylan em seu livro de memórias), talvez seja melhor pensar o documentário scorseseano a partir do “conceito de autor” e não, simplesmente, de diretor – o que, certamente, nos faz lembrar o trabalho do documentarista Emílio De Antonio (mestre no documentário de arquivo). 



## Minha cantora favorita



Foto: Giovanni Sérgio

### Carlos Gurgel

Ela está acima da média. Ela não tem comparação. Atriz/Cantora. Cantora que interpreta os humores dos inúmeros personagens que compõem a cena desse nosso mundo contemporâneo.

Conterrânea dos vales e das praias que se espalham por entre secas e golpes da paixão litorânea, Valéria Oliveira honra todos nós. Ela confessa, sussurra, confidencia segredos, descobertas e a relíquia dos nossos compassos.

Desse solo ela é, olha e crê que somos todos parceiros. Ramalhetes de banhos da beira de praia, confissões de luais que se

eternizam e a imprescindível preciosidade de ser vista, conquistada, revisitada.

Assim é Valéria e somos nós também. Porque além de Valéria nos confessar amores, ela nos beija também. Ela sabe, como artista que é, frutificar sonhos, pensamentos e as idéias da noite que chega profana e *platéia*.

Pois a noite e Valéria confessam. Enredam a nítida sensação de que tudo não basta. E borrifam a saliva que salva a *beatitude* da cantiga tão antiga e tão nova.

E é tudo tão próximo de tudo que precisamos. A voz de Valéria embala embarcações e os refrões de uma represa que distribui *portos*, repletos de receitas da calma nordestina.

A *letra* de Valéria é como uma lua que confessa sabores. Ela incorpora a limpa linha que costura a espera de quem sonhou com armistícios e calafrios, com nossos ombros que levitam vales, morros e enseadas.

E os ensaios de Valéria são verdadeiros shows. É lá, naquela hora, que a busca pela voz que se quer, principia. E ela reprisa por um triz. Pronuncia cem vezes os mesmos diversos versos. Alimenta com os seus pulmões o violão que lhe admira e lhe acaricia.

O violão, Valéria, a noite e a *letra* é tudo o que se quer. É como um depósito de preciosidades. Precisamente semelhante ao acorde das cordas dos nossos acordos verbais. Que suplicam pelo elenco apinhado de sílabas, salvações e oráculos que nos querem bem.

Como se sabe, Valéria é perfeccionista. Ambicionista das ousadias que em vez de engravidar horas; enobrecem a *platéia* tão carente de loas novas. De recados dados e ditos, benditos e malditos.

É como o fino da tarde, que de tão manhoso, abençoa saxes, sexos e seixos. Seixos de volúpias e nudez e a certeza de quem vai para o céu. O céu da boca de Valéria.

E as oliveiras que banham a frente de Valéria têm cor de legados. São como fontes inesgotáveis do *fazer*. Elas fazem história, porque caminham no bosque onde habitam lindas e loucas línguas. Elas fazem e tecem histórias, porque ousam acordar quem do sono se fez hóspede; quem da fonte não arregaçou lâmpa-

## Minha cantora favorita

das, iluminando o breu da loca, o véu da toca que protege silêncios e enigmas.

Desde então, Valéria encanta os desatados nós que nos encham de cores. Que nos abrigam e nos obrigam a ser pacientes com as mais diversas pulsações. Das mais insuspeitadas razões que demonstram que somos feitos de lágrimas e múltiplas amoras.

É como a luz que vive na aurora dos bichos e do abstrato olhar de quem viu e nem se ouviu. É como a abóbora celeste que de tão desejada se elastece de sóis e runas, à procura do cobertor elegante e bíblicamente dionisíaco.

Pois que ouçamos Valéria. Com toda a sua tribo, com todos os seus espelhos refletidos na fauna do povo nordestino. Mesmo que ampliando horizontes sonoros, agregando volumes do *fiction* mundo contemporâneo.

Ela é cem sombras de dádivas. Ela alegra o coração de quem não sabe o que é paz. Ela desentranha com seu pulôver; o laço, o baque, o saque do que não está no agora. E ela se banha de ouriços. Atiçando a vila e o velho, a vinha e o belo.

Sou seu simpatizante desde o início. Desde suas apresentações no bar da Prudente. Quando garimpava som, *platéia* e a noite. Quando além do apartamento cheio de amigos, ampliava seu violão, sua voz. Quando conseguia perceber que sonhar era o que tinha de ser feito. Quando além da noite e do show, existia a palavra dos que acreditavam nela. Além dela. Além dela própria.

E trilhar o caminho de casa, a areia da praia, a vontade do coração; é o mesmo que viajar para o Japão. O lugar onde se nasce, é onde o mundo está. O lugar onde se está, é onde o mundo nasce. E assim, vindo e rindo, indo e traduzindo, é mesmo o que tem de ser feito. Porque murmurar e arejar rumores é o que nos faz acreditar que somos feitos de ambição e combinações.

Combinações em acreditar na profusão das simpatias, das raízes, das descobertas de outros valores de vida, de música, de verdades. No enriquecimento de experiências com outros lugares. Com outros pomares. Com outros mares.

Porque viajar, e mostrar o trabalho fora, é básico. É essencial. É fundamental. Viajar e levar na mala, letras e loas. Intercambiar com pessoas de olhares diferentes. Provar sabores e saberes. É assim que o mundo gira. Tudo em *instantes movimentos*.

E Valéria embarca e abarca com o seu olhar, com os seus ouvidos o que se faz no outro lado do mundo. Ela embarca nessa e vai longe. Apreende e assume profissionalismo. Sim, porque viajar faz a pessoa ficar mais senhora de si, lá, dó, sol, fá, mi, ré.

Ninguém pode parar. Se movimentar até transmutar. Se mudar. Mudar de nome, endereço, fisionomia e idioma. INTERCAMBIAR COM O MUNDO. Com o nosso quintal. Mesmo que volte para Natal, para rever a cidade. Os amigos. Os de casa. O astral. As praias. O clima. O sol. O céu. E a lua.

E a nossa rua que é tão nua e crua, é como se fosse a cara do mundo. Sim, porque espelhos espalham fagulhas, figuras, pinturas. Retratos são como fotos antigas. São como sombras que se resuscitam, que se abrem e se multiplicam. Igual ao sentimento de quem propõe outros quintais, outras auroras.

Porque quem mexe com arte tem o coração solto. Revolve silêncios e baús. Revisa soluções e respostas. Armazena o tempo e a ilusão dos nossos passos ingênuos e repletos de armadilhas.

Valéria sabe que o mundo é a sua casa. Ela ressoa com a sua música, o pressentimento de que é preciso mudar. De que é preciso se colocar em constante burburinho. Voando com asas de papel orgânico, preservando com as suas evoluções, a realidade de uma terra mais límpida, suave, para os nossos tímpanos já tão sorrateiramente enganados.

E é assim que Valéria se interpreta. Vocalizando através da noite, todos os seus poemas sonoros, todo o seu vocabulário que nos faz pensar sobre o resumo das coisas.

(E imagine se somando todos os seus shows. Somando tudo o que já foi feito. Imagine o volume de tudo isso. O tamanho que vai dar).

Valéria está acima da média, porque ela continua fiel ao seu coração, ela não se deixa levar. Continua como se hoje fosse o primeiro dia da sua arte. Linda e bela. Fértil e básica. Enorme e sonhadora. Igual a tudo que não é passageiro: por ela, simplesmente tudo se ousa.

Honoré Daumier (1867) - D. Quixote, Sancho Pança e a mula morta



### João da Mata (escritor)

**N**o século XVI a Espanha vivia o seu apogeu literário, político e cultural. Era um país rico e poderoso. Para lá iam todo o ouro e a prata retirada das civilizações indígenas americanas recém dominadas, e sob o comando de Felipe II (1527-1598) o império estendia-se pelo Caribe, pelas Américas, e outras partes do continente. Em 1580, quando Portugal é anexado à Espanha, esse império ainda vive seu apogeu. O primeiro livro de Cervantes - "La Galatea", é uma novela pastoril e foi publicado em 1585. Antes, em 1571, Cervantes participa da memorável batalha de Lepanto contra os turcos, vencida pelos espanhóis em 7 de outubro. Nessa batalha, perde o uso da mão esquerda para "a glória de la diestra". A invencível armada é derrotada pelos ingleses em 1588 e a Espanha começa o seu ocaso. Cervantes foi preso, junto com o seu irmão Rodrigo, por piratas berberescos, que os levaram para uma prisão em Argel, onde ficou cativo entre 1575-77. Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) tentou fugir várias vezes, e, provavelmente, começou a escrever o Quixote durante esse período. A 1ª edição da primeira parte do "Dom Quixote" foi publicada em 1605, com o título de "El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha", e a segunda parte saiu em 1615, com o título "El Ingenioso Caballero Don Quijote de la Mancha". Desde então, o livro não parou de ser editado e foi traduzido em todas as línguas do planeta. No ano do IV centenário do famoso livro já foram publicadas dezenas de edições de luxo, populares, recontadas e com novas ilustrações.

### As personagens

Numa pequena aldeia da Mancha, província Espanhola, vivia um fidalgo, homem de costumes rigorosos e decadente fortuna. Don Quijada, Quesada ou Quejano, nisto discordam alguns autores que escreveram sobre o caso. Só mais ao final da novela ficamos sabendo que trata-se de Alonso Quijano. Vivia da exploração de suas propriedades, que mal lhe rendiam para manter uma simples aparência de abundância. Morava com uma sobrinha, com menos de 20 anos, uma criada quarentona e um criado que cuidava do seu cavalo e fazia os serviços do campo. Aos 50 anos, magro, alto, de gestos imponentes e uma certa altivez estudada, era mais conhecido por sua enorme biblioteca, onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de suas terras. De tanto ler foi se distanciando da vida cotidiana e entrando naquele mundo fantástico de encantamentos, batalhas com gigantes e amparo a donzelas. Eram seus amigos o padre da aldeia, o barbeiro e Sansão Carrasco. Para nossa sorte, Quixote sai três vezes de casa. A primeira, sozinho, e duas outras, acompanhado do bom Sancho Pança. Todo cavaleiro tem que ter um fiel escudeiro, e os dois - Dom Quixote e Sancho Pança -, formam um dos pares mais famosos de toda a literatura. À força de tanto ler-imaginar, foi-se distanciando da realidade a ponto de já não poder distinguir em que dimensão vivia. Varando noites e noites à luz de candeieiro, lia e relia e reconstruía, à sua maneira, o desenrolar dos famosos livros de cavalaria.

### Um incorrigível apaixonado

O Dom Quixote é um personagem de ficção que se transforma num mito. Um personagem que encarna alguns dos bens mais preciosos de ser humano: a luta por justiça, a generosidade e a ética. Apesar de todo o sofrimento e loucura do herói, a saga do personagem é mostrada por Cervantes com muito humor. Sigmund Freud aprendeu o espanhol para ler o livro e diz que o leu com muito gozo. Explica: "Dom Quixote é uma figura que não possui humor por si mesma, mas produz com toda obstinação um prazer que podemos qualificar de humorístico, muito embora seu engenho (grifo nosso) esteja longe do humor" (Freud, obras completas - Tomo I). Tudo é artifício e traça, diz D. Quixote.

O que é verdade? - Pergunta Dom Quixote a Sancho Pança, na célebre discussão sobre o Elmo de Mambrino e ele mesmo responde - *A mim parece assim, ou assado, e a outro de outra maneira. Uma bacia de barbeiro vale tanto um Elmo de Mambrino se cumpre a função, se permite a mesma ilusão.*

O poeta Heine, num famoso prefácio a uma edição alemã de 1837, ilustrada por Tony Johannot, lembra os doces momentos da infância passados na companhia do grande livro e diz que chorou quando leu a obra. "Na minha sinceridade de criança, levava tudo muito a sério; quanto mais grotescamente o destino tratasse o pobre herói, mas eu achava



Salvador Dalí (1957) - Dom Quixote (Ed. J. Foret)

que era preciso ser assim, que o destino de ser ridicularizado fazia parte do heroísmo" Alguns estudiosos e leitores do livro identificaram-se mais com um ou outro personagem. Miguel de Unamuno, escreve a "Vida de Don Quijote y Sancho". Franz Kafka, na "Muralha da China", diz que Sancho Pança lê um grande número de livros de Cavalaria e aventuras, visando afastar o seu demônio, que chamará posteriormente de D. Quixote. Borges, em diálogos com Osvaldo Ferrari, fala da sua identificação com Alonso Quijano, e escreve um belo poema em sua homenagem. J. L. Borges comenta: "Alonso Quijano tomou a decisão de ser Dom Quixote e saiu da sua biblioteca. Em compensação, eu sou um tímido Alonso Quijano que não saiu da sua biblioteca - "ou livraria" -, como se dizia então". E Voltaire, outro apaixonado pelo personagem, dizia: "Eu, como o Quixote, invento paixões para exercitar-me".

### O engenhoso fidalgo nas artes e na literatura

A figura do grande cavaleiro inspirou muitos romances, peças de teatro, balés, óperas, filmes, canções e musicais. O Homem de la Mancha foi eleito o melhor musical dos Estados Unidos em 1966. A versão brasileira desse musical teve Bibi Ferreira como Dulcinéia. Massenet (1910) compôs a ópera D. Quixote

# Quixote: Quatro séculos de encantamento



Célestin Nanteuil (1873) - D. Quixote lendo

te baseado em um libreto inspirado livremente no grande personagem. Desde o séc. XVII, com o Purcell, até os dias atuais, muitas composições musicais foram inspiradas no “Cavaleiro da Triste Figura”. Manuel de Falla, inspirado no cap. XXVI, 2ª parte, compôs o “El Retablo de Maese Pedro”. Nas artes plásticas, o Dom Quixote e seus personagens foram registrados, a seu estilo, em todos os movimentos artísticos. A primeira edição de luxo ilustrada do D. Quixote apareceu em Londres, em 1738, com 67 gravuras de Vanderbank e uma biografia de Cervantes pelo valenciano Gregório Mayans y Siscar. As 370 ilustrações românticas de Gustave Doré (1833-1883) foram publicadas inicialmente numa bela edição francesa da L. Hachette (1863). Esses desenhos são copiados na maioria das edições modernas, muitas vezes em péssimas impressões e reproduções. Ainda no Romantismo, foi publicada uma ed. em Madrid com 48 litografias coloridas do litógrafo francês Celestino Nanteuil (1813-1873). O pintor e aquarelista Honoré Daumier (1808-1879) dedicou parte da sua obra a ilustrar, de forma sublime, cenas do Quixote. O pintor, músico, poeta e jardineiro catalão Apeles Mestres, ilustrou a edição monumental Barcelonesa de 1879. Em seguida, saíram as belas ilustrações de José Moreno Carbonero (1898), Daniel Urrabieta Vierge (1901-1902), Gus Bofa (1926-1927), Salvador Dali (1946), Picasso (1955), Portinari (21 desenhos a lápis

de cor - 1956), Newton Navarro (RN), Vasco Prado (RS) e outros que também concorreram para eternizar o Engenhoso Fidalgo e seu par inesquecível.

## Imitado, parodiado e criticado

Desde a sua publicação, há quatro séculos, nunca faltaram imitadores, estudiosos, analistas e podadores do belo texto castelhano. O romance é mesmo um caleidoscópio que dá margem a muitas interpretações e leituras. O livro foi adaptado e traduzido nos mais diferentes idiomas: existe o Quixote para crianças, da família, história de antigamente e da carochinha. Não existe um mesmo leitor para cada leitura do livro. Há quem veja no Quixote a figura do Cristo, piedoso e bom, ou um El Cid, generoso e nobre, sempre a socorrer quem precisa e libertar os oprimidos, nunca esquecendo as regras da cavalaria andante. Para outros, observa Agrippino Grieco em “D. Quixote: Madraço e parasita”: na sátira aos cavaleiros andantes, o autor mostrar-se-ia, antes de Flaubert, atacado pelo mal do bovarismo, combatendo aquilo que mais amava interiormente, praticando aquele grande erro do “eu” sobre si mesmo, que é a essência da filosofia de Jules Gautier. Para Erich Auerbach, ele não tinha rival na representação da realidade comum como uma festa contínua. Cervantes continua sendo até hoje o grande mágico do riso e das lágrimas e, o Dom Quixote não é louco nem idiota, mas alguém que joga de cavaleiro andante, e jogar é uma atividade voluntária -, ao

contrário da loucura e da idiotice, diz Huizinga em *Homo Ludens* (1944). Outro grande leitor de Cervantes é Miguel de Unamuno, um dos leitores mais referidos e comentados. O cavaleiro da triste figura de Unamuno é um homem que busca a sobrevivência e cuja loucura é uma cruzada contra a morte. “Grandiosa era a loucura de Dom Quixote e grandiosa porque grandiosa era a raiz de onde brotava o inextinguível anseio de sobreviver, fonte das mais extravagantes loucuras, e também dos mais heróicos atos”. “La libertad Sancho, es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieram los cielos” (Dom Quixote II, 58). Não há em toda literatura personagem mais livre.

## Cervantes na cultura popular

Do Romanceiro Ibérico, a Literatura de Cordel do Nordeste recebeu forte influência. A literatura de cordel está, inicialmente, ligada a romances ou novelas de cavalaria, histórias de amor, narrativas de guerras, etc. Posteriormente foram incorporados fatos recentes e acontecimentos sociais. Na Espanha -, a Literatura de Cordel era chamada de “Pliegos Suelos” (folhas volantes). Na França, literatura de Colportage.

Das novelas citadas por Cervantes, o “Bernardo del Carpio” fez muito sucesso no Brasil. Vinha como capítulo final do “Carlos Magno e os 12 pares de França”. (Cascardo, L. C. - Com Don Quixote no folclore do Brasil - 1952). Dom Quixote cita a princesa Megalona

na história de Pierres y la Linda Megalona. No entremez Pedro Urdemallas, esse personagem corresponde ao nosso Pedro Malazarte. O “Retábulo das Maravilhas” é inspirado num conto folclórico antigo. Um enganador profissional que exibía para diversas pessoas uma pintura capaz de identificar os que fossem bastardos. A propriedade desta pintura era ser invisível apenas para os bastardos. Os personagens simulam o tempo todo dizendo ver o que não vêem.

## Dom Quixote no Brasil

No Brasil, a 1ª referência explícita ao livro de Cervantes, se encontra em Gregório de Matos, quando ele descreve num poema “as festas a cavalo que se fizeram no terreyro em louvor das onze mil virgens.

[...]

Uma aguilhada por lança  
trabalhava a meio trote,  
qual o moço de Dom Quixote,  
a quem chamam Sancho Pança:

[...]

Num outro poema, Gregório fala: “nas manhas que ele tem de Dom Quixote”.

Antonio José da Silva, o Judeu (1705-RJ, 1739-Lisboa), escreveu a peça “A vida do Grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança”. Peça de teatro, ou ópera jocosa, que estreou em 1733 no teatro do Bairro Alto, em Lisboa, pela

Apeles Mestres (1879) - Aventura dos Moinhos de Vento



# Quixote: Quatro séculos de encantamento

companhia do cômico espanhol Antonio Rodriguez. [...] Antonio José vê a novela de Cervantes como uma peça cômica, sem maiores significações filosóficas. Em 1794, sai a 1ª tradução do Dom Quixote para o Português. Tradução anônima em 6 volumes. Em 1876-1878 é publicada a vulgata das edições do Quixote em língua portuguesa. A edição monumental com tradução dos Viscondes de Castilho e de Azevedo, e prefácio de Pinheiros Chagas que também colaborou na tradução da 2ª parte.

Muitos escritores brasileiros referiram, fizeram citações e poemas em homenagem ao D. Q. e seus personagens. Num poema da juventude, Machado de Assis, escreve:

[...]


*“Cognac! - inspirador de ledos sonhos,*

*Excitante licor de amor ardente,*

*Uma tua garrafa e o Dom Quixote,*

*É passatempo amável!”*

Dom Quixote comparece ao Sítio do Pica-Pau-Amarelo, no Dom Quixote das crianças de Monteiro Lobato. O próprio Cervantes aparece nas “Minas de Prata”, de José de Alencar, e o Capitão Vitorino - um dos personagens de “Fogo Morto” -, de José Lins do Rego, anda nos campos com seu cavalo debilitado (tipo o Rocinante, do Quixote), sempre a defender seus princípios, mesmo que com isso tenha que se haver com encrencas.

Encontramos a dupla Dom Quixote e Sancho nas artes e literatura, bem como na vida. Um complementa o outro. No romance “O Missionário” (1891) - de Inglês de Sousa, a dupla formada por Antonio Moraes - Macário (padre e sacristão) tem correspondência nos protagonistas da imortal novela Cervantina. Quanto ao ensaio brasileiro, pode-se destacar os trabalhos de Brito Broca, Josué Montello, Tiago Dantas, Agrippino Grieco, Viana Moog, João Alexandre Barbosa, Edgar Barbosa e Maria Augusta da Costa Vieira. 

## POESIA POTIGUAR

João Batista de Moraes Neto é natalense (1961), Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CEFET-RN. Publicou “Temporada de Engenhos” (ficção), “A canção e o absurdo revisitados” (ensaio), “Geração Alternativa ou um alô pra Helô” (ensaio).

### Sem título

Poeta sem livro

Obra nebulosa

Vida reles

O crítico faz alta cultura no bar

Trapos, papos, sobras, guardanapos

Uma linha se desdobra em falhada pólvora

A memória hilária

Grava cenas vãs

A moça de província

Quer ser a aurora dos dedos cor de rosa

Que ser a obra mais que o autor

Quer ser a aura amara

Poeta reles

Obra sem livro

Vida nebulosa

As cenas se dissipam

No entardecer sem roteiro

A alma se esvai em névoas



Ricardo Balaca y Orejás Canseco (1880)

- D. Quixote lutando contra os moinhos de vento

Lírica periferia

### O antifraude

rimbaud  
era revoltado  
  
o poeta e a vida  
são mesmo um?  
  
que eu é um outro  
todos sabem  
  
rimbaud  
era terrível  
todas as suas versões são ruins  
nenhuma vida repete a sua  
  
nenhuma iluminação  
nenhuma saison  
se comparam  
  
é tudo um  
fiasco

### Falsa sublimação

Entre o dentro e o fora  
Vagueio  
Nos interstícios  
Mesmo à deriva  
Permaneço  
E sempre vou embora  
Um dia eu volto  
Ou volta e meia  
Entre o campo e a cidade  
O som e o silêncio  
O cio o fastio  
Soam iguais  
Náufragos de rotas opostas  
Numa mesma sorte  
O começo e o fim  
O tudo e o nada  
Noite e madrugada  
Escudos frágeis  
São bóias ao léu  
De um certo fazer banal  
Toda viagem é tudo igual  
Vida toda linguagem  
Fragmento sem sentido  
Nada nada feito ou resolvido  
Tudo parco  
Um mero pão dormido  
Entre o fora e o dentro  
Desnavego  
E me reinvento

### Apontamento do deserto 1

O viajante sabe que a solidão  
Não é o confinamento dos sonhos  
Mas o deserto que fermenta imagens  
  
Solitário, segue a viagem em silêncio  
O caminhante noturno  
Sem roteiros  
  
Solitários, anjos celebram  
O devancio permanente do Barret Studio  
  
A deriva, o barco bêbado  
Sob tempestades de sereias desatentas

### Apontamentos do deserto 2

Faz calor aqui  
E não há metáfora  
Capaz de um eufemismo  
Para essa tarde  
  
Inferno  
Mas há calma no trem  
Pelo deserto  
  
Vozes frias, chacina do raro, ostentação da miséria  
O brinde dos mercenários  
  
Tanto faz Charleville ou Harrar  
Qualquer enigma da palavra  
Há um só caminho para qualquer viajante  
Pistas que se sucedem no caminho

Lírica periférica

### O eu e os outros eus

eu  
tão profundo  
onde há estrelas  
vejo abóboda  
de lâminas fosforescentes de prata

os outros eus  
mais ao rés-do-chão  
são feitos  
de material bastante palpável  
sons palavras cores formas  
e do corpo em pedaços  
que ainda pulsa

### Lírica periferia

rocas redinha  
itinerário de nonada  
impossível pasárgada?  
Sacolejos bacolejos despejos  
Despojos

um rio  
entrelugar de terceiras margens  
mangue sufocado de tantos detritos  
do tercer mundo global

cidade do sol cinzas a mil  
de tantas quartas-feiras sem graça  
gringolândia depredada por buggies  
trogloditas em praias becos ruas  
dunas sem nenhum barato

apenas o tráfico a favor da  
grana graúda apenas o tráfego  
incessante de gente peituda

o hiphop dos guarapes agregados  
da mãe Luíza  
bob conselheiro corisco pop  
de uma cultura em convulsão?

será que o expresso 2222 está na contramão  
da rua de mão única  
das galáxias periféricas?

becos ruas bares avenidas  
encruzilhadas  
rotas sem saída

é tão diversa a cor dos que habitam  
a cidade violada  
qual a saudade que soa  
em pamamirim fields

soa um silêncio que não responde  
à interpelação do olhar  
translúcido à margem do bodum  
dos vestígios dos tempos da cidade

Lírica periferia

# ODE ERRANTE

### Nelson Patriota

(Jornalista e escritor)

*O dia é voraz para quem, personificando o feio  
(não exatamente por razões físicas,  
talvez metafísicas,  
ou possivelmente morais)  
blasfema contra um deus que o injustiçou,  
colocando-o num tempo e numa época  
onde tanta beleza alheia e drama comum  
conspiram e conspurcam a pureza das coisas.  
O mesmo deus afeito ao brinquedo humano  
movimenta a seu bel prazer as marionetes do drama/beleza,  
incessantemente.*

*Mas não para ti, Laura,  
não para pessoas da tua linhagem  
não para quem veio em missão,  
como ocorre contigo.*

*Por ter fundas razões para crer-te entre estes,  
distingo-te, diviso-te, divirjo dos que descrêem  
por poder já relegar o fardo de esperanças de que me vali  
quando ainda não te reconhecia no meio do gênero humano  
e, por essa razão, desesperava com vivas razões do sentido do porvir.  
Conhecer-te foi desprezar o possível futuro  
para poder cuidar com o máximo zelo  
do tempo mais precioso*

*— o agora, que erra entre as sutilíssimas mutações dos relógios*

*e prossegue na fluidez impalpável do tempo real.  
 Isso, com os sentidos em permanente alerta  
 para que nada se perca  
 seja o brilho da tua íris,  
 ou teu olhar espontâneo de espanto  
 seguido de uma breve mas loquaz euforia,  
 às vezes, de uma melancolia cautelosa,  
 por trás da qual diviso sombras  
 que também me convidam àquele sentimento,  
 e o aceito, porque o compartilho contigo.  
 Isso me traz de volta o avantesma da esperança  
 lançando miragens e quimeras, homúnculos e híbridos,  
 ressuscitando ogros, grifos e medusas  
 para nada.  
 Emparelho com os teus passos  
 para senti-los cadenciar teu ritmo interior;  
 fixo a retina no teu sorriso  
 para acompanhar suas comissuras em expansão  
 e seu refluxo que aos poucos devolve-lhe a neutralidade;  
 observo com que frequência baixas a cabeça  
 evitando encarar algo informe ou feio do mundo exterior;  
 sorrio ao contágio do teu sorriso quando te expandes  
 nas asas de um pensamento feliz  
 de uma lembrança bem-vinda  
 de um futuro projetado acima de mil barreiras  
 que se te afiguravam inexpugnáveis até hoje,  
 e que, no prazo médio humano, calculas de difícilíssimo contorno.*

*Por um instante, porém,  
 (só por um instante!)  
 esse futuro impossível parece a ti tão provável!  
 E voltando-te para ti mesma, indagas: "por que não?"  
 Capto a magia desse instante  
 E acrescento-o a outros que vou colecionando  
 na retina interior.  
 E percebo que quando me imagino junto a ti,  
 estou sempre a seguir-te os passos,  
 a ler teu rosto  
 a interpretar teus gestos  
 a adivinhar teus pensamentos.  
 E por instantes, recuo,  
 como quem é flagrado cometendo um ato ilícito.  
 Ou ocorre-me pensar coisas extravagantes,  
 como, por exemplo, deduzir  
 que aquilo que leio no teu semblante  
 pode não passar de meus próprios pensamentos,  
 que projeto em ti.  
 Mas, outra vez, corro na defesa do pensamento inicial  
 e recomponho a seqüência de atos e gestos e olhares  
 e não posso desvencilhar-me da idéia de que seguir-te os passos,  
 ler-te o rosto, adivinhar-te os pensamentos  
 fazem parte dessa experiência de compartilhar afetos  
 e não desesperar com esperanças vãs.  
 Só cuidado de esperanças de que sejas a possibilidade.*

22.11.05

A DERRADEIRA GESTA  
Lampião e Nazarenos  
Guerreando no Sertão



Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

MAUAD



# A derradeira gesta

## José Correia Torres Neto

**A** professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti de Barros, natural de Santana do Ipanema, alto sertão do Estado de Alagoas, é doutora em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-doutora em Antropologia pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Possui diversos trabalhos cuja temática é o catolicismo nordestino. Padre Cícero, Antônio Conselheiro e a “Guerra de Canudos” são exemplos do campo de pesquisa da doutora Luitgarde. No livro “A Derradeira Gesta – Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão”, a pesquisadora apresenta o resultado de 30 anos de trabalho sobre a violência no Nordeste brasileiro. O cangaço e o sertão são analisados na amplitude maior de suas riquezas e questionamentos, abordando o mito de Lampião e todo o universo do homem sertanejo.

Sobre o seu trabalho a professora Luitgarde Oliveira comenta: “A história que analiso se desenvolve entre grupos que não buscaram na migração uma mudança social. Pelo contrário, pelo menos no que se toca aos Nazarenos, transformaram a sobrevivência de uma vila-Nazaré, bem como a preservação de suas famílias e de seu modo de vida, numa questão de honra, em defesa da qual se bateram contra Lampião e todo o cangaço, durante

19 anos. Lampião, por sua vez, mesmo instado pelo Padre Cícero, recusou-se a seguir o exemplo de seu antigo chefe Sinhô Pereira, que se mudou para Goiás e depois Minas Gerais, sobrevivendo até a década de 70. Lampião fica no cangaço até a morte, em julho de 1938, numa grota do sertão de Sergipe, do outro lado do rio São Francisco, em frente à cidade de Piranhas, Estado de Alagoas.”

A seguir entrevista exclusiva da professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti de Barros para a Revista Preá.

**José Correia – Em uma revisão bibliográfica mais aprofundada sobre o cangaço deparamo-nos com muitos autores que não estão comprometidos com a pesquisa acadêmica e tantos outros que realizam estudos norteados pelos princípios da metodologia da pesquisa científica. O que podemos esperar dessas duas linhas de registro: a independente e a acadêmica?**

Luitgarde Oliveira – Não existe linha de registro independente. Embora seja uma produção não-institucional, todo trabalho emana da vontade de alguém, que por sua vez foi mobilizado por algum interesse de produzir o texto. Por exemplo, enquanto eu escrevi uma tese de doutorado sobre o cangaço e a reação dos nordestinos a esse movimento social, Alcino Alves Costa estava tão motivado quanto eu para escrever sobre o tema, e fez um belo trabalho! Temos ambos a

# Lampião e Nazarenos guerreando no sertão

mesma paixão pelo tema e rigor na apresentação dos fatos.

**José Correia – O livro “A Derradeira Gesta – Lampião e Nazarenos Guerreando” está na relação das mais expressivas e legítimas bibliografias sobre o banditismo no Nordeste brasileiro. Quais foram os elementos norteadores e quais os procedimentos de pesquisa utilizados para sua elaboração?**

Luitgarde Oliveira – Depende de quem faz a relação. Existe um livro no Rio Grande do Norte sobre estudiosos do cangaço, no qual meu nome não consta. Obrigada por sua avaliação. O que me norteou primeiramente foi o interesse de conhecer a sociedade nordestina, principalmente a sertaneja, pelo crivo do método científico, já que vivi ali até os 20 anos, quando fui vítima da violência, então de autoridades e pistoleiros, reproduzindo o mundo anterior de autoridades e cangaceiros. Além disso, precisava contribuir para a história das lutas sertanejas, seus santos, bandidos e homens comuns. Utilizei o método etnográfico de pesquisa de campo, história oral, consulta a jornais e documentos de época.

**José Correia – “Meu filho, afaste-se das mulheres, elas deixam o guerreiro mole, os duros, não precisam de fêmeas” – essas palavras, registradas em vasta bibliografia, evidencia o pensamento do ‘Sinhô Pereira’ sobre a entrada da mulher no Cangaço. A derrocada de Lampião em Angicos**

**foi um dos elementos comprovadores dessa teoria?**

Luitgarde Oliveira – Qual a diferença entre o banditismo praticado por homem ou por mulher? O cangaço acabou quando o grupo dirigente do Nordeste, em 1938, governos de Pernambuco, Alagoas e do Rio de Janeiro – a presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool consideraram importante retirar as verbas públicas da “indústria do cangaço”, para subsidiarem as usinas. Foi um remanejamento de poder entre os poderosos do Nordeste. Como Lampião era o braço armado do grupo que enriquecia com o tráfico de influência, armas, munições e víveres para cangaceiros, a prova do crime teria de ser eliminada imediatamente. Nenhum de seus poderosos protetores enfrentou Agamenon Magalhães, Etevlino Lins, Osman Loureiro, Costa Rego, Alfredo de Maia e Barbosa Lima Sobrinho, os verdadeiros articuladores da transferência desses recursos e do destroçamento do cangaço. Com ou sem a presença de mulheres, depois da Conferência do Açúcar em Bruxelas, coiteiros e protetores teriam de arranjar outra fonte de enriquecimento, como refizeram a “indústria da seca” e criaram o “mercado de transação de pistoleiros”. Por que os amigos que o protegiam em Angicos, em vez de avisá-lo foram, eles próprios “mostrar serviço” à nova palavra de ordem da patronagem nordestina?

**José Correia – Apesar dos crimes, assaltos e atitudes desumanas cometidas por Lampião e seus asseclas, o homem nordestino, mais precisamente o homem sertanejo e alguns historiadores, o consideram como ‘um homem além de seu tempo’. Quais os elementos que levaram a esse pensamento?**

Luitgarde Oliveira – Você fala “o homem nordestino, mais precisamente o homem sertanejo e alguns historiadores, o consideram como ‘um homem além de seu tempo’”. Interessante que pesquisando a literatura de cordel, entre 1916 e 1938, não encontrei um poeta popular a favor das atrocidades de Lampião. Enquanto Antônio Silvino, nas pelepas dos contadores, tinha direito de entrar no céu porque tinha algumas virtudes reconhecidas por São Pedro, Lampião foi sempre para o inferno pelo julgamento dos poetas e do povo pobre. Na esteira de estupros, castrações, pessoas ferradas, roubos, incêndios e destruição de tudo que o homem trabalhador construiu numa vida de luta, em mais de 400 entrevistas que fiz ao longo de cerca de 30 anos, é nítida a avaliação do cangaço como tempo de terror, desassossego, correrias, viuvez, desonra e fuga. Imagine-se um povo honrado como foi o sertanejo, se envaidecer de todos os crimes contra a lei de Deus e dos homens de bem! Foi preciso que um homem de bens, médico, senador da República, o alagoano, Dr. Ezechias da Rocha, sob o pseudônimo Zabelê, iniciasse uma linhagem de cor-

# A Derradeira Gesta

## Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão

del para que Lampião começasse a ser mostrado como herói. O que mudou entre a ação de um assaltante invadir uma cidade para saquear, como a tentativa de invasão de Mossoró e os tempos de hoje? Se uma quadrilha armada invadir uma cidade hoje, o povo a receberá com festas ou chamará a polícia? O que dá heroicidade a um bando de pessoas que se recusam a trabalhar, e resolvem viver de assaltar quem trabalha para sustentar a família? Como se deu esse processo de mascaramento de crimes e forjamento de virtudes? Como intelectuais montaram um tal “escudo ético” para esconder ou justificar o rastro de sangue e desolação deixado pelo cangaço nas terras sertanejas? Os beatos, perseguidos e chacinados durante décadas no Nordeste, deixaram como marco de sua passagem no sertão, 22 escolas para moças e órfãos, hospitais, estradas, açudes, cemitérios, escolas em todos os povoados onde viveu uma beata, igreja, e acima de tudo, a mais bela memória de amor ao próximo, solidariedade e trabalho, perfil do sertanejo, além da bravura demonstrada em Canudos. Em Canudos, Pedrão, um dos grandes jagunços da Guerra de Canudos, velho, em 1929 tentou se alistar na volante dos nazarenos porque não queria bandido pisando na terra de “meu Padrinho Conselheiro”. Este sabia a diferença entre construir com o povo e destruir, pelo roubo do suor do resto do próximo, os pobres do sertão. Como um hóspede de governador, protegido de autoridades

corruptas poderia ser um herói lutando a favor do sertanejo miserável?

**José Correia – Existe, relativamente, uma ampla bibliografia sobre o tema “Cangaço”. Qual a análise ou comentários que podem ser elaborados sobre “o que foi” e “o que ainda poderá” ser escrito sobre o mesmo?**

Luitgarde Oliveira – A bibliografia ainda é muito pequena, se considerarmos o sofrimento de um povo triturado numa guerra que durou 22 anos (Lampião estreou no bando dos Porcino, em Alagoas, em 1916, e morreu em 1938). Passaram-se décadas até que o irmão do governador de Sergipe Eromildes de Carvalho, afirmasse em depoimento, transcrito na Derradeira Gesta, que Lampião tomava café da manhã numa das fazendas de seu pai, Antônio Caixeiro. É o início de desvelamento da farsa montada por aqueles que procuravam fabricar um mito capaz de mascarar a hediondez de uma rede de traficantes de armas e munições, delatores de pessoas que condenavam o roubo e o assassinato feitos pelos cangaceiros, como eram os coiteiros e protetores, procurando transformá-los em admiradores do herói popular do sertanejo. Claro que eu gostaria que a história respeitasse mais os fatos concretamente vividos pelos sertanejos, mas sei também que a inventiva humana é capaz de torcer situações, forjar dados e assim a produção sobre o cangaço se multiplicará em versões diferenciadas. Uns por ignorância,

outros por projeções, outros para deliberadamente esconder manchas ancestrais, outros por ingenuidade e, espero, pela descoberta de nova documentação, autores continuarão produzindo novas obras, olhares diferentes sobre o fenômeno, escrevendo, acrescentando mais detalhes e interpretações. De minha parte, continuo com a interpretação adquirida por extenso trabalho de pesquisa de campo e bibliográfica, cantando os versos de Nelson Cavaquinho:

*É o juízo final,*

*A história do bem e do mal*

*Quero ter olhos pra ver*

*A maldade desaparecer!*

# Agenda

Michelli Pessoa (nyla\_br@yahoo.com)

## Centro de Formação Teatral

O Centro de Formação de Teatro, da FJA, oferece em fevereiro espaço livre de montagem para grupos de teatro da cidade ensaiar. Mais informações no Centro de Formação e Pesquisa Teatral, na Av. Hermes da Fonseca, ao lado do Aeroclube, e no telefone: (84) 3212-1663.

## Lançamento de livros

O Sebo Vermelho lançará em janeiro os livros “História do Rio Grande do Norte” (2ª edição), de Fernando Suassuna (Coquinho) e Marlene da Silva Mariz; “Os Revoltos em São Miguel”, reedição de Raimundo Nonato da Silva, sobre a passagem da Coluna Prestes pelo Oeste; “Os Americanos em Natal – RN”, de Lenine Pinto; “Écran Natalense – A História do Cinema em Natal”, de Anchieta Fernandes. Mais informações no Sebo Vermelho: Av. Rio Branco, 705 – Centro - 59025-002 - Telefone (84)9401-9008.

## Casa da Ribeira

No mês de janeiro, a programação da Casa da Ribeira vem diversificada com os grupos Mad Dogs, que apresenta o show “Bar Doce Lar”, nos dias 12, 19 e 26, às 21 horas; C4, lançando o CD “Diferente”, com participação de portadores de necessidades especiais, no dia 13, às 21 horas. O grupo de teatro Clowns de Shakespeare apresenta três espetáculos: “Roda Chico”, nos dias 14, 15, 21, 22, 28 e 29, às 21 horas (sábado) e 20 horas (domingo); o infantil “Fábulas”, nos dias 15, 22 e 29, às 17 horas, e o “Muito Barulho por Quase Nada”, nos dias 20 e 27, às 21 horas; Grupo Café do Vento, com o show “Concerto com o Café do Vento”, no dia 18, às 20 horas. Mais informações no Espaço Cultural Casa da Ribeira, Rua Frei Miguelinho, 52 – Ribeira – 59012-180 e no telefone (84)3211-7710.

## Cidade da Criança

Em fevereiro, a Cidade da Criança inicia com o Domingo Melhor, a prévia do carnaval e no dia 11, acontece o I Festival de Violeiros da Cidade da Criança, com violeiros da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. Mais informações na Cidade da Criança, na Av. Rodrigues Alves, s/nº, vizinho ao Quartel da Polícia Militar. Telefone (84)3232-9757.

## Teatro de Cultura Popular

O TCP a partir de fevereiro está com pauta e portas abertas para os artistas realizarem espetáculos. Informações no telefone: (84)3232-5307.

## Capitania das Artes

Em janeiro, a Capitania das Artes está com programação para Santos Reis, no pátio da Igreja de Santos Reis, sempre às 19h30 horas: dia 02 com Araruna; dia 03 com Pastoril de Tibau; dia 04 Congos de Calçolas; dia 05 Carlos Zens e dia 06 Rafael do Cavaquinho. Informações na Capitania

das Artes, Av. Junqueira Aires, s/nº, Cidade Alta e no telefone (84)3232-4977.

## Teatro Alberto Maranhão

A programação do teatro para janeiro é a seguinte: de 12 a 14, às 21 horas, espetáculo teatral “Traição”, com texto de Nelson Rodrigues, direção de Gabriela Linhares – Companhia Duplo (RJ); dias 15 e 22, às 17 horas, Espetáculo infantil “A Bela e a Fera”, adaptação de Nelson Alexandre, Companhia Paraibana de Teatro; dias 18 e 19, às 21 horas, espetáculo “Achados e Perdidos”, texto de Maitê Proença tendo no elenco Clarissa Dervieluz e Maitê Proença; dia 21, às 21 horas, show de humor “Eu Conto, Vocês Cantam”, com Chico Anísio; dias 28 e 29, às 21 horas, espetáculo “Beijos de Verão”, com Bruno Ferrari, Fernanda Souza, Léo Fuchs e Graziella Schmitt e dia 27, às 21 horas, show “Yunta Taura”, noite internacional de tango de Buenos Aires. Mais informações no Teatro Alberto Maranhão, na Praça Augusto Severo, S/N – Ribeira – Natal – RN – 59.012-380 e no telefone (84) 3232-3669/3232-9704.

## 13 PORT 1 Laurence Bittencourt (jornalista)

**Romancista:** Eulício Faria de Lacerda

**Poeta:** Alex Nascimento

**Livro:** A banalidade do mal: O julgamento de Eichmann em Jerusalém

**Filme:** O Homem de Kiev

**Diretor-cinema:** Charles Chaplin

**Ator/atriz:** Marlon Brando

**Pintor:** Leopoldo Nelson

**Cantor/cantora:** Sarah Vaughan

**Compositor:** Ludwig Van Beethoven

**Música:** Pour Elise

**Peça teatral:** Hamlet

**Intelectual:** Harold Bloom

**Personalidade cultural do RN:** Câmara Cascudo



# Os fantasmas da nossa ópera

Sérgio Vilar

A adaptação do clássico “O Fantasma da Ópera”, do alemão Joel Schumacher (“Garotos Perdidos”, “Batman Eternamente”), para as telonas traz aos expectadores da sétima arte um pouco de um dos maiores espetáculos da Broadway, com quase duas décadas de sucesso, além de um retrato lúcido da sociedade contemporânea. Mesmo fugindo da originalidade do romance gótico do escritor francês Gaston Leroux, mais carregado de suspense e terror e que há quase um século povoa o imaginário do mundo, o filme (um musical), respeita a essência da obra: um gênio da música, com rosto terrivelmente desfigurado, vítima da falta de compaixão de todos, recolhido em seus medos e traumas em um calabouço de teatro parisiense.

O filme tem a fórmula do sucesso: um romance platônico, uma história que

mistura realidade, fantasia e sedução. Mas está longe de ser um “Titanic”. O superficial não comparece à casa de ópera parisiense, em que se passa o filme. O roteiro não inova. Nem poderia. O mérito da obra está em sua recriação. O clássico de Gaston Leroux se mostra ainda uma metáfora do mundo contemporâneo, com seus traumas, preconceitos e angústias, encarnados no “Fantasma da Ópera”, interpretado por Gerard Butler (“A Origem da Vida”). Mesmo exibido pelas telas de cinema e sendo uma transposição da peça teatral da Broadway, em um hibridismo entre arte performática e cinema, a magia melancólica da obra literária permaneceu.

A história do “Fantasma da Ópera” é original pela criatividade em que foi gerada, ainda em 1911: um menino atordoado desde a infância por um acidente que deformou metade de seu rosto e, desde então, passou a morar em um calabouço de teatro. Cresceu a ouvir os gênios da mú-

sica, as óperas clássicas e tornou-se um gênio da música. Mas, sempre escondido em algum recanto do teatro, com medo de mostrar sua deficiência e receber de volta o espanto hipócrita dos presentes.

O recolhimento da criança, do adolescente, do homem que se transformaria mais tarde no “Fantasma da Ópera” mostra um sentimento de culpa, de castigo, de exigência demasiada da misericórdia humana. Temas sempre presentes na obra do escritor Dostoievski, expoente do realismo russo e que se mostra ainda atual. E, como ninguém permanece a mesma pessoa após ler Dostoievski, há que se imaginar a profundidade da obra de Gaston Leroux.

Além do preconceito que faz do Fantasma uma vítima social, excluída dos acontecimentos do mundo, o “Anjo da Música” também carrega uma tristeza infanda, como um vampiro preso em sua imortalidade, condenado aos desamores da vida eterna. Sua vida é a construção



perfeita e impiedosa da sociedade moderna, alimentada pela hipocrisia em que se tornou a vida: preconceitos encobertos ou camuflados; mundo de aparência que esconde frustrações e medos; individualismo e impiedade para com o diferente, nas variadas vertentes de exclusão. São estes os rostos perdidos nas espumas da contemporaneidade, nas calçadas do cotidiano: fantasmas de uma mesma ópera.

A personagem de Christine, interpretada pela atriz Emmy Rossum, que repete a bela atuação de “Sobre Meninos e Lobos”, provoca o amor contido do protagonista. Ela é a metáfora daqueles que tentam se salvar ou fugir da desordem do mundo; saudosa, sempre a relembrar o passado mais alegre; confusa neste tempo presente, frágil, influenciada e ensinada na arte da música pelo “Fantasma da Ópera”: o retrato do caos da vida moderna.

O Fantasma da Ópera se apaixona pela sua pupila e vê em Christine o seu lado perfeito, uma metade que se faz inteira. Christine é o retrato da pureza, do não-preconceito contra sua deformidade, a materialização da compaixão. Mas, com o sucesso crescente na companhia de teatro, graças ao Fantasma da Ópera, Christine conhece Raoul (Patrick Wilson), que se mostra interessado em patrocinar o espetáculo. Ambos se apaixonam, o que gera a fúria do Fantasma. A revolta contida, construída pelo desprezo que sentiu de todos durante sua vida, inclusive da mãe, por sua deformidade, transforma-se em vingança. O Fantasma da Ópera se mostra então um misto de anjo-demônio, carregado de amor incompreendido que o faz cometer assassinatos imperdoáveis. Ele é metade essência humana, extasiado de amor, e metade vingança, produzida pelo meio em que vive. E aí o autor do clássico faz um jogo entre espectador e obra, questionando conceitos

existenciais: reside no Fantasma da Ópera a verdadeira beleza da vida?

O Fantasma da Ópera já recebeu três indicações ao Oscar, como melhor fotografia, direção de arte e canção original, com “Learn to Be Lonely”, composição do próprio diretor da peça da Broadway, Andrew Lloyd Webber. A luz amarelada com penumbras ao lado, imposta no filme como verdadeira mostra de um teatro antigo, deve render ao inglês John Mathieson o Oscar de melhor fotografia, derrubando o belo trabalho de Robert Richardson, em “O Aviador”. As sombras que escondiam o “lado horrendo” do Fantasma da Ópera também foram bem sacadas, explorando a fisionomia triste do protagonista ou mesmo o figurino dos personagens, proporcionando ao filme um misto de luxo e decadência. O filme é uma grande ópera; a ópera do Fantasma, onde toda a trama gira em torno de seu drama psicológico, seus desejos e suas vontades confusas. ■



## R. Leontino Filho

(Poeta e professor da UERN, autor dos livros de poemas *Cidade Íntima* e *Sagrações ao Meio*, entre outros)

O ofício de ser memória em plena solidão, de ser ponte em deserta paisagem, de ser rio em mar de linguagem, de ser fúria em dobras de paz, de ser infinito na onipresença vaga do familiar, de ser desmedida sanha em surdo reino da imaginação, de ser reverberação contínua num cosmos ficcional, de ser obsessão mal disfarçada em autêntica escritura, de ser imagem seminal em epifania sob a pele da palavra, de ser elemento central fora do eixo da existência, de ser destino em áspera vereda do espírito, de ser espaço feito pulsação em surdina de tempo, de ser movimento subter-

# Ascendino Leite

râneo ao derredor da beleza, de ser exuberante e por natureza ímpar, de ser encharcado pelas metáforas e as viravoltas acanhadas do mundo, de ser discreto pivô na semiliberdade da utopia, de ser surpresa em cada fragmento da razão, de ser radical nos solavancos da partida, de ser inquieto na alteridade das duras penas por viver, de ser reminiscência nos malassombros da evocação, de ser revelação no escondimento da lembrança, de ser eternamente inteiro na espiral do espanto. De ser, enfim, na ilha de todos os começos, uma porção de coisas quando tudo vale a pena dizer: ser-ofício.

Desse ofício-ser que é expressão de um grande mergulho do artista para dentro de si mesmo, compõe-se a obra do escritor Ascendino Leite (*Conceição do Piancó/PB*, 1915). Uma obra que encarna, sob todos os ângulos, a devoção intensa e completa do indivíduo que, atrelado a sua sina, amplia o campo lingüístico e poético da polifonia semântica que rastreia a noção de equilíbrio do discurso. Em quase sete décadas de efervescente escritura, de arguta observação e reflexão do mundo, a vasta bibliografia de Ascendino Leite – já ultrapassou os 50 títulos –, propõe no percurso desse diálogo com os limites, em seu estilo luminoso e escorreito, a captura do sublime instante que se espraia nas miudezas da vida. A literatura, em mãos tão hábeis, faz-se campo fértil da fantasia ao mesmo tempo em que discorre sobre a realidade objetiva dos dias. A literatura, em estado concentrado e necessário do dizer, narra os sentidos que, ancorados no caos insuperável da própria vida, empreende a viagem sem retorno

# da eterna chama, o ser

ao chão inabarcável do pensar. Uma literatura feita de verdades e, sobretudo, também, de inesgotável imaginação.

Ascendino Leite é, nesse ofício, senhor de todas as evocações vívidas. Com sua prosa vigorosa e arrebatadora, o escritor move os ponteiros do tempo, ciente de que o tempo é sempre a matéria-prima de todos os romances, de todos os ensaios, de todas as reportagens, de todas as traduções e, como não poderia ser diferente, de todos os poemas. A poesia, à espreita do inaudito, vasculha o universo das ambigüidades; em seu jogo meditativo, ela segue por entre o tecido invisível do olhar e acentua a grandeza da voz que particulariza cada gesto do ser. Dessa poesia, onde o poeta é uma espécie de anti-herói contemporâneo, a obra de Ascendino Leite está repleta. O poeta é sempre anterior ao prosador, seja ele repórter, romancista, contista, crítico, ensaísta ou tradutor, pois, o olhar poético flagra o instante inesperado e move-se, na imensa maioria das vezes, pelo terreno sinuoso e movediço das interrogações. Cada olhar do poeta sinaliza para a construção de questionamentos onde a verdade – contida em sua fúria de afetos – é costurada por fios irônicos, dando vazão a uma arte personalíssima exercitada por um autor igualmente personalíssimo: Ascendino Leite.

Agindo dentro do corpo da memória, Ascendino Leite vasculha, proustianamente, cada assunto que a existência lhe dita. Apresenta-se como romancista, a partir de quatro narrativas: “A viúva branca” (1953), “O salto mortal” (1958), “A prisão” (1958) e “O brasileiro” (1962). A presença de Stendhal na ficção ascendiniana é marcante, isso pode ser sentido nos primeiros instantes de “A viúva branca”, sobretudo quando a figura feminina passa pelos abismáticos caminhos amorosos seduzida por enigmas que só o tempo é capaz de solucionar. A mulher deambula nessas páginas tocada pela força dramática das lembranças que carrega em sua solidão. “A viúva branca” é, para se dizer em brevíssimas linhas, um acontecimento literário dos mais importantes, visto que o autor, municiado de técnica e amparado pelo olhar prenhe de imaginação, lega-nos uma história complexa e, por que não dizer, impressa nos dramas que campeiam a vida de cada indivíduo.

Confidências e indagações surgem no melhor estilo. Ascendino Leite, romancista, estabelece relações harmoniosas que visam, principalmente, provocar no leitor as mais inquietas perguntas. Instalado no coração das lendas, interessa-lhe armar o jogo narrativo, valorizando, sobremaneira, a confluência dos discursos. No rigor de sua fala, o romancista,

espécie de quase discípulo de Machado de Assis, detalha ironicamente, em “A prisão”, os misteriosos caminhos do destino. A reflexão irônica do ficcionista atinge, na introspecção de cada personagem, a provocativa força que o silêncio exerce sobre as pessoas, uma força que é capaz de mudar roteiros e sinalizar para novas atitudes. Mais uma vez, ressalte-se a intensidade psicológica do feminino na ficção ascendiniana: a mulher, em seus detalhes minudentes, transporta em vestes de tragicidade e humor toda a benquerença das jornadas. “A viúva branca” e “A prisão” são narrativas costuradas com mão de mestre. O romancista junta a um só tempo humor, transcendência, lirismo e mistério.

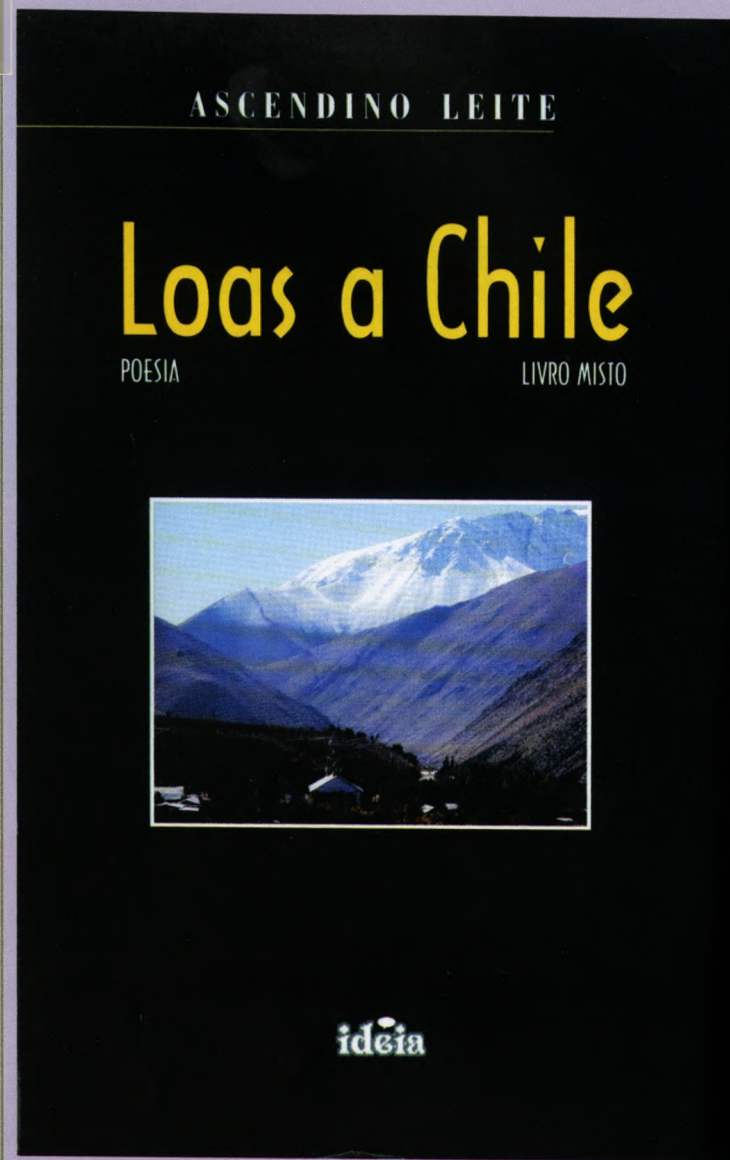
De igual modo ou de maneira vária, pode-se ler as duas outras peças fictícias de Ascendino Leite: “O salto mortal” e “O brasileiro”. A primeira alarga os horizontes do ser no momento em que mergulha nos fatos corriqueiros e menos assépticos do cotidiano – todo salto em sua grandeza é símbolo de perigo, e sem correr perigos o homem se apequena. Da segunda, tem-se a mais percuciente análise do humano. O romance de sondagem psicológica, nos moldes de um Otávio de Faria, de um Lúcio Cardoso, de um Cornélio Pena, de um Cyro dos Anjos, dentre outros, introduz a discussão da verdade do ser em permanente conflito

# Ascendino Leite

com a sua fraqueza. Diante desse processo que faz o homem rir de si mesmo, o narrador confiável passa a ser aquele que no excesso de franqueza diz de si próprio as mais inusitadas sombras de verdade – o real, o mais das vezes, está muito bem guardado nas sobras da imaginação que o próprio homem tenta a todo instante sonegar ao próximo. Encerre-se esta rapidíssima incursão pela ficção ascendiniana, grifando alguns poucos nomes femininos que com grandeza narrativa e dolência poética passeiam pelas páginas desses quatro romances: Ângela (“A viúva branca”) tecida em fímbrias de paixão e fulgurante desespero; Celeste (“A prisão”) cavoucada nas feridas do homem em desumana perdição e Leninha (“O brasileiro”) estranha a si mesma tanto quanto a mais anônima das mulheres presente em “O salto mortal”.

Faz-se, aqui, nova pausa, dessa feita para realçar, no átimo de um parágrafo o que Ascendino Leite, com sua peculiar visão de mundo, construiu ao longo do tempo: “O jornal literário” que, hoje, alcança mais de 25 títulos. Em sua jornada criativa, o memorialista registra, diuturnamente, tudo o que a razão dita e a emoção captura. “O jornal literário” é uma fonte inesgotável de sabedoria e um manancial de reflexão sobre a vida cultural brasileira das últimas seis décadas. Com riqueza de detalhes e sutil ironia, o autor retrata os momentos mais marcantes que vivenciou e, sobretudo, analisa a vida literária brasileira e internacional a partir dos autores e das obras que o marcaram. O diurnalismo, esse sopro vital que, anonimamente, ergue-se inimitável, conciso e elíptico na pena ascendiniana e faz desses relatos, quase sempre centrados na auto-ironia do autor, espécies de

metanarrativas de um escritor total, um ser em pleno exercício da vida. Como ele próprio afirma em “Caracóis na praia” (2001): “Meu jornal é a massa espiritual que me define. Meu jornal é o sonho. Escrivê-lo: a mais forte e estimulante das minhas razões de viver”. Para fechar ou quem sabe escancarar ainda mais a porta dos afetos, acende-se o pavio poético no dito de Pedro Nava: “Todo ser humano tenta criar uma marca para se perpetuar, manter viva a sua chama”. A chama ascendiniana navega nas bordas da poesia e alcança os sonhos do ser – ofício de eternas surpresas. ■



## Engenho e Arte em Paulo de Tarso Correia de Melo

Márcio Simões (Poeta)

O que se quer, que efeito ou resultado, com um livro de poesia tendo por base temática as vivências e desventuras de personagens circunscritas ao ambiente interiorano de uma cidade canavieira que vive a decadência de sua aristocracia de senhores de engenho, e conseqüentemente de sua economia e sociedade, após a implantação de uma usina açucareira?

A idéia geral da obra “Rio dos Homens” (Edições Bagaço, Recife, 2002, 122p.), do norte-rio-grandense Paulo de Tarso Correia de Melo, parece nos remeter a um ambiente onde se pode, e se quer, tematizar com riqueza conflitos humanos variados e aparentes – universalizando-os através do trato literário (é citadíssima a frase de Tolstoi: “Fale de sua aldeia e falarás do mundo”).

Corre-se sempre o risco, porém, de uma generalização de caráter desfigurador, erro em que o autor não incorre: seu livro, dividido em seis partes (Santos Lugares, Humanos Sacramentos, Pecados Interioranos, Manifestações do Culto, Sobras de Misericórdia, Objetos Profanos), é uma autêntica e verossímil captação do ambiente de uma cidade do interior – como se pode vivenciar ainda hoje em povoações sertão adentro de nosso estado, localidade e ambiente que o poeta absorveu com sensibilidade e mimetiza com vivacidade e sabor.

Em “Rio dos Homens”, cidade imaginária, localizada entre o litoral do Maranhão e a Baixada Fluminense, está tudo o que o interior contém de mais rico: os pontos de encontro, as vivências sociais, o falatório da vida alheia que todo mundo sabe, as misérias e pretensas grandezas pessoais, o rico anedotário social das cidades pequenas recheado de conteúdo dramático e sua vasta fauna de personagens e histórias singulares; mas que podiam situar-se em qualquer interior do nosso estado.

E vai ser principalmente nisto que se fundamentarão seus poemas: no relato pitoresco, anedótico até, das acontecimentos da vida interiorana, nas quais o riso conhece não poucas vezes a sua outra medida na ironia, traço característico e marcante do livro, e que empresta ao pitoresco despretenso interiorano o caráter crítico do homem culto da cidade grande.

É justamente nessa relação entre o pitoresco e o irônico – por vezes mordaz, crítico; noutras lacônico, quase lamentativo, sempre significativo – que vai estar a mais forte força dialética do livro, marca de sua tensão expressiva: a ironia como representação, como espécie de chaga exposta, portanto deletéria, da decadência social que vivem as pessoas/personagens de Rio dos Homens, de sua miséria e pequenez – seu símbolo leitor.

Numa das sacadas mais geniais do livro – o desdobramento do eu-lírico (narrador) em várias personagens, ou até coisas, distintas – o autor assume por vezes a identidade de uma criança para com isso ressaltar de maneira ferina a inocência infantil em relação à hipocrisia do mundo adulto.

Toda essa riqueza e simbolismo de relacionamento humano se ressaltam retratados num estilo que se sobressai por sua criatividade na transformação das idéias temáticas em texto poético; o que se dá pela consciência das formas e por um senso de medida justíssimo; de onde surge uma poesia

## Rio dos Homens

Paulo de Tarso Correia de Melo



de aparente simplicidade, mas bastante elaborada; de sintaxe solta e marcada pela oralidade, inteligente em sua síntese e capacidade de concisão, limpa, fluente de leitura, bem untada e sem restos de embromação ou verborragia: – poesia de quem sabe realmente o que faz, de um poeta inventivo na medida em que traz o novo não na invenção de novas formas, mas no arranjo original e envolvente (chega a lembrar o Oswald no talento para o poema rápido, livre e curto, branco, de tom pitoresco e irônico).

Trata-se, pois, pela capacidade de criação poética, pelo domínio das formas, pela força simbólica e representativa de seus poemas, da maneira como tematiza vidas, causos e personagens do ambiente interiorano, por haver obtido seu efeito desejado – converter-se em metáfora de todo e qualquer lugar – de um livro fora do ordinário, de uma das vertentes da melhor poesia produzida no Estado. ■



Ilustração: Mario Cesar Rasec (Técnica: pintura, fotografia e photoshop)

## Tarcisio Rosas (Sociólogo e contista)

Olhar comprido e o ligeiro esgar de sorriso do velho homem do Rio denunciavam a tristeza que lhe invadia a alma. Observava os barcos partindo em procura do mar. Quantas vezes fizera aquele percurso!... Nos mangues próximos, crianças em alegre algazarra pescavam aratus, siris, caranguejos e outros exóticos animálculos, vez por outra afastando-se do lamaçal e mergulhando nas águas turvas, outrora límpidas, do Potengi. Eles deviam estar na escola mas, nesses tempos difíceis, era questão de sobrevivência participarem da formação da renda familiar. Sentado em pequeno tamborete à porta do velho barraco, coisa de dez horas, pôs-se a imaginar sua época e os ralhos de sua mãe, uma morena de corpo arredondado, voz forte e coração mole: “Zequinha, onde você se meteu, moleque?!”, gritava a cada instante. Sorriu, mais uma vez, um não-sei-quê de nostálgico desenhando-se-lhe nas comissuras dos lábios. Crianças são muito irrequietas.

Uma asa-delta fez acrobacias sobre sua cabeça e mergulhou, lépida, desaparecendo em direção à Redinha, enquanto

portentoso navio resfolegava no porto em formidáveis urros e um carro em alta velocidade cruzava a ponte de Igapó, demandando as praias do litoral norte. O homem balançou a cabeça. “O alvoroço é o mal deste tempo!”, refletiu, aduzindo: “só há progresso nas máquinas”. A tecnologia, mais aperfeiçoada a cada instante, vai deixando pra trás valores humanos antes tidos como indiscutíveis. Esta a essência do seu raciocínio.

Na verdade, não foi uma impressão de momento; mais que isso, aquela visão de mundo se encorpora ao longo dos últimos anos, intensificando-se sobretudo desde quando se aposentara. Vê-se, a pressa é um estado de espírito próprio aos jovens. Paradoxalmente, os velhos parecem ter todo o tempo do mundo.

Tornando a fixar os garotos, pouco a pouco, como imagens em *dégradé*, o conjunto de gestos e cores passou a se confundir com cenas do remoto e esquecido passado, para cujos pensamentos terá contribuído o sensual e intimista ruído das marolas lambendo os suportes das palafitas.

2

A água fria aos seus pés e a ânsia de se atirar ao rio, como os colegas da mesma idade, causavam alguma coisa intermedi-

ária entre a euforia e o medo, algo como uma irresistível excitação pelo desejo de encarar o desconhecido. Zequinha hesitou. Além do mais, estava bastante nítida em sua memória o acidente que vitimara Silva, outro garoto daquela comunidade, apenas dois anos antes. Tinha então cinco anos, mas a celeuma da vizinhança e o desespero da família pareciam se haver cristalizado em suas retinas, tornando-o menos afoito. Decidiu-se, enfim, tocando os dedos da mão direita na água e benzendo-se. Deu mais dois passos e mergulhou, sentindo confortável sensação de tepidez na pele. Emergindo cinco metros adiante, deu algumas braçadas e aproximou-se dos companheiros.

“Zeca, cadê ocê, diacho?!”, gritava uma mulher ainda jovem, não obstante o excesso de rugas no rosto de pele curtida e as mãos calosas, de dedos grossos e unhas malcuidadas. “O condenado desse menino ainda acaba me tirando o juízo, ave-maria!”, prosseguia a resmungona lavadeira. Na verdade, Maria não era lavadeira; apenas se desincumbia dessa tarefa naquele momento. Aliás, a cada instante do dia tinha uma tarefa a cumprir, como cozinhar, varrer o mocambo, lavar e passar roupas, tomar conta dos meninos e, ainda, ajudar o marido num quiosque

anexo preparando bolos, pastéis e cocadas à noite.

O Zeca apareceu, finalmente, no entanto aos gritos: um molusco aferrara-se ao seu calcanhar como uma tenaz e ele, apavorado, sentia calafrios. Pulando num pé só procurou o aconchego da mãe, o que se revelou iniciativa pouco alvissareira. Rugiu ela, então: “Desgraçado, só assim tu me procura, né?!”, e, aditou a boanova: “Vou te quebrar no pau, infeliz!”. O jovem sentiu-se encurralado entre a pata do caranguejo e a ira materna.

3

Semidesperto, o velho levantou o pé e automaticamente acariciou a cicatriz esbranquecida. Àquela noite tivera febre e delírios mas nunca mais desobedecera a mãe. “Não há mais crianças como naquele tempo” - sentenciou.

Nuvens escuras perpassavam o céu, antes apropriado às asas-delta de vôos juvenis. Esfregou os olhos, bocejou. Absorto em suas divagações não percebera que o tempo, apesar de sua serena ociosidade, não parara e a tarde se fizera alta. Olhou uma última vez os manguezais meio-destruídos pela poluição. Tudo em volta estava quieto, irrepreensivelmente quieto. Não havia mais pressa.

Claro, não havia mais crianças. ▣

# Meninos do Potengi



Ilustração: Roncalli (Técnica: lápis de cor e gauche)

### Roberta Assunção (Poeta)

**É** o quarto abafado apesar do ventilador ligado a lhe dar calafrios na nuca. Tudo o que ela respira é sua própria expiração. Sente-se embebida em sua essência. A cadeira de rede vermelha traja um vestido preto suado. Um grande espelho e nele fotos: um rosto desenhado a pó, sombra e batom. Parada ali ela não resiste ao fascínio e seus olhos insistem numa observação minuciosa de um reflexo tão vivo. Encara as próprias pupilas curiosamente e ri do jeito como dilatam e contraem naqueles olhos d'água. Deixa-se seduzir por um instante e contempla o riso malicioso da boca larga de lábios carnudos mordiscados pela alva denticção. Encanta-se com as maçãs róseas de seu rosto. Desfaz o sorriso e deixa-se estar com a boca entreaberta e esbaforida que mancha de leve o espelho com seu calor. Passa a mão entre os cabelos e os retêm a fim de analisar melhor a imagem que tanto a atrai. Afasta-se receosa e a luz prata que invade aquela atmosfera faz lembrar das estrelas descaradas como testemunhas. Cerra as cortinas e volta a mergulhar em si.

Caminha deixando sentir o movimento dos seus quadris. Pé ante pé, vai controlando o corpo e provocando uma dança suave. Acende um incenso de canela, põe uma música, e se deixa levar. Volta ao espelho, se endireita e faz pose. Sente-se tola! Gargalha de uma forma gostosa e reconfortante preenchendo todo o quarto. Sente-se garbosa com o longo pescoço e o colo largo a pedirem afagos. Fita os ossos que ferem sutilmente a pele e acompanha-os com os dedos até os ombros. Deixa cair as mãos pelos braços trêmulos até que os dedos se encaixem. Põe o indicador na boca rosada, quase puerilmente, enquanto seus olhos contam seus sinais – constelações particulares a roubarem a monotonia da pele de leite. Acha-os nos seios e fica a encarar seus mamilos. Toca-os com o dedo inda úmido e nota-os rijos. Enrubesce e tenta escondê-los nas mãos, mas só agora se dá conta do quanto cresceram. Recorda as inúmeras mulheres sendo sensuais em poses semelhantes e tenta enxergá-las em si...

Passa a unha no ventre, brincando de outicar os próprios pêlos. Provoca-se. Passa pelo umbigo, segue para as costas,

pressionando-as forte, como a massageá-las. Tenta enxergá-las através do espelho, mas não vê muita coisa. Fita as ancas largas e as nádegas redondas. Nádegas! Não era necessário pudor com seu corpo. A posição incômoda lhe doía o pescoço. Deixa de fitar a bunda para apalpá-la. Descobre-a maior e mais firme do que imaginara. Aperta-a, mas talvez só encontre graça nas mãos de outrem. Desce pelas pernas longas e roliças até os pés. Procura fazer cócegas, mas não ri e confortadamente começa o caminho inverso. Retêm as mãos atrás do joelho, região quente e sensível. E, um pouco agressiva, atrita as palmas na parte interna das coxas. O olfato já sente cheiro de pecado latejante. Ela se deixa cair na cama e finalmente cai em si...

Tenta organizar seu escarcéu interior, mas já não pode. É cada vez mais tarde nessa noite escancarada. Num caminhar paulatino suas mãos, pungidamente, chegam ao seu sexo. A princípio não reage, sentindo a fonte inesgotável de suas atuais energias. Inicia o toque sem malícia do reconhecimento que vai se transformando em carícias úmidas. Explorando seu sexo feminino e oculto, ela

explora-se por dentro. Faces rubras num misto de vergonha e prazer. Sente-se suar, exalando a sexualidade escondida. Os dedos se apressam maestralmente e dedilham uma música inata. E molhados e quentes e instintivos não cessam. A outra mão acha se recanto. Como numa fisgada de uma dor que não dói, ela vai suspirando, se contorcendo. As pernas tremulam e ela quase desiste. Do seu âmago, sem querer, liberta gemidos. Sente-se entorpecida no êxtase reconfortante que não se finda em si.

Deixa-se fazer na cama por alguns instantes. Banha-se como a se limpar, mas se revigora. Volta ao quarto e desfaz o cenário. Forra a cama que ainda cheira a sexo solitário. Despe a cadeira de rede vermelha, sua cúmplice, e põe a roupa no corpo mapeado. Volta a encarar o espelho para pentear risonha as melenas negras. Enrola o terço no punho e encaixa-o entre os dedos, procurando sentir cada conta. Acostumou-se com a penitência de cinco ave-maria e dez padres-nossos, seguidos de um dia de jejum. Abre o livro grosso de capa preta na cabeceira e lê contente a história de um deus que criou homens, mulheres e maçãs. ■

## Caio Flávio Fernandes de Oliveira

(Escritor)

**Z**é de Cenira é um velho duro e empertigado, apesar dos 85 anos de vida árdua trabalhando na enxada e no tocar do gado. Nas minhas andanças por esse sertão de Deus, sempre assuntando com velhos sertanejos, tive a honra e o privilégio de conhecê-lo. E dele ouvi a história seguinte, que passo adiante com muito gosto:

– Doutor, o senhor num sabe como é triste a velhice. A gente sente as forças indo embora, sem dó nem piedade, deixando o homem sem vontade pra nada. No começo é a vista que fica cansada, e os braços vão ficando curtos para poder ler alguma coisa. Depois, começa a levantar de noite pra urinar, se não tiver cuidado e for rápido fura o fundo da rede com o mijo quente da madrugada. E as pernas vão ficando fracas e sem firmeza. Se não prestar a atenção e der um tropeço fica como compadre Nestor, que depois de uma queda nunca mais andou. Dizem os médicos que quebrou o osso da perna. Osso de velho quebra igualzinho a galho seco, basta uma pancadinha. – Fez uma pausa, e continuou:

E o juízo, doutor, começa a fraquejar com o esquecimento das coisas; depois, fica embaralhando tudo e trocando até o nome dos filhos. Compadre Joquinha já tá assim. Os médicos disseram um nome difícil da doença, mas num tem nada disso não, é doença da velhice mesmo que deixa o juízo mais mole que mingau de pobre. Outro dia ele trocou

o nome da esposa e deu o maior rebu, ela pensou que ele tinha outra mulher. O coitado num tem sustança nem para mais uma, que dirá pra duas.

– Fez nova pausa, revelando um certo cansaço, e depois continuou –

Falando em mulher, eu já fui muito chegado num rabo de saia. Imagine o senhor que eu casei duas vezes e tive 18 filhos, tudo criado e sadio. Quando eu era novo, e já faz um tempo danado, gostei de uma moça muito bonita de graça Minervina. Ela nunca tinha gostado de ninguém, pois tinha estalicídio desde nascença, e de vez em quando sentia uma falta de ar tão grande que ficava roxinha. Todo mundo achava que ela num ia viver muito não. O médico lá da capital disse que era asma, e num tinha cura. Ia carregar a doença pro resto da vida.

### II

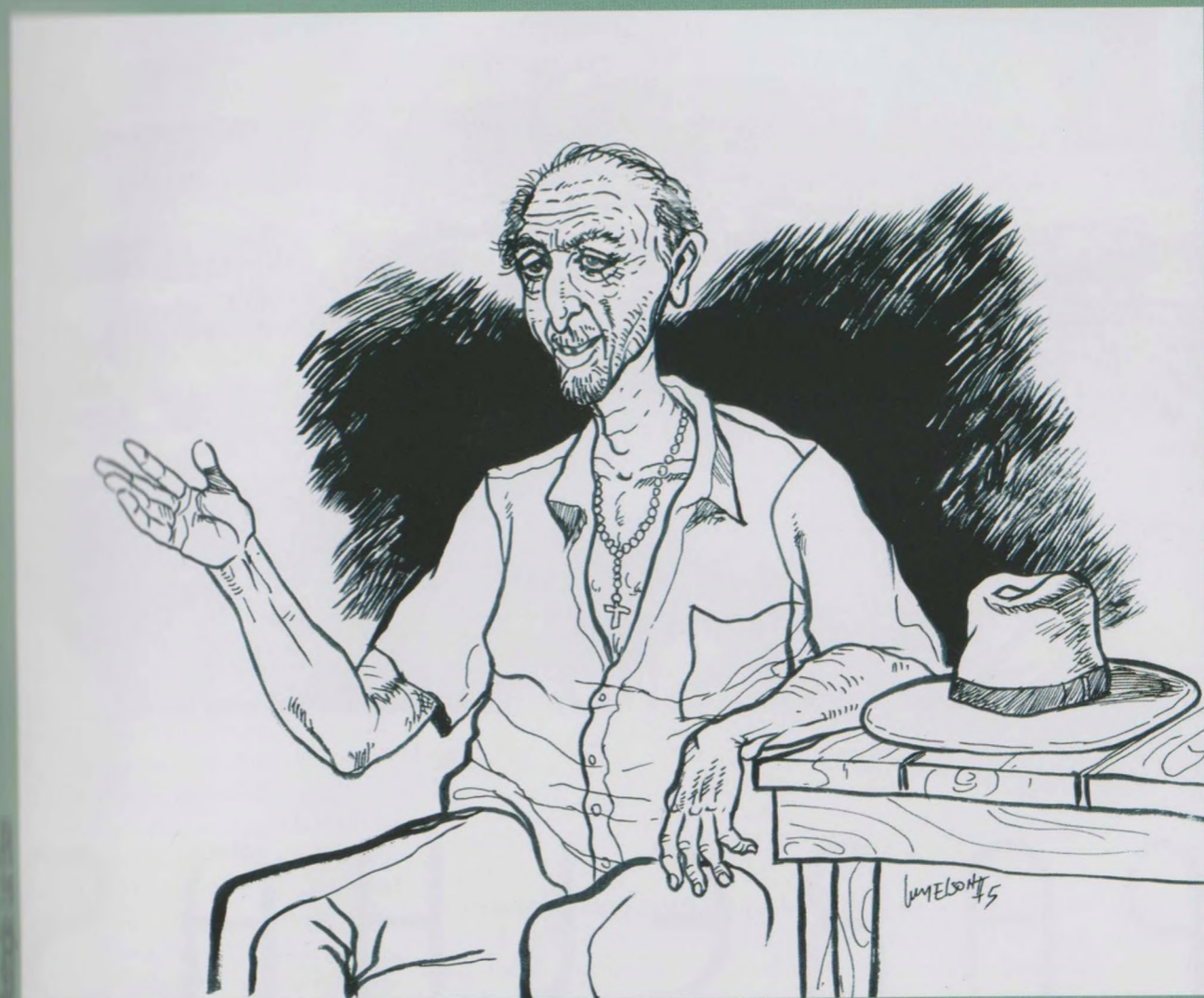
Um dia, eu peguei ela na beira do açude debaixo de um pé de juá, e tirei a virgindade dela. Ela gostou tanto, que todo dia me procurava no mesmo local. Com menos de dois meses a danada tava curadinha da asma, e nunca mais faltou respiração. Vivia suspirando. É a primeira vez que conto isso, ninguém na cidade sabe como ela curou, umas beatas acharam que tinha sido milagre.

Curioso, indaguei:

– E hoje, o senhor ainda dá no couro?

– É aí, doutor, que entra a tristeza da velhice; hoje, eu não curo nem resfriado. 📖

# O cura asma





# PARELHAS

*Cenário da lenda da serpente transformada em montanha*



Monumento histórico, ao centro, abriga a Casa de Cultura Popular - "Palácio Florêncio Luciano"

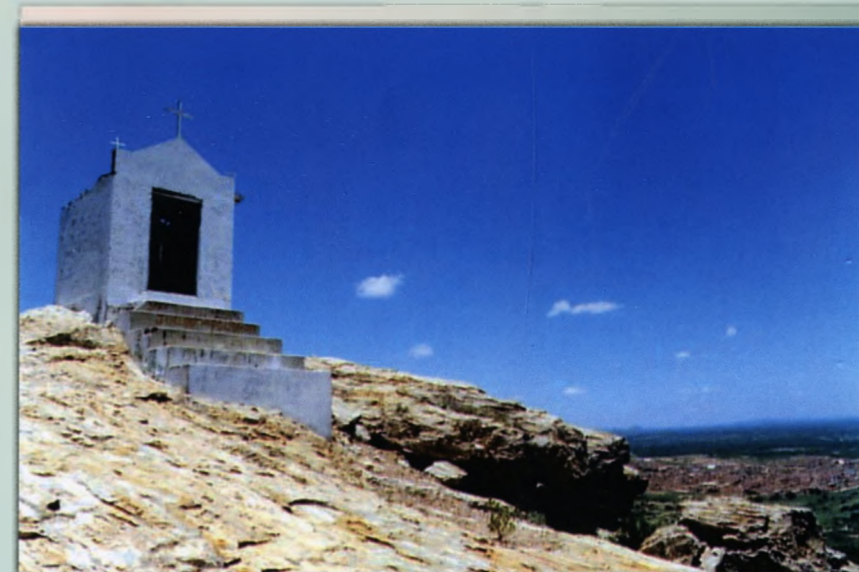
**Por Gustavo Porpino**

(Colaborou Dean Sena)

Fotos: Anchieta Xavier

**P**arelhas, a 240 km de Natal, já não é apenas um lugar para se pegar "pareias" de cavalos. Os antigos cavaleiros e boiadeiros que corriam lado a lado no caminho da Fazenda Boqueirão deram nome a uma terra simpática e de noites estreladas. O solo de Parelhas, rico em minérios, também é cintilante como o céu do Boqueirão. Mesmo assim, Parelhas não cresceu tanto quanto Caicó e Currais Novos, os maiores municípios do Seridó potiguar, mas guarda um pouco da riqueza cultural seridoense. O município celebra 150 anos em 2006 com lançamentos de livros de autores locais, exposição fotográfica na Casa de Cultura Popular e muita festa com a fartura típica do seridoense.

"Até 1921 realizavam-se em Parelhas, nas tardes domingueiras, as corridas de cavalos, nas quais não faltava música, apostas e cervejas para banhar os cavalos vencedores", conta o já falecido historiador Antônio Pereira de Macedo em sua monografia sobre a história do município, escrita em 1942.



"Da Capelinha da serra, Deus olha minha terra e abençoa o seu chão..." (Lauro Virgílio) - Foto: Hugo Macêdo.

A fé do povo em São Sebastião é uma das marcas de Parelhas e, de certa forma, foi a responsável pelo surgimento do município. Em 1856, temendo a epidemia do cólera-morbus, que matou milhares no interior potiguar, Sebastião Gomes de Oliveira, o Sebastião Chocalho, e Cosme Luiz, fizeram a promessa de construir uma capela consagrada a São Sebastião, se lhes fosse concedida a graça de escapar da doença. A peste passou e a capela foi edificada. Várias casas foram construídas próximas a antiga capela feita de taipa.

Em 26 de novembro de 1920, o povoado de Parelhas foi elevado à categoria de vila, tendo sua freguesia sido criada no dia 8 de dezembro do mesmo ano. Seis anos depois, no dia 8 de novembro de 1926, o povoado foi desmembrado do município de Jardim do Seridó.

Mas a história de Parelhas começa bem antes da construção da Capelinha. Em 1688, o bandeirante Domingos Jorge Velho, penetrou pelo Boqueirão de Parelhas para apreender e matar índios que

viviam na região. A Serra do Boqueirão é cenário da lenda da “Serpente transformada em montanha”. Lugar rico em minérios multicores. Paragem dos índios Canindés e Janduís. Cenário que ainda encanta muitos parelhenses como o escritor Anastácio Pereira e o fotógrafo Hugo Macedo. No alto do Boqueirão, a Capelinha da Serra, construída em 1965, simboliza a fé do povo parelhense.

O Sítio Mirador, nas terras místicas do Boqueirão, clama por melhor conservação. As inscrições rupestres, entre as mais ricas em detalhes do Rio Grande do Norte, conseguem vencer a ação do tempo, mas algumas começam a desaparecer. Enquanto o registro da presença do homem primitivo por aquelas terras vai sumindo, outra arte renasce.

A dança do Espontão, praticada pelos negros das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, começa a ser praticada por crianças da comunidade Boa Vista. A comunidade negra guarda também o costume de visitar anualmente Jardim do Seridó para celebrar a padroeira.

Outro motivo de orgulho para a cultura parelhense é o Festival Artístico Cultural de Parelhas, FECAP, evento que deixou de ser restrito aos alunos da escola municipal Inácio Miranda dos Santos e reúne grupos de dança e teatro de toda a região Seridó. O FECAP, já em seu décimo ano de realização, surgiu através dos alunos da professora Helena Francisca Meira e contribuiu para interagir os grupos de dança parelhenses com outros de municípios próximos.



(Foto: Hugo Macedo)



Artesãs fazem curso na Casa de Cultura Popular



## As inscrições rupestres do Sítio Mirador

As inscrições rupestres do Sítio Mirador, no Boqueirão de Parelhas, estão entre as mais exóticas do Rio Grande do Norte. Cenas de dança, de guerreiros com lanças nas mãos e de caçadores perseguindo animais ainda podem ser identificadas no abrigo formado por grandes blocos de pedra em frente à barragem Boqueirão. As pinturas espalham-se por um paredão de aproximadamente 40 metros de comprimento e 15 metros de altura. Chegar até o local não é difícil. Os três painéis com inscrições ficam a apenas 350 metros da estrada de barro, mas a trilha que leva até as rochas com pinturas é íngreme.

“O mundo que aparece nas pinturas rupestres do Seridó é a vida cotidiana da pré-história, às vezes trágica e violenta, com figuras possuídas de grande agitação e outras que apresentam um mundo lúdico e brincalhão, documentado pelo movimento da dança e a agilidade das figuras acrobáticas”, conta a arqueóloga Gabriela Martin no seu livro “Pré-história do Nordeste do Brasil”.

A existência das pinturas fez surgir algumas lendas. Os moradores mais antigos da zona rural acreditavam que o local possuía um tesouro enterrado. As escavações na busca pelo

tesouro só serviram para apressar o processo de deterioração das inscrições rupestres. A extração de granito, proibida há poucos anos no Sítio Mirador, também ajudou a danificar as pinturas.

A “vã procura de ouro” no abrigo é citada pela arqueóloga Gabriela Martin no livro “Pré-história do Nordeste do Brasil”. Os parelhenses mais antigos também contam que ouviam falar da existência de um “carneiro de ouro” enterrado no local. Nunca foi encontrado ouro, mas alguns artefatos primitivos apareceram em algumas das escavações. O Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco fez pesquisas no local na década de 80 e encontrou uma ossada infantil na parte do abrigo conhecida como capela. A datação radiocarbônica do carvão associado aos restos mortais indicou 9410 anos.

A ossada encontrada no local e outros utensílios primitivos foram levados para o Departamento de Arqueologia da UFPE. Mais recentemente, no dia 7 de setembro de 2005, uma equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) esteve no Sítio Mirador para conhecer o local e estudar a possibilidade de recuperar as pinturas rupestres.

## “Quilombinhos” aprendem a dança do Espontão

A comunidade quilombola de Boa Vista dos Negros, a 15 Km de Parelhas, já não guarda algumas tradições da cultura africana como o Zambê, mas outra dança, não menos representativa, a do Espontão, segue viva e com forte participação dos mais jovens. A dança com o espontão, lança que dá nome ao bailado, introduzida no Rio Grande do Norte pelos Negros do Rosário de Caicó, há mais de 230 anos, está ganhando um longo caminho pela frente. Os “Quilombinhos”, grupo de dança formado por 25 crianças do Sítio Boa Vista, foi criado no início de 2005 e já faz apresentações nas escolas de Parelhas e durante festas religiosas.

Maria das Graças Fernandes, 31 anos, a Preta, presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário da Boa Vista, conta que a dança do Espontão é feita na comunidade desde 1963, mas as crianças não participavam. A necessidade de passar a tradição para os mais jovens e perpetuar a dança fez surgir o grupo mirim. “O objetivo é que eles cresçam valorizando a cultura da comunidade”.

A organização social da comunidade, baseada na hierarquia patriarcal, também segue uma tradição dos tempos dos escravos. José Fernandes do Amaral, um dos moradores mais antigos da Boa Vista, é o chefe da comunidade. Francisca Benvinda Vieira Amaral, 68 anos, a Chica, esposa do chefe, lembra do tempo em que os moradores seguiam a pé até Jardim do Seridó para acompanhar os festejos de Nossa Senhora do Rosário. “Maria Serafim de Jesus, minha avó, faleceu com 106 anos, em 1946, e nasceu aqui”, diz. Desde o tempo de seus avós, a comunidade de Boa Vista unia-se com os negros de Jardim do Seridó para festejar a padroeira nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro de cada ano.

A parteira aposentada Beatriz Maria da Conceição, 76 anos, é outra moradora antiga do sítio Boa Vista. Também gosta de contar histórias, mas inicialmente, desconversa. “Estas coisas vêm da anti-

guidade, ninguém sabe contar não”. Beatriz ainda lembra do tempo em que a festa de Nossa Senhora do Rosário, em Jardim do Seridó, durava nove dias. “Tinha uma novena, mas foi diminuindo. Hoje é de 30 de dezembro a 1º de janeiro”.

Beatriz perdeu as contas de quantas vezes foi a pé até Jardim do Seridó percorrendo mais de 20 Km pelo meio do mato. Segundo conta, ainda não havia estrada e alguns até se perdiam. “Mas todo mundo ia satisfeito, levava até mala”. Os negros da Boa Vista ainda participam da festa em Jardim do Seridó anualmente, mas estão prestes a ganhar sua própria capela de Nossa Senhora do Rosário. A imagem da santa, doada pelo médico Ulisses Potiguar, está guardada no posto médico à espera do altar. “A capela é para quem não puder ir a Jardim, mas não vamos deixar a tradição”, avisa Beatriz.



Beatriz, longas caminhadas em louvor a Nossa Senhora do Rosário



Chica (à esquerda) espera pelo altar da santa



## Anastácio, escritor e astrônomo amador

Quando a noite vai caindo sobre a serra do Boqueirão, astros celestes surgem aos milhares, pontilhando o céu de Parelhas com o brilho de constelações e planetas. Os mais místicos acreditam até na presença de discos voadores sobrevoando os serrotes. Anastácio Pereira da Silva, 92 anos, engenheiro agrônomo aposentado e astrônomo por paixão, é quem melhor interpreta a beleza do céu parelhense.

Anastácio é neto de Antão Elisiário Pereira, um dos fundadores de Parelhas, e assim como muitos de sua geração, nasceu e passou parte da infância na zona rural. Aprendeu com a mãe, Joaquina Florinda da Silva, a observar as estrelas e identificar planetas no céu do Sítio Espinheiro, localidade próxima a Parelhas onde viveu até por volta dos 10 anos. “As famílias se reuniam depois da ceia e minha mãe ensinava as rezas. Quando acabavam as rezas, ela saía pelo terreiro do sítio mostrando o céu a gente”.

A vida no sítio tinha outros hábitos, extintos com a chegada da eletricidade na zona rural. Anastácio lembra das noites no terreiro, iluminadas com lampião,

quando as famílias se reuniam para ouvir histórias de trancoso contadas por “um brejeiro da vizinhança”. Os causos doavam o passar lento das horas no Sítio Espinheiro. “Era acabando uma história, e começando outra”. Não era preciso muito para motivar o contador de histórias. “A gente dava a metade de uma rapadura para ele”, recorda.

Entre as histórias ouvidas, a que mais despertava interesse era a lenda da “serpente transformada em montanha”, narrativa sobre a origem dos dois blocos rochosos, separados pelo rio Seridó, que formam a chamada Serra do Boqueirão. “Foi a que mais me impressionou, com profundas marcas da minha memória de criança”. O interesse de Anastácio pela lenda era tanto que, no início dos anos 80, o professor resolveu publicar um livrinho, ilustrado por ele mesmo, sobre a lenda da serpente.

Anastácio acredita que a lenda tem origem indígena. “A cultura indígena enriqueceu a literatura brasileira com muitas lendas e histórias bonitas que falam da origem do céu e das estrelas, dos rios, das montanhas, e de tudo que encanta e enaltece a natureza, porque dela, o índio é partícipe”.

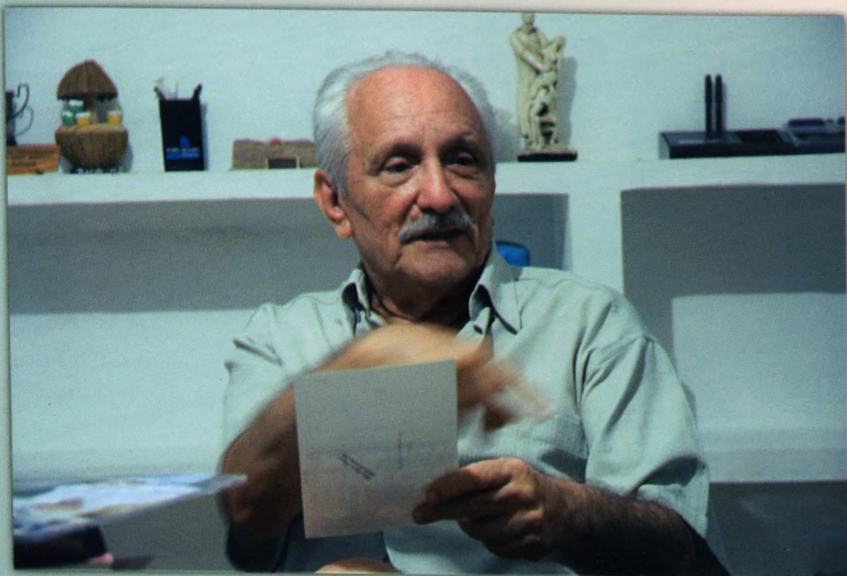
Depois de trocar o sítio pela cidade, para estudar na antiga Escola Isolada Masculina, Anastácio seguiu olhando o cair da noite com os olhos treinados de quem teve lições de astronomia popular na infância. Algum tempo depois, foi estudar no Atheneu, em Natal. Teve grandes professores. Foi aluno de Luís da Câmara Cascudo e seguiu tendo contato com o mestre através de cartas.

Apaixonado pelas paisagens rurais, Anastácio foi estudar na 1ª turma da Escola de Agronomia do Nordeste, em Areia, Paraíba. Trabalhou no Departamento Nacional de Obras e Saneamento, em Ceará-Mirim, e ensinou nas escolas de engenharia da UFPB de Areia e João Pessoa. Passou sete meses no México como prêmio por ter desenvolvido o projeto do Centro Piloto de Irrigação de Areia (PB).

Depois de ter se aposentado como professor universitário, retornou a Parelhas. Trouxe consigo um telescópio para desvendar o céu estrelado do Boqueirão, principal recordação do seu tempo de menino no Sítio Espinheiro. Passou, então, a fazer, de maneira mais didática, o que sua mãe fazia no terreiro do sítio. “Mostrava para a meninada dos colégios os planetas, a lua, o céu do Boqueirão...”.

Anastácio chegou a montar um mapa celeste para os alunos. O professor ensinava a posição das constelações, planetas, data e melhor horário para observá-los. Quem entra no seu escritório, local onde ainda hoje faz suas anotações, comprova a paixão do professor pelo céu. O local mais parece uma hemeroteca especializada em astronomia. “Aqui é o meu mundo”.

O mundo de Anastácio está entre quatro paredes, mas sua sabedoria, desenvolvida com a ajuda da mãe, supera em muito o conhecimento presente nos livros. É coisa de quem varou noites ouvindo histórias de trancoso, e por paixão, compartilhou com “a meninada” seu saber universal.



## O médico que tem medo de escrever e publicar

Já passavam das oito da noite quando cheguei para conversar com Ulisses Potiguar em sua residência. Seridoense dorme cedo. Hesitei em tocar a campainha ou bater palmas, mas nem precisava. O portão estava aberto e a porta da sala também. Entro no terraço e logo uma jovem senhora aparece na porta. Apresento-me e digo que gostaria de colher umas informações sobre Parelhas com o “Doutor Ulisses”. A senhora entra e, não mais do que dois minutos depois, diz para irmos até o escritório no fundo da casa.

Ulisses Potiguar, 79 anos, estava lá, sentado por trás de uma ampla mesa, terminando de consultar uma paciente. De imediato, notei que Ulisses ainda exercia a medicina. Logo depois, concluí que o convívio com o poder durante seus três mandatos de deputado estadual e um de federal não matou sua simplicidade.

O pai de Ulisses, o acariense Arnaldo Bezerra de Albuquerque, é ex-prefeito de Parelhas. A política está no sangue.

“Era um matuto enxerido. Não era um homem de letras, mas não era burro. Nasceu em Acari, mas era apaixonado por Parelhas”.

Ulisses Potiguar é um homem culto. Conhece bem a história de Parelhas. Mesmo sabendo que continua exercendo influência política, resolvi visitá-lo. Não costumo conversar com políticos nas andanças pelo interior. Melhor não abrir espaço para nenhum. Do contrário, todos se acharão com direito de ocupar um espaço destinado aos que dão vida à cultura popular.

O médico Ulisses Potiguar teve acesso a educação de qualidade. Foi colega de Ariano Suassuna no Colégio Oswaldo Cruz, no Recife. Morou no Rio de Janeiro nos anos 30. Gosta de escrever e arquiva tudo que diz respeito a Parelhas. Está perto de concluir um livro sobre a história de Parelhas. Pretende contar os acontecimentos do nascimento do município até alcançar a emancipação política. “Já tô doidinho com este começo, quem quiser que faça o resto”.

O escritor está juntando também fatos históricos sobre os escravos para escre-

ver um romance. Ulisses guarda diversas pastas com recortes de jornais antigos, inventários, escrituras de vendas de escravos e cartas de alforria. “Sofro de síndrome literária. Tenho medo de escrever e publicar”.

A aparente tranqüilidade do médico começa a ir embora quando o assunto da conversa muda para a educação e a cultura do município. “A educação de Parelhas é dividida em antes e depois de Felipe Bittencourt, telegrafista pernambucano que veio morar em Parelhas no final dos anos 20. Foi ele quem incentivou os coronéis a colocar seus filhos para estudar”.

Sobre cultura, Ulisses Potiguar admite que Parelhas é uma terra sem memória. “Nossos prefeitos não amam Parelhas”, salienta, para logo a seguir enumerar diversos casos de agressão ao patrimônio histórico parelhense. O médico puxa uma foto antiga de dentro de um livro e mostra o pavilhão da antiga praça Félix Gomes, erguido em 1922 em comemoração ao centenário da independência do Brasil. A construção, rica em detalhes, não existe mais.

A mania de juntar papéis com valor histórico parece ser a maneira encontrada por Ulisses para preservar a história de sua terra natal. Segundo conta, outros parelhenses tinham arquivos com documentos e fotos antigas, mas a falta de sensibilidade de alguns parentes fez tudo desaparecer.

“Lúcio Dantas, irmão de Antão Elisário, ex-prefeito, tinha um arquivo que foi queimado pelo filho Inácio nos anos 50”, lembra. “Noberto Bittencourt também tinha um arquivo, mas um neto tocou fogo”. Restam as pastas guardadas com carinho por Ulisses Potiguar. Para o bem de Parelhas, não consta que ele tenha nenhum parente com instintos destruidores.



## Poder público destruiu referenciais históricos

O técnico em agronomia e pesquisador Tertuliano Pereira Neto, 55 anos, também prepara um livro sobre a história do município para ser lançado durante as comemorações dos 150 anos de Parelhas. “Quero contar a história de Parelhas a partir de 1850 de forma mais acadêmica e sem ranços políticos”.

O tiroteio ocorrido em Parelhas no dia 13 de agosto de 1934, entre os “perre-pistas”, membros do partido popular, e os “pelabuchos”, liberais que davam sustentação ao interventor Mario Câmara, será contado no livro de Tertuliano. “Foi o período político mais rico da história de Parelhas”, destaca.

Tertuliano admira prédios antigos. O pesquisador mora no povoado Juazeiro, a

9 Km de Parelhas, num casarão construído em 1930. A exemplo do médico Ulisses Potiguar, não gosta nem de lembrar dos antigos prédios que foram colocados abaixo ao longo da história de Parelhas. “Todos os referenciais históricos foram derrubados pelo poder público”.

O pesquisador faz um relato detalhado dos prédios históricos que já não existem mais. “O pavilhão da Praça Félix Gomes foi derrubado em 1955 na gestão de Florêncio Luciano”, lembra. “O coreto da praça Arnaldo Bezerra, construído na administração do prefeito Abílio Cavalcanti em 1933, foi derrubado em 1967 no governo de Graciliano Lordão”. Segundo Tertuliano, os prefeitos tinham mania de “anular a obra do outro”.

“O mercado público, prédio histórico de 1910, foi derrubado em 1983 na gestão do ex-prefeito Mauro Medeiros”. Segun-

do conta, nem os seis altares laterais da matriz de São Sebastião escaparam dos “avanços da modernidade”. “Os altares foram derrubados em 1967, com ordem do vigário José Celestino Galvão”.

O cemitério dos coléricos do Boqueirão, local onde foram enterrados os mortos pela cólera em 1855, tombado em 2002, desapareceu um ano depois do processo de tombamento ser aprovado. “No local, foi construída uma praça na gestão do prefeito Antonio Petronilo”, diz.

O pesquisador parelhense encontrou uma maneira de contribuir com a memória do município. Todo mês publica a “Resenha de Parelhas”, informativo com relatos sobre a história do município. Todas as resenhas já publicadas serão lançadas em volume único na festa de passagem dos 150 anos. “É um trabalho voluntário e independente”.

## Pedras viram obras de arte

Os jovens parelhenses têm facilidade em transformar pedras em peças de arte, mas parece faltar motivação para seguirem em frente. A comunidade do Sítio Olho d'água do Boi, a 20 Km de Parelhas, é o local onde o artesanato permanece mais vivo. O prédio ao lado do antigo matadouro, na entrada do município, também reúne alguns artesãos.

Francisco Edemarcos do Nascimento, 16 anos, começou a fazer artesanato em pedra sabão há um ano. Fez um curso de capacitação promovido pelo SEBRAE, mas diz que o trabalho "está meio abandonado". As pedras vêm de Lajes Pintadas trazidas por um caminhão da prefeitura. A matéria-prima, no entanto, para ganhar a forma artística precisa ser polida.

Segundo conta, a lixadeira "está faltando a esteira há cinco meses e a máquina para serrar pedra está quebrada". Quatro jovens artesãos costumam frequentar o local. Restam poucas peças na estante na sala de entrada da oficina. Os jovens aprenderam a fazer porta-lápis, porta-retratos e pequenas esculturas. Para dar um toque mais local às peças, são reproduzidas na pedra algumas das inscrições rupestres do Sítio Mirador.

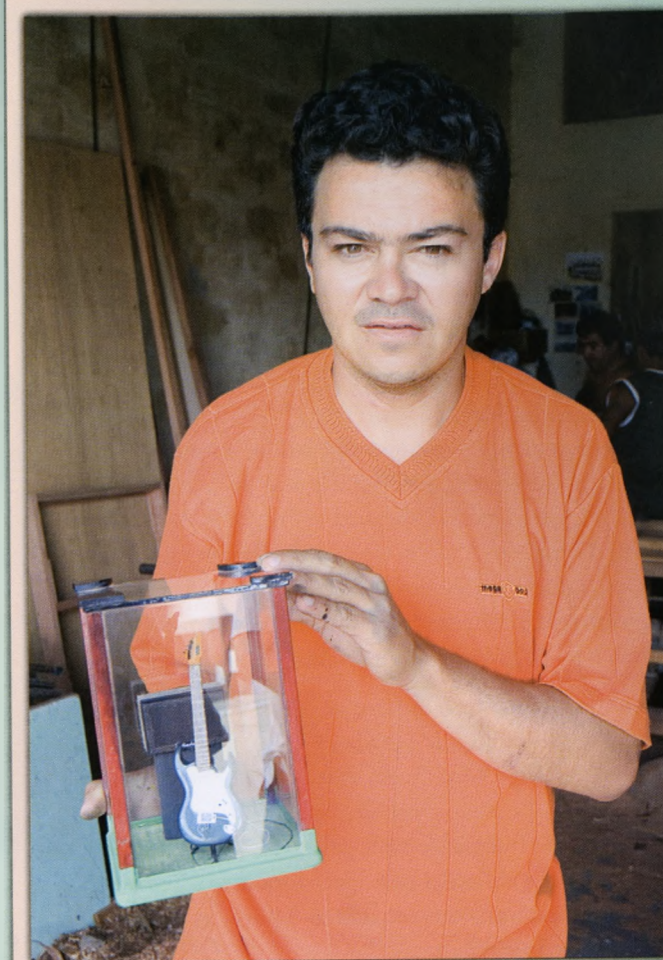


## Instrumentos musicais em miniatura

O marceneiro Carlos Alberto de Araújo, 33 anos, cresceu construindo seus próprios brinquedos. Fazia carrinhos de lata para brincar. "Comecei fazendo de lata, depois de madeira". A brincadeira de criança quase virou seu meio de vida. Carlos é bisneto de José Vicente de Araújo, um dos mais antigos marceneiros de Parelhas.

O bisavô, lembra, não tinha auxílio de nenhum equipamento motorizado para fazer móveis de madeira. "Era no tempo do serrote e só". Aos 15 anos, o marceneiro já ganhava alguns trocados vendendo carrinhos para os amigos. "Meu avô e pai também eram marceneiros, mas artesanato só eu faço".

A habilidade de talhar a madeira foi sendo aprimorada e Carlos passou a fazer miniaturas de instrumentos musicais. Adotou a marca de "Carlos Art Miniaturista" e já atendeu a pedidos das bandas Mastruz com Leite, Cheiro de Amor e Limão com Mel. "Estou montando um trio com iluminação, som e bonecos", conta. Só falta montar o Carnatal!



Parelhas também tem sua bandinha de música. O mestre Manoel Nascimento Alves, regente da Banda 11 de fevereiro, comanda os trinta músicos desde 1992. Quando começou a tocar, aos 14 anos, a Banda era regida por Tonheca Dantas Filho. "O repertório é mais tradicional. Tocamos as composições de Tonheca Dantas, Felinto Lúcio Dantas e outros dobrados, valsas, boleros e baiões que não podem faltar".

## Fotógrafo publicará livro de causos

O fotógrafo e professor parelhense Hugo Macedo Vieira, 44 anos, prepara mais uma exposição para presentear sua terra natal no ano da celebração dos 150 anos. A mostra de fotos antigas "Parelhas, 150 anos de emancipação" reúne 70 fotos selecionadas entre 550 fotografias coletadas em casa de famílias tradicionais do município. O fotógrafo prepara também o lançamento do livro "Beco estreito, enredos nas terras do major Antão".

"Beco estreito" terá charges feitas pelo artista plástico e cronista Leonardo Sodré. O livro relata 50 causos contados nas ruas, mesas de bar e esquinas de Parelhas. O autor pretende resgatar e eternizar as histórias cômicas do folclorista Mané Bonitim, do poeta Baé, do matuto Boró, do esperto e manhoso Galego de Emídio, de Mané Diana e tantos outros tipos populares parelhenses que circulam na cidade insultando, instigando, brincando, enfim, contando o dia a dia do município, de maneira alegre e divertida.

A mostra fotográfica com fotos de prédios antigos, muitos já demolidos, e retratos de famílias, é a quinta exposição organizada por Hugo Macedo em Parelhas. Anteriormente, Macedo levou a Parelhas as exposições "Sertão e mar potiguar", uma série de fotografias com paisagens de diversas regiões potiguares já publicadas pela Preá, e mostras sobre o Seridó e, mais especificamente, retratando o povo, as paisagens e a arquitetura de Parelhas.



Foto: Hugo Macedo - Barragem Boqueirão

### FIADO OU À VISTA

Jorge Tenente suava e espantava as moscas enquanto salgava carne no seu açougue, quando entrou Miguelzinho, conhecido como o maior devedor da cidade. Miguelzinho, com uma conversa escabreada, disparou:

- Jorge, meu amigo, me venda dois quilos dessa carne que amanhã, bem cedinho, eu venho lhe pagar?

- Ora *Miguezim*, eu já tô salgando pra não perder! – rebateu o açougueiro. 📖

## A rouxinol potiguar

GLORINHA OLIVEIRA



### Por Tácito Costa e Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

**E**m novembro último a cantora Glorinha Oliveira fez 80 anos de idade e 71 de carreira artística. Dois shows comemorativos, um no Teatro Alberto Maranhão, e outro no Palácio da Cultura, marcaram o reencontro dos fãs com a cantora. Ela nasceu em 1925, em Natal, e em 1934 estreou em um programa infantil, na Rádio Clube de Pernambuco, tirando o primeiro lugar com a canção "Linda". Em 1940 cantou pela primeira vez no Teatro Carlos Gomes, em Natal (hoje Alberto Maranhão). Conhecida como "A Rouxinol Potiguar", Maria da Glória Mendes Oliveira recebeu a Preá, na casa do filho, com quem mora, no bairro de Santos Reis, para a entrevista publicada nas páginas seguintes. Ela nasceu no bairro vizinho das Rocas. Com um bom humor invejável, ela falou – e até cantou em alguns momentos – sobre sua vida e sua carreira. Glorinha participou da época áurea do rádio no Rio Grande do Norte, com passagens marcantes pela Rádio Educadora de Natal e Rádio Poti. Durante a entrevista, ela falou sobre a infância difícil; o casamento infeliz; as barreiras que enfrentou para se firmar como cantora; a amizade com os irmãos Agnaldo e Zilma Rayol; e diz que não se arrepende de ter recusado, em 1951, convite para trabalhar na Rádio Tupi, de São Paulo. "Quem sabe se eu estivesse por lá, não estivesse no ostracismo", diz.



**Preá** – Você deixou Natal com três meses de idade. Morou em Recife, Manaus e retornou dez anos depois. Que lembranças você guarda desse período?

**Glorinha Oliveira** – Aos três meses eu fui para Recife e de lá meus pais foram para Manaus. Ficamos morando em Manaus na casa dos meus avós paternos. Retornamos porque meu pai contraiu beribéri e minha mãe, aquelas doenças do Amazonas. Voltamos para Recife, onde morava uma tia materna. Minha mãe morreu quando eu tinha dois anos, e pouco tempo depois o meu pai foi embora. Minha tia ficou me criando. Essa minha tia era boêmia, como a minha mãe também era, tocava violão e cantava. Essa tia, Maria Mendes Costa Tinoco, foi a mãe que eu conheci.

**Preá** – Como a música entrou na sua vida?

**Glorinha Oliveira** – Canto desde que me entendo de gente. Eu ouvia a minha mãe cantar e já gostava de cantar. Cantava nas festas do colégio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Recife, onde eu estudei. Quando vim para Natal, eu já cantava. Fui morar nas Rocas. Na minha casa, tinha um pé de sapoti. Eu subia nele para estudar. Fazia de conta que estudava. Colocava o livro em cima das pernas e ficava cantando. E nada de estudar. Minha mãe brigava muito por isso. Certa vez, alguém que passava na rua me ouviu cantando. Naquela época, já havia um movimento para a criação de uma estação de rádio, que nós não tínhamos. Então, se formou um grupo da alta sociedade e começou a fazer espetáculos no Teatro Carlos Gomes para conseguir meios para comprar material de construção e os equipamentos. Desse movimento surgiu a Rádio Educadora de Natal e eu fui contratada. A Rádio Educadora era tipo uma casa alpendrada, que tinha uma grande orquestra com um regional. O auditório talvez não tivesse cem cadeiras, era pequenininho, mas o estúdio era enorme, para caber a grande orquestra. Eu cantava lá. Depois, o grupo associado {Diários Associados} comprou a Rádio Educadora e mudou o nome para Rádio Poti.

**Preá** – Você continuou na Poti?

**Glorinha Oliveira** – Continuei trabalhando na Poti e me tornei profissional com carteira assinada. A minha carteira foi assinada no dia 23 de janeiro de 1943. Eu já cantava desde 1940 na Rádio Educadora. Continuei cantando, mas comecei a trabalhar em novela, como comediante, fazendo locução, comunicadora, disc-jóquei. Só não varria a rádio.

**Preá** – Conte como foi o seu início de carreira no Recife, na Rádio Clube de Pernambuco.

**Glorinha Oliveira** – Eu cantava nas festas do colégio. O diretor acabou descobrindo que eu cantava e me encaminhou até a rádio. Naquela época, criança não podia se apresentar, mas conseguiram uma autorização. Fui cantar num programa de criança e ganhei um relógio de ouro. Fiquei em primeiro lugar. Infelizmente, meu pai tomou esse relógio e deu fim.

**Preá** – Quando você chegou a Natal foi morar nas Rocas. Como era as Rocas naquela época?

**Glorinha Oliveira** – Você sabe que eu tomei muito banho de praia nas Rocas? Acredita? Quando a maré enchia, onde eu morava, nas Rocas da frente, perto da Escola Isabel Gondim, eu tomava banho de mar. Onde era o IPASE tinha água ali e um canal com água do Rio Potengi. Quando a maré enchia, o Potengi escoava naquela vala. Mas era tudo limpinho. Era uma água limpa e eu tomava banho ali na frente de casa, praticamente.

**Preá** – Você morava nas Rocas da frente e havia as Rocas de trás. Por que existia essa denominação? O pessoal das Rocas da frente era mais abastado?

**Glorinha Oliveira** – Não. Eu acho que ficou sendo chamada de Rocas da frente devido a sua localização, por ter sido a primeira rua que foi construída. As outras ficavam por trás dela. Eu nasci e morei muitos anos nas Rocas da frente.

**Preá** – Como era Natal na década de 40, com a presença de tropas americanas na cidade?

**Glorinha Oliveira** – Aquela época foi de sofrimento para a gente que trabalhava em rádio. Vou contar uma história interessante desse período. O script que vinha para gente passava pela Polícia Federal. Até as músicas que se ia cantar passavam pela polícia para saber se havia alguma subversiva. Um dia, o discotecá-

rio não prestou atenção, colocou uma música alemã no ar. A Federal bateu em cima. Foi muita gente presa, eu não fui porque não estava lá. O controlista foi preso, o diretor foi preso... A estação ficou cinco dias fora do ar. Era desse jeito! Vivíamos num clima terrível. Eu morava nas Rocas e ia e vinha da rádio a pé. Então, a gente se encontrava com aqueles militares. Eles usavam uma fivela luminosa, que chamavam “flashlight”, e colocavam na cara da gente para saber quem era, o que ia fazer. Todos armados e a maior escuridão. Dentro de casa era uma escuridão triste, não se acendia nada, porque algum avião poderia ver a claridade.

**Preá** – Você chegou a cantar em algum bar da Ribeira para os americanos?

**Glorinha Oliveira** – Não. Quem cantou foi Teresinha Maia, ela cantava em inglês. Por infelicidade, ela deixou logo de cantar, era uma voz lindíssima. Ela e o irmão dela, Jacinto Maia, que morreu porque tomou cachaça com cobra torrada.

**Preá** – Você teve contato em Natal com algum músico americano?

**Glorinha Oliveira** – Não tive. Agora, a nossa orquestra trabalhou com eles.

**Preá** – Quem fazia parte dessa orquestra? Tinha músicos conhecidos daqui do Rio Grande do Norte?

**Glorinha Oliveira** – Havia sim. Júlio Granado, mas esse não era daqui, era argentino... Waldemar Ernesto, que ainda está vivo, ele era o máximo em piano e foi maestro também. Euclides, que tinha um coração de cabelo no braço, tocava bem que era uma coisa, tinha João e José Martins que tocavam clarinete e bateria. Tinha Cândido, que tocava saxofone. Euzéquio que foi baterista. Tinha uma turma boa.

**Preá** – Você ficou órfã aos dois anos de idade, em seguida seu pai virou marinho e foi embora. Como isso se refletiu na sua vida?

**Glorinha Oliveira** – Foi ruim. Eu ficava triste porque todo mundo tinha um pai e eu não tinha. Meu pai foi muito ausente na minha vida. Eu via meu pai e às vezes eu nem lembrava que era ele. Era ausente demais. Vivia mais no meio do mundo e quando ele chegava minha tia dizia: “João Afonso, lembra da tua filha?”. Ele só vivia com as mulheres. Não tomou conta de mim. Essa minha tia, que foi uma mãe maravilhosa, foi quem tomou conta de mim e eu estudei por conta dela. Se não fosse ela não sei o que eu seria hoje.

**Preá** – Sua mãe não queria que você fosse cantora. Por quê?

**Glorinha Oliveira** – Eu achava que cantava muito bem, mas ela tinha medo porque naquela época os cantores de rádio eram menosprezados e ela dizia: “Minha filha, não quero que você seja mulher da vida”. Ao que eu respondia: “Mamãe, mas é tão bom cantar”. Eu fugia de casa para cantar e quando chegava, levava uma surra. A primeira vez que eu cantei no teatro, quando cheguei levei uma surra de “mariquita”. “Mariquita” era uma tira de couro, com uma pontinha fininha, que quando batia, o vergão subia. Bom demais! {Risos}. Mas depois ela começou a me incentivar. Um irmão de criação, um primo que eu tinha, que cantava muito bem, ficou em Recife cantando e deu uma força. Dizia: “Mamãe, deixa a Glorinha cantar”. Eu tive muita gente que me incentivou. Às vezes eu queria deixar, porque ganhava muito pouco. Inclusive deixei de estudar para trabalhar em rádio. Eu estudei até o segundo ano no Atheneu, mas deixei por conta do rádio. Se você me chamasse para cantar até de manhã eu cantaria, sem ganhar nenhum centavo, pelo simples fato de gostar de cantar.

**Preá** – O seu trabalho era reconhecido naquela época?

**Glorinha Oliveira** – Não. Eu era um zero à esquerda. Acho que por causa da elite daquela época. A elite condenava determinadas coisas naquela época. Mulher de rádio era uma mulher qualquer. O pessoal não admitia que uma mulher fosse cantora, que andasse pelo meio do mundo cantando, com vários homens, com músicos. Certa vez, fui me apresentar numa festa na avenida Rio Branco, já próximo do Baldo. Era uma festa de 15 anos e a rádio costumava mandar a gente para se apresentar. Lá fui eu, Zilma Rayol e o regional da Rádio Poti. Ao chegarmos lá, nos mandaram a um determinado lugar, onde ficamos. O pessoal dançando, comendo, bebendo e a gente queria água, o cara passava com uma bandeja e não nos servia. Dizíamos: “Moço por gentileza” e ele passava direto, não dava a mínima. Faça de conta que você esteja vendo... Quando acabávamos essas apresentações, geralmente voltávamos a pé. Quantas vezes aconteceu isso com a gente, sair feito malucos para cantar, para satisfazer seu fulano, seu doutor e não ser reconhecido. Por isso que minha mãe tinha medo de eu ser cantora.

**Preá** – O fato de você ter casado com José Correia de Queiroz, instrumentista, um homem também ligado à música, teve alguma influência na sua carreira?

**Glorinha Oliveira** – Não, pelo contrário. Eu fui muito infeliz no casamento, porque ele era um cara boêmio, muito bonito, 1,90m de altura. Eu quando saía com ele ficava até com vergonha, porque o povo dizia: “Um cara tão bonito com essa mulher tão feia, porque eu era horrorosa {Risos}. Eu hoje estou uma deusa, porque eu era magérrima e ele, bonito, fortão, na frente dele eu desaparecia. Eu hoje não estou em São Paulo por conta dele. Eu estive em São Paulo, em 1951, na TV Tupi, com tudo pronto para assinar um contrato. Eu havia assinado, o diretor também, só faltava ele e um dire-

tor daqui. E o diretor daqui perguntou: “E aí, Zé Queiroz, sua mulher fica? Fica não”. Perdi o contrato. Era um contrato para ser teleatriz e cantora. Perdi uma grande oportunidade, mas Deus sabe o que faz.

**Preá** – Você acha que a sua trajetória artística poderia ter sido outra? Você se arrepende de não ter ido embora?

**Glorinha Oliveira** – Eu não me arrependo hoje porque graças a Deus estou muito feliz. As pessoas me adoram, tenho certeza de que me querem bem, onde quer que eu cante, vão me assistir. Quem sabe se eu estivesse por lá, não estivesse no ostracismo... Tudo pode acontecer.

**Preá** – O falecimento de José Correia de Queiroz aconteceu no dia do 38º aniversário dele. Alguns amigos, boêmios como ele, chegaram para a festa e encontraram o velório. Como foi esse episódio?

**Glorinha Oliveira** – Foi horrível, porque ele bebeu até umas três horas da manhã. Quando chegou, estava muito embriagado e eu estava trabalhando. Eu fazia decoração com ele, que era um grande decorador. Ele nunca foi empregado de ninguém. Era o marido da cantora. Então, ele tinha recebido uma encomenda e eu estava costurando. Quando ele chegou, “meladérrimo”, deitou-se e adormeceu. Quando deu cinco horas, ele acordou dizendo: “Socorro que eu estou morrendo”. Nós o colocamos em um jipe e quando chegamos ao hospital ele já estava morto. No dia do aniversário dele. Trouxemos o corpo para casa e haja chegar os amigos com garrafa de cachaça, com cerveja, com caranguejo, com tira-gosto. Um cara da prefeitura teve um choque tão grande que estava “melado” e ficou bom. As mulheres também apareceram no velório, as mulheres que ele deixou. Ele era muito mulherengo. No início foi um grande homem, me deu dois filhos de presente, maravilhosos, mas depois ele mudou.

**Preá** – Você era muito assediada pelos fãs naquela época?

**Glorinha Oliveira** – As cartas que eu recebia eram um negócio fabuloso... Tinha um homem, Osterval de Souza que escrevia para mim, de Fernando de Noronha, como se já tivesse tido alguma coisa comigo. Uma vez meu marido leu uma carta e ficou chateado. Toda semana esse fã mandava uma carta e dizia: “Estou lhe ouvindo, a sua voz de veludo, quero mandar uma sandália para você colocar nos seus pezinhos lindos, esse cheiro teu, esse canto no meu ouvido”... {Risos} Meu marido achou que eu tinha conhecido ele e eu dizia: “Eu fui a Fernando de Noronha, por acaso?” Então, Queiroz foi lá na rádio e falou com o diretor-artístico, o doutor Eider Furtado: “Eider, eu quero que você mande uma carta para esse cara e diga que Glorinha é minha mulher e tem dois filhos meus”. Seu Eider fez uma carta muito bonita, mas o meu marido não gostou, achou que estava muito leve. Ele, então, fez uma esculhambando e o pobre do rapaz nunca mais escreveu.

**Preá** – O primeiro fã-clubes fundado em Natal foi o seu. Onde funcionava?

**Glorinha Oliveira** – Era lá na Avenida 10 e se chamava: “Fã-clubes Glorinha Oliveira”. A presidente era Rosilda Nascimento; a vice-presidente, Carmelita Castro; a tesoureira, Aurora; a vice-tesoureira, Aparecida. No dia da inauguração fecharam a Avenida 10. Veio gente de fora, de Recife, de Fortaleza. Foi lindo, maravilhoso.

**Preá** – Em 1943, você retorna ao Teatro Carlos Gomes, dessa vez acompanhada do regional de K-Ximbinho. O que você lembra desse famoso compositor?

**Glorinha Oliveira** – Ele era o máximo. Eu não sei como o povo não tem memória, esquece um cara como aquele. Um músico nato, espetacular. Fazia uma música linda, colocava letra. E o povo

esquece um cara desse. Infelizmente nós aqui não temos muita memória.

**Preá** – Você teve uma relação próxima com o cantor Agnaldo e sua irmã Zilma Rayol. O que você lembra deles?

**Glorinha Oliveira** – Eu morava ali ao lado da Rádio Poti, na Joaquim Manoel, e Agnaldo morava do outro lado. Ele pulava o muro lá pra casa, conversava muito comigo e brincava. Agnaldo quando chegou aqui tinha dez anos. Muita gente diz que ele é daqui, mas não é. Ele é de Nilópolis. Ele chegou aqui com dez anos e passou oito anos. Ele era uma beleza, um cara boníssimo. A irmã dele, Zilma, era uma irmã que eu tinha, tudo no mundo era comigo. Até hoje quando eu vou para o Rio de Janeiro fico na casa dela. Ela era “rumbeira”, cantava rumba, e foi a primeira moça que colocou quase um biquíni, ficava a barriga toda de fora e meu marido era quem a maquiava. Ela era muito bonita, tinha umas pernas bonitas e a Marli, irmã dela, cantava música espanhola. O grupo era formado pelos irmãos Agnaldo, Reinaldo e Ronaldo, Zilma, Marli e Selma. Nenhuma das três canta mais. Perderam a voz. Eu chego lá e digo: “Meu Deus do céu, Zilma, canta!” E ela diz: “Não dá mais, Glorinha”.

**Preá** – Você teve duas passagens pela Rádio Poti. Na primeira, sua saída foi traumática. O que ocorreu?

**Glorinha Oliveira** – Exato. Eu estava com asma. Ruy Ricardo, que era apresentador, disse que eu estava com frescura. E eu disse: “Pode ser”. E fui embora para casa, porque eu morava perto. Acabei suspensa por 15 dias. Eu procurei o diretor, “seu” Alves {Luiz Maria Alves} e expliquei que não tinha ido trabalhar porque estava com asma. Acabamos discutindo e ele aumentou a suspensão para 28 dias. A briga acabou na justiça. Eu constituí um advogado, porque me disseram que iam colocar um advogado contra mim. Dr. Túlio Fernandes, que era advogado, passava todo dia pela minha porta e me via cantando. Ele soube do ocorrido e disse que queria ser meu advogado. Graças a Deus ganhei a causa. Quando eu fui agradecer e pagar a doutor Túlio, ele disse: “Glorinha, você já pagou antecipado”. Eu disse: “Eu paguei?” Ele falou: “Pagou”. “Você se lembra que um dia você estava na máquina costurando e cantando uma música? Você cantou e já pagou antecipado”.

**Preá** – Quando você deixou a Rádio Poti enfrentou momentos difíceis na sua vida para sobreviver.

**Glorinha Oliveira** – Muitos. Quando meu marido morreu, eu fiquei praticamente na miséria, porque estava fora da rádio e o dinheiro que eu recebi, meu marido, muito gastador, estourou todinho. Fiquei com dois filhos para criar e educar. A Câmara Municipal, por intermédio de um vereador, propôs me dar uma





pensão. Djalma Maranhão {prefeito à época} me chamou e disse: "Glorinha, você quer a pensão ou um emprego na Prefeitura?" Logicamente que preferi o emprego. Comecei a trabalhar no Departamento de Documentação e Cultura. Djalma foi um pai para mim. Eu viajava para Recife para comprar material para ornamentar a Prefeitura, fazer cortinas, fazer forro de estofado, essas coisas que eu aprendi com o meu marido. Foi um período da minha vida muito bom.

**Preá** – Naquela época os cantores faziam excursões. Teve uma muito aventureira para Lajes. Como foi essa excursão?

**Glorinha Oliveira** – Olha, essa foi pra valer! Eu, Valdira Meireiros, Edmilson Andrade, Edmilson Avelino, fomos fazer um show em Lajes e no caminho o carro capotou. Meu marido, altamente nervoso, começou a chorar e Valdira gritando. Conseguimos sair de dentro do carro virado. Chovia muito e a gente morrendo de fome. Entramos em um roçado próximo, quebramos umas melancias e começamos a comer. Quando chegamos em Lajes, não tinha mais energia, estava tudo escuro e assim mesmo a gente fez o show. Na marra. Quando acabou o show, não tinha hotel para dormir. Tinha uma casa abandonada e disseram para levar as mulheres para lá. Os homens iam para um "rala-bucho", um negócio assim. Eu e Valdira ficamos em uma casa, com uma rede suja que fazia dó. A casa não tinha as portas de trás. A gente ficou nessa rede, eu e Valdira. Valdira era pesada, não cabia direito na rede. Lá pras tantas, ela queria fazer xixi, no escuro mesmo, a gente nem aí. Ela encontrou um caldeirão e fez xixi dentro. Ninguém dormiu! Lá pras tantas, quando eu dou fé, chegou uma vaca perto de mim e começou a mugir. Eu disse: "Meu Deus!". Nós saímos em uma carreira tão grande que fomos bater lá na estação, quebramos o vidro da janela e entramos.

**Preá** – Você cantou ao lado de grandes nomes da MPB, como Dóris Monteiro, Linda Batista, José Orlando. Desses com quem você se apresentou, qual foi o que você gostou mais?

**Glorinha Oliveira** – Nicinha Batista, linda mulher. Uma voz linda. Trabalhei com ela, era irmã de Linda. Um espetáculo de mulher. Todas duas cantavam muito bem. Viajei com Odete Caú, que era de Recife. Uma grande cantora. Com Ademilde Fonseca fiz algumas excursões, era uma grande mulher e uma excepcional cantora.

**Preá** – Quando ocorreu o golpe de 1964, você trabalhava na Prefeitura. Chegou a ser importunada pelos militares nesse período?

**Glorinha Oliveira** – E como! Todo o pessoal que trabalhava no Departamento de Cultura foi chamado para depor. Foi uma loucura! Chegavam as notícias: fulano e sicrano foram presos. Nós, que éramos pequenos, ficamos de orelha em pé. Fomos

chamados para depor na Prefeitura Municipal de Natal, lá em cima, com vários militares presentes. Um, à paisana, que era para datilografar; e os militares rodeando a gente, fazendo as piores perguntas possíveis: se eu era amante de Djalma, se eu sabia dos segredos de Djalma, se fulana era amante de Djalma. Era um negócio impressionante. E tinha um cara, que eu não vou dizer o nome dele, que está no livro {A Estrela Conta}, esse cara me importunava dizendo: "Você sabe das coisas de Djalma. Não diz porque não quer". Eu dizia: "Eu não sei de nada". Esse cara me massacrou de uma maneira tal que eu só faltei estourar. Três horas da manhã, meus dois filhos dormindo lá embaixo, na Prefeitura - coitados - num sofá e eu lá depondo. Depois ficaram passando num "jipão" do Exército na porta da minha casa. Eu era comunista? Eu não era comunista. Eu trabalhava na Prefeitura.

**Preá** – Passado esse momento você retomou sua carreira?

**Glorinha Oliveira** – Passou essa fase e então eu retomei. Melhorei um pouco de vida e é quando surge a Rádio Trairi, de Teodorico Bezerra. Gutemberg Marinho, um cara excelente, me chamou e disse: "Glorinha, eu queria que você fosse locutora da rádio". Eu expliquei que não era locutora, era cantora e radioatriz. Ele disse: "Tanto faz. Você vai, eu tenho certeza que você vai dar conta do recado". E colocou no ar o programa "Crepúsculo Musical", só de músicas americanas. Eu não entendia nada de música americana. Eu procurava ouvir a pronúncia, na hora eu prestava atenção e dizia: "Ouvimos agora... E conforme eu ouvia a palavra dizia, chutando. Eu sei que assim eu fiquei. Uma vez era para pronunciar drive-in e eu disse "drivin". Eu não sabia e ele dizia que dava para aprender. Fiquei na locução, depois coloquei no ar por três anos "A Estrela Canta".

**Preá** – "A Estrela Canta" foi criado na Poti, bem antes. Como era o formato do programa?

**Glorinha Oliveira** – "A Estrela Canta" era um programa muito bonito, onde eu cantava cinco músicas. O locutor iniciava assim: "A Rádio Poti, nesse instante apresenta: 'Estrela Canta', com Glorinha Oliveira" e dizia as músicas que eu ia cantar. Quando ele terminava a orquestra entrava e eu cantava. Quando terminava, dizia os patrocinadores. Só que os patrocínios eram para a rádio. Glorinha não ganhava nem um tostão. O programa foi de grande sucesso.

**Preá** – Somente em 1987 você gravou o seu primeiro disco. Por que essa demora?

**Glorinha Oliveira** – Porque não tinha quem patrocinasse. Mas Assis de Paula, que era um cara que havia trabalhado comigo na Rádio Poti, se juntou com Fernando Luís e viabilizou a gravação. Assis tomou um empréstimo e fomos para Recife, gravar na Polidisk. Passei quatro meses lá em Recife e foi muito bom. Graças a Deus vendi bem. O segundo, que gravei em 1993, já foi o irmão de Agnaldo Rayol, Reinaldo Rayol. Ele achou que o irmão não fez o que deveria ter feito por mim, então ele veio fazer. Reinaldo era empresário, o nome dele completo era Reinaldo Coniglio Rayol, por isso que ele colocou o nome da gravadora RGA. Ele veio para cá, eu estava fazendo 50 anos de carreira e ele queria me homenagear, foi muito bom, nós gravamos. Tinha um congresso de dentistas aqui e o coordenador me convidou para fazer um show no Centro de Convenções e disse: "Olhe Glorinha, você vai vender seis mil discos". Então mandamos pensar seis mil discos. O show não ocorreu, houve um boicote, colocaram outra pessoa. O cara foi lá em casa e disse: "Glorinha, me perdoe, mas houve um boicote". Veja o prejuízo. Lá na lavanderia da minha casa tinha umas caixas grandes cheias de LP. Olhe, o que eu tinha de LP.. Porque seis mil discos, para aquela época...

**Preá** – Quem foram as pessoas decisivas para sua carreira?

**Glorinha Oliveira** – Darci Paulo, quando eu saí da Rádio Trairi ele me chamou de volta para a Rádio Poti, passei três anos na Rádio Poti de novo. Muita gente me ajudou. Fernando Luiz me ajudou muito, Assis de Paula me ajudou muito. Graças a Deus muita gente me ajudou.

**Preá** – Você imitava alguma cantora quando começou sua carreira?

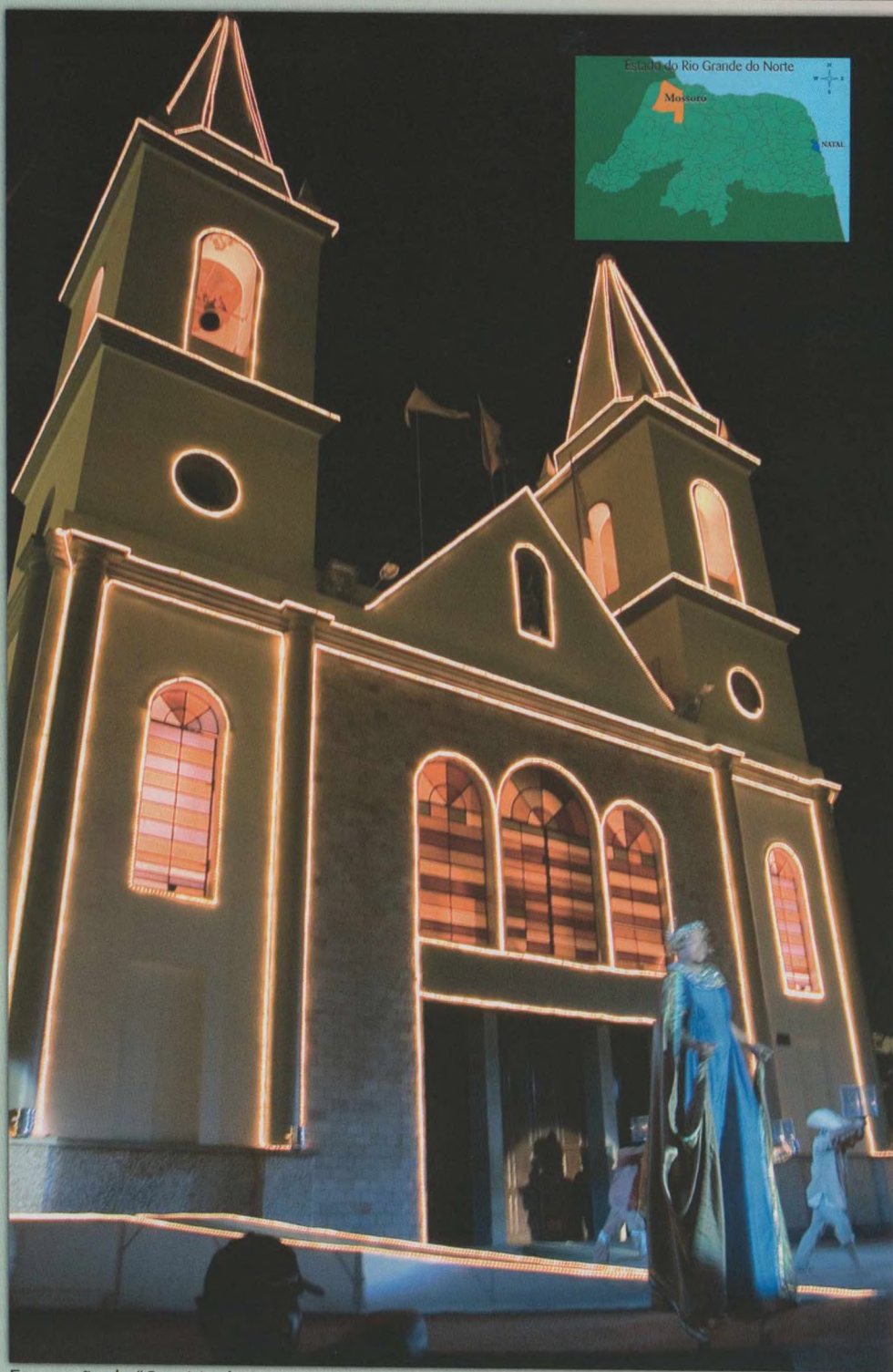
**Glorinha Oliveira** – Sim. Por exemplo, Ângela Maria, Dalva de Oliveira. Agora, eu não tinha a voz que Dalva tinha, que era tipo soprano. Elizeth Cardoso, nossa senhora, eu me baseei muito nela. Mas a minha voz é natural. Muita gente hoje que entende diz: "Glorinha, a sua voz não parece com a de ninguém". Graças a Deus. Eu adorava Dóris Monteiro, viajei muito com ela também e Dóris tinha aquela vozinha doce e eu nunca imitei. Eu acho que foi um dom meu, de ter a minha própria voz.

**Preá** – Que músicas não podem faltar em um show de Glorinha?

**Glorinha Oliveira** – Nossa mãe! Tem muita coisa. "Gente humilde", "Se todos fossem iguais à você", "Eu sei que vou te amar", "Vida de bailarina", "Fascinação"... Por falar em "Fascinação", vou lhe contar uma história muito engraçada. Carlos Galhardo esteve aqui em Natal e eu dividi o palco com ele. Fomos ensaiar, passar o som, ele viu meu ensaio e eu fiquei para ver o dele. Quando ele terminou se encostou em mim e disse: "Minha filha você quer ir embora comigo?" Na maior cara-de-pau. E eu disse: "Não. Eu sou casada, tenho dois filhos". Ao que ele respondeu: "Tem problema não, você leva os meninos". Meu marido morreu e nunca soube disso. Já pensou? Ia criar um clima! 🗨️

# MOSSORÓ

Terra da liberdade e da resistência



Encenação do "Oratório de Santa Luzia"

## Mãe Mossoró

É verdade, é verdade sim sinhô  
Eu não sou de Mossoró, mas ela me amamentou  
Mãe é aquela que cria  
A luz de Santa Luzia meu caminho alumia.

Me abraça nos seus braços de rio  
O Genésio da barragem me avisou  
Que no futuro o homem com o seu feroz cio  
Matará a fonte, perderá seu horizonte  
Sofrerá dias a fio.

Respeite o leito do menino  
E deixe que ele vá pro mar.

A ferida aberta no chão,  
O sangue é ouro negro de valor  
Foi a primeira que aboliu a escravidão  
Mas o progresso também trouxe as suas algemas  
E também seu capitão.

O povo hospitaleiro viu  
Tombar o olhar de Lampião.

No rosário da memória  
No orvalho da manhã  
Trouxe à tona de vez a nossa história  
O voto de Celina, Mossoró, mulher menina  
Do seu jardim gerou.

A flor de um sonho de igualdade  
Semente que desabrochou.

De um sol tão causticante sempre  
Guerreiro de uma mente sã  
Sobre as salinas culturais de Mossoró  
Na luta de um homem só, nas entrelinhas do pó  
Leia a odisséia de Vingt-un.

Meu canto é livre, é passarinho  
A bênção mãe que eu vou voar  
Mas eu volto do meu desafio,  
Mãe Mossoró pra te adorar.

**Autores: Francisco Nolasco e Alan Jones, poetas da POEMA**

## Por Gustavo Porpino e Sérgio Vilar

Fotos: Anchieta Xavier

Mossoró, a 275 km de Natal, poderia se contentar com o título de capital do oeste potiguar ou capital do semi-árido, mas o talento artístico do povo mossoroense fez a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte merecer ser chamada de capital cultural. A consagração do município como pólo cultural pode vir em 2007. Mossoró é candidata a Capital Brasileira da Cultura, título concedido a partir de 2006 a uma cidade que passa a ser representante oficial da cultura brasileira pelo período de um ano.



O nome Mossoró faz referência a antiga tribo Cariri dos Mouxorós ou Monxorós, índios que habitaram a região até o início do século 18. Muitos anos depois, o mestre Vingt-un Rosado (1920-2005), ícone da cultura mossoroense, notando o ufanismo dos seus conterrâneos, criou a célebre frase "o país de Mossoró", e assim permanece até hoje na voz do povo. O berço de Vingt-un tem uma identidade cultural tão forte que mais parece um território independente.

Segundo o historiador Francisco Fausto de Souza, autor do livro "História de Mossoró", o sargento-mor Antônio de Souza Machado, fazendeiro português dono da fazenda Santa Luzia, local escolhido para erguer, em 1772, a "Capela da Senhora Santa Luzia", contribuiu para o surgimento do povoado de casas de taipa cobertas de telha ou palha de carnaúba, que deu início ao município.

Até 1842, ano em que é criada a freguesia de Mossoró, a capela pertencia à freguesia de Apodi. A terra de Santa Luzia ganhava novos habitantes e continuava crescendo. Pela Lei Provincial nº 246, de 15 de março de 1852, o povoado foi elevado à categoria de município, desmembrando-se de Assu. Alguns anos depois de sua emancipação política, em 30 de setembro de 1883, cinco anos antes da Lei Áurea, Mossoró liberta todos os escravos do município.

A luta de Mossoró pela liberdade ganhou mais notoriedade no dia 13 de junho de 1927. O prefeito Rodolpho Fernandes juntou um bando de "cabras da peste" e armou uma trincheira na

Igreja de São Vicente para receber Lampião e seus cangaceiros com uma “chuva de balas”. A resistência ao bando de Lampião é contada em diversos folhetos de literatura de cordel e celebrada, anualmente, numa peça teatral ao ar livre, durante as festas juninas.

Os muitos cordelistas, os violeiros repentistas e os emboladores de coco enraízam no solo mossoroense a autêntica cultura nordestina. O regionalismo também está presente na música. “A Parole”, banda de rock com estilo regional, preserva o sotaque nordestino e faz música sem copiar sons que não representam a cultura local. Se a música tem som de viola e guitarra,

o teatro não deixa por menos. Mossoró realiza três grandes peças ao ar livre por ano e os subúrbios aplaudem as apresentações do “Pessoal do Tarará” e outros grupos de teatro de rua.

As artes cênicas estão em evidência. A cidade conta com quatro teatros e os espetáculos “Auto da liberdade”, “Chuva de balas no país de Mossoró” e “Oratório de Santa Luzia” servem como escola para muitos atores da terra. A atriz Tony Silva, nome de maior expressão do teatro mossoroense, encena há 25 anos e guarda o orgulho de nunca ter precisado sair da terra natal para construir uma carreira de sucesso.

Os artistas mossoroenses cantam, encenam, pintam e esculpem as coisas da terra. O que para alguns pode ser bairrismo é encarado por eles como uma homenagem às tradições culturais da terra de Santa Luzia, da liberdade, do primeiro voto feminino, do petróleo, do sal, das águas termais e de muitos jovens sedentos em levar adiante o jeito mossoroense de ser.



### Aposta no turismo cultural

É notório que um investimento adequado em cultura fortalece a identificação de um povo através de suas práticas populares, como retratos vivos do passado e das transformações vividas. Se alguns artistas da melhor estirpe da cultura popular de Mossoró reclamam da falta de apoio em seus ofícios, o turismo cultural da cidade evoluiu de maneira tal que Mossoró

organiza sua candidatura à Capital Brasileira da Cultura.

O secretário de Turismo da cidade, Gabriel Barcelos, garante que as chances de vencer são boas. Ele comenta sobre a importância da ramificação que o movimento cultural traz ao turismo: “Mossoró é uma cidade com vocação cultural e turística. O turismo de eventos atrai investimentos e melhora a qualidade de

vida da população, além de destacar a cidade na mídia. As pessoas ficam curiosas, visitam a cidade e passam a conhecer outros atrativos como as praias, as águas termais, as salinas, o Lajedo Soledade etc”.

Onde se encontram a Estação das Artes e o teatro Dix-huit Rosado, na avenida Rio Branco, haverá uma série de construções com vistas a complementar o chamado Corredor Cultural de Mossoró. Os recursos já estão assegurados, em parceria do Governo do Estado com a Prefeitura de Mossoró. Serão ações que irão preservar o patrimônio histórico e cultural da cidade, como também abrir espaços para as manifestações da arte, sejam elas incorporadas ao turismo de eventos ou da mais autêntica cultura popular.

### Um “escravo” no Quilombo da Arte

O petróleo que brota do solo mossoroense constrói teatros, praças e patrocina espetáculos, mas parece ser no “chão dos simples” que a cultura popular ganha forma. O escultor e músico Gilvan Almeida Vital, o Escravo, 39 anos, mora no Quilombo da Arte, um misto de residência e oficina cultural de chão de terra batida com tijolos de barro. A morada do artista, uma casa de taipa construída por ele mesmo, tem arte em todo canto.

Os tijolos de barro da calçada, e empilhados por trás da casa, são da antiga usina de beneficiamento de algodão que um dia existiu ao lado do Ginásio Poliesportivo Pedro Ciarlini Neto, uma das construções mais modernas de Mossoró. O escultor começa a utilizar os restos da demolição para reformar sua própria casa. O apelido “escravo” surgiu na roda de capoeira. Gilvan utilizava um uniforme feito de saco de açúcar e ficava chateado ao ser chamado de escravo. “Hoje gosto, sou o escravo da arte”.

Do Alto da Pelonha, área humilde de Mossoró onde mora, na mesma rua do bar “O Piquitinho”, o multiartista observa a cena cultural mossoroense e faz planos. Quer ganhar as ruas de Mossoró com sua “Carroça da Arte”. Escravo está esculpindo diversos prédios históricos relacionados com a passagem do bando de Lampião por Mossoró. A igreja de Bom Jesus, a antiga ponte e a igreja de São Vicente vão montar o cenário para que o escultor conte a história do município. “Quero botar as esculturas em cima de uma carroça e sair fazendo apresentações em escolas”.

Escravo pretende encenar a história de Mossoró com bonecos de mamulengo, também fabricados por ele, para despertar o interesse das crianças. “O “Chuva de Balas” é a noite, as crianças não assistem”, salienta. O escultor pratica várias artes ao mesmo tempo. As esculturas, ainda inacabadas, estão por toda parte. A maior delas, uma imagem de Antônio Conselheiro, vai para o acervo do Museu do Sertão. A gaita, a zabumba, o triângulo e o berimbau, encostados em outro canto, comprovam que o artista foi mesmo escravizado pela arte.

A vida de Escravo foi sempre uma busca pela arte como meio de vida. Passou temporadas em Brasília, entre 1986 e 1988, morou em Salvador em 1991 e em Dias D’Ávila (BA) em 1992. Ao retornar a Mossoró, passou a fazer esculturas representando valores da terra e apresentações musicais unindo a cultura africana à nordestina. Em 2005, de 18 a 20 de novembro, criou o “Zumbi viola”, evento em

homenagem ao dia da consciência negra. Passaram pelo Quilombo da Arte os violeiros José Ribamar, Antônio Francisco, Severino Inácio, Concriz e outros.

Em dias de cantoria, Escravo toca gaita com pandeiro e tira sons até de objetos como um simples conduíte de plástico. O artista sonha transformar o quintal da casa no “Museu de Mossoró”, um jardim com esculturas dos artistas da terra. O chão já está pronto. Simples como a vida do artista.





## Túmulo de cangaceiro é o mais visitado

O povo de Mossoró orgulha-se em preservar as cenas contadas da noite de 13 de junho de 1927, quando o bando de Lampião atacou a cidade. Tudo está contado ou simbolizado em monumentos, nas artes plásticas, eventos culturais, registros escritos e artefatos de museus. Mas o cemitério público de São Sebastião guarda, talvez, um retrato do que houve naquela noite histórica, frustrada para Virgulino Ferreira: é o túmulo do cangaceiro José Leite de Santana, o Jararaca (1901-1927), importante membro do bando e, segundo pesquisadores, enterrado quase vivo naquele cemitério.

O jazigo é simples, pequeno, e se mistura a outros naquela necrópole, construída inicialmente em madeira, em 1869, e substituída por tijolos apenas em 1877, ano da grande seca, quando o cemitério ficou pequeno para a quantidade de cadáveres. O diferencial está nas visitas recebidas, fruto da credence popular de alguns. “Sempre venho pra olhar o túmulo de meu pai e aproveito para ver o de Jararaca também. Conheço muita gente que se pegou com ele e se curou”,

acredita a doméstica Maria da Saúde, 49. Funcionário do cemitério há 10 anos, Raimundo Nonato de Lima confirma as visitas constantes ao cangaceiro, equiparadas ou até superiores, segundo ele, ao mausoléu do coronel Rodolfo Fernandes, vitorioso na batalha contra o bando de Lampião, na provinciana Mossoró, com então 20 mil habitantes.

O suntuoso sepulcro do coronel (1901-1976) localiza-se defronte à capela do cemitério, com aproximados cinco metros de altura por quatro de largura, e também recebe o prestígio dos mossoroenses. “Esse aí é o cabra que disse pra Lampião: ‘venha, pode vir que eu te pego’”, comentou o vendedor Canindé Guerra, 44. Na certa Canindé conhece a história de seu povo, na época em que o coronel esvaziou a cidade, sob os temores da vinda do bando. Jornalista e testemunha na época, Lauro da Escóssia escreveu que duas mulheres chegaram a ser retiradas em macas para a cidade de Areia Branca. A estratégia do coronel era a mesma, lembrada pelo vendedor Canindé: chamar o bando para a armadilha.

Pouco antes de chegar à cidade, Lampião enviou um bilhete à prefeitura.

Nele, pedia a quantia de 400 contos de réis para não atacar o município, um valor pelo menos dez vezes superior ao que costumava exigir em ocasiões semelhantes. O coronel Rodolfo Fernandes e seus homens disseram não a Virgulino, para surpresa do temido cangaceiro. A cidade tinha o dinheiro, informou o prefeito, mas Lampião teria que entrar para apanhá-lo. Às 16 horas daquele dia 13, foram ouvidos os primeiros estampidos de bala.

Lampião tinha 53 cangaceiros no seu bando. Não imaginava, porém, que iria enfrentar pelo menos 150 homens armados na defesa da cidade. O repórter Lauro da Escóssia estava lá, vendo tudo de perto. “Durante toda a noite, a detonação de armas em profusão. Parecia uma noite de São João bem festejada”, escreveu em “O Mossoroense”. Além de Jararaca, outro membro importante do bando, Colchete, teve parte do crânio esfacelado por balas. “A partir desse momento a estrela do bando lentamente passaria a brilhar cada vez menos”, escreveu o historiador Frederico Pernambucano de Mello.



## Um poeta abandonado e faminto

A casa do poeta é a de número 2886, na avenida Rio Branco, bairro de Lagoa do Mato. É de uma simplicidade que beira o abandono. Em frente, um pé de algodão do Pará e uma cadeira velha. A fachada ainda persiste na arquitetura antiga, colonial, mas desgastada. É que o poeta prefere as andanças nas redondezas, mesmo que o destino tenha lhe roubado maior parte de sua visão, restando apenas 5%. Mas, em se tratando de filhos, Luiz Campos, 66, é mais abstrato: “Num contabilizei quantos são não”. E nessa casa ele vive sozinho, com sua viola e uma cama velha, coberta por uma colcha de retalhos.

Letrista, cordelista, violeiro; poeta. Luiz Campos é figura reconhecida entre intelectuais e artistas de Mossoró. E mesmo tendo viajado na companhia de sua viola por 18 estados brasileiros, o poeta brinca: “Num sou famoso, sou faminto”. Quando a equipe da PREÁ adentra sua residência, Luiz Campos pergunta e dimensiona ao leitor o espaço de sua moradia: “Será que cabe todo mundo?” Na parede interna da casa sem banheiros, um rabisco do pesquisador Guttemberg Costa: “Aqui estive e um dia voltarei – 25/01/04”.

Mas, ao ver o preparo do almoço que viria, o cordelista Antônio Francisco completou de pronto a frase do amigo: “Mas só se escapar da fava!”.

Por aquela casa passaram artistas muitos, potiguaros ou de outros estados, como os cantadores Ivanildo Vila Nova, Antônio Lisboa, Otacílio Batista e o paraibano Moacir Laurentino. “Moacir chegou aqui nem sabia tocar”. Aprendeu com o poeta Luiz Campos? “A gente num ensina, a gente educa”, comentou, amparado em uma modéstia silenciosa, que deixaria despercebido os mais de 40 títulos escritos e gravados por compositores locais como Genildo Costa, e outros famosos do Nordeste, como o cantor e sanfoneiro Amazan, não fosse a insistência nas perguntas.

Se a vida hoje caminha difícil para o poeta, ele lembra uma infância ainda pior. “Minha meninice foi muito sofrida. Só quando comecei a cantar tive mais mordomia. Ainda assim, pra ganhar dinheiro com cantoria era melhor antes”. Um registro de sua mocidade está publicado numa de suas cirandas de cordel mais famosas, “Carta a Papai Noel”, editada pela coleção Queima-Bucha: “Seu moço eu fui um garoto/ Infeliz na minha infância/ Que soube que fui criança/ Mas pela boca dos outro./ Só brinquei cum os gafanhoto/ Que achava nos tabuleiro/ Debaixo dos juazeiro/ Com minhas vaca de osso/ Essas catrevage, são moço/ Que se arranja sem dinheiro”.

Sem querer alongar o assunto que o faz rememorar épocas mais sofridas, Luiz Campos recomenda a leitura de um de seus cordéis, “O Meu Caso é um Descaso”, que, segundo ele, retrata também a falta de apoio aos artistas populares de Mossoró.

### Trechos de “O Meu Caso é um Descaso”

*Eu ainda estou lembrando  
Dos cantos que trabalhei:  
Canto de Dix-Sept Rosado,  
O meu suor derramei;  
Tertuliano Fernandes,  
Eu ali fui um dos grandes  
Fabricantes de sabão.  
Hoje tô doente e pálido;  
Quase cego, tô inválido;  
Ninguém me presta atenção.*

*E a praça do codó  
Que ajudei a reformar?  
Foi pra lhe ver Mossoró  
Crescer e multiplicar.  
Hoje a praça está aí,*

*E eu também tô aqui  
Um pouco distante dela,  
Quando a vontade me pede  
Chega a doença e me impede  
De dar um passeio nela.  
Casas, Igrejas e pracinhas  
Eu ajudei a construir,  
Passe suas mãos nas minhas  
Que dá pra você sentir  
Os calos da ferramenta  
Que na década de cinqüenta  
Eu trabalhei, mas pra quê?  
Que você não reconhece,  
Como que nunca eu tivesse,  
Feito nada por você.*

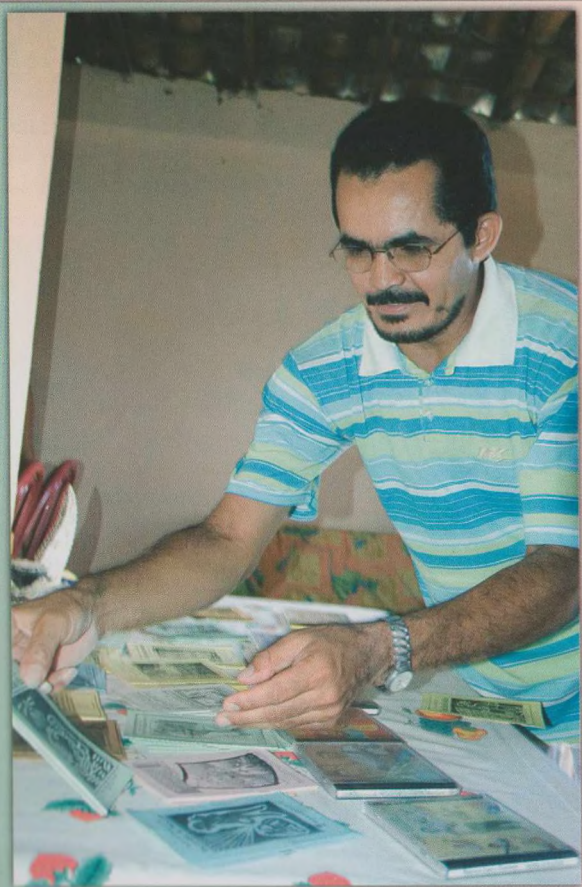
Se alguns poetas gozam o status e o glamour da intelectualidade, Luiz Campos, ferido pelos pesares do destino, enxerga um outro lado do ofício: “Vendo poesia por real. Infelizmente não recebemos apoio. Fazer poesia é difícil porque não é visto como profissão, num tem nem carteira assinada”, lamenta. Ainda assim, o poeta se orgulha de ter conhecido o Brasil pelos prêmios que recebeu, como no festival de violeiros em Recife, em 1979, onde foi um dos 20 escolhidos, entre 148 candidatos, a conhecer o Brasil. O reconhecimento do talento do poeta é notório entre os artistas e intelectuais de Mossoró e capitais afora. Mas, como se quisesse mesmo as dores da solidão como inspiração para escrita, Luiz Cam-

pos continua na labuta diária, vendendo poesia, espalhando cultura popular. O professor Cláudio Arcanjo escrevera sobre Luiz Campos:

“(…) remoendo aquele abandono, só e solitário, e nada de sono. Os versos lhe invadem a mente, construindo cirandas de cordel, versos em forma de rosas. E a cidade, esquecida do Poeta, dorme hipocritamente”. Mas o próprio poeta sentenciava sua solidão em versos: “Meus olhos perderam a luz,/ Minhas pernas fracassaram, Meus colegas se afastaram/ Como o cão quando vê cruz...”. E a solidão parece mesmo inspiração maior para Luiz Campos; está presente em muitos de seus escritos. Com sua visão comprometida e a sensação do abandono,

escreveu: “... E a luz do sol ficou opaca/ Muito mais que a falta de energia./ Eu quis escrever, mas não podia/ Com lápis e papel na minha mão/ Quis vingar-me da negra solidão/ Enfrentei o poder da desvantagem/ Quis morrer de amor faltou coragem/ Quis viver para amar faltou razão”.

Nem mesmo o bar que abriu ao lado de sua casa, hoje abandonado, resistiu às forças das desventuras. E se o poeta precisou vender poesia para colher sobrevivência em tempos outros, o pedido de uma “palhinha” junto a sua viola para concluir a conversa, veio com a revelação sóbria e enfática: “Me desculpe, mas nunca toquei por brincadeira”.



## José trocou a enxada pela viola

Quando criança, ser violeiro e repentista parecia ser um sonho distante para o ex-agricultor José Ribamar de Carvalho Alves, 43 anos. Filho de família humilde, natural do sítio Solidão, em Caraúbas (RN), José Ribamar teve que abandonar os estudos antes de concluir o segundo ano primário para trabalhar no roçado. As cantorias de viola, ouvia pela rádio Vale do Jaguaribe, de Limoeiro do Norte (CE), diariamente às 10h no programa comandado por Antônio França e Juvenal Evangelista. “Era de costume ouvir como se fosse uma missa. Lá em casa não tinha rádio, saía a pé. Andava até 2 km para não perder”.

A seca de 1983 tornou a vida do antigo agricultor ainda mais difícil. “Foi o tempo do feijão preto com sardinha”, lembra. A estiagem acabou com a plantação, mas terminou contribuindo para José Ribamar seguir carreira de violeiro. “Depois que achei que daria certo, joguei a enxada no mato e não voltei mais para o roçado”.

Percorreu os sertões, tocou em feiras livres e conheceu tocadores veteranos. Em 1991, passou três meses hospedado na Casa do Cantador, em Ceilândia (DF). Tocava na feira aos domingos e em restaurantes nos dias da semana. O poeta Raimundo Lira, natural de Martins (RN), acompanhou

José Ribamar pelo Distrito Federal. Mais experiente, retornou ao oeste potiguar e comandou programas nas rádios Centenário, de Caraúbas, e Libertadora, de Mossoró. “Quando comecei a cantar, tive que aprender a ler para não dizer besteira”.

Ainda voltou a Ceilândia, em 1996, para uma temporada mais curta de cantoria. Passou dois meses e mais uma vez retornou a terra natal. O primeiro folheto de literatura de cordel surgiu em novembro de 2001. Os títulos publicados já somam dezessete. José Ribamar tem participação em sete CDs, entre eles, “Repente Potiguarino”, do Projeto Nação Potiguar.

O pesquisador, e também poeta, Crispiniano Neto, considera o colega “um dos poetas mais promissores da nova geração, pois mesmo não estando nos grupos que dão visibilidade aos cantadores nordestinos, trata-se de um dos cantadores repentistas mais zelosos com as técnicas da versificação cordeliana e do improviso”.

Crispiniano Neto incentivou José Ribamar a juntar a viola ao pandeiro. O projeto “A viola e o pandeiro” une o violeiro e o cantador de emboladas Concriz. A idéia das apresentações em conjunto deu tão certo que já foi criado um novo formato com coco, cordel e viola. O trio, formado por José Ribamar, Concriz e o cordelista Antônio Francisco, sucessor de Patativa do Assaré na Academia Brasileira de Literatura Cordel, faz apresentações em teatros e festas populares.

O reconhecimento ao talento de José Ribamar começa a surgir. O cordelista ficou em 6º lugar no I Concurso de Literatura de Cordel da biblioteca municipal Belmonte, de Santo Amaro (SP). Participaram 68 cordelistas. O segundo lugar ficou com o mossoroense Antônio Francisco. A organização do concurso enviou uma carta e uma medalha ao “poeta e personalidade da literatura oral”.

## Um concriz solto pelo mundo

*“Vamos pisar, menino  
Vamos pisar  
Coco é improvisado  
Canta quem sabe cantar”*

Conversar com José Antônio da Silva, 52 anos, o Concriz, é comprovar a sabedoria dos emboladores de coco. Concriz encontra resposta para tudo com rimas. Natural de Timbaúba dos Mocós (PE), começou a tocar aos 12 anos no Mercado de São José, no Recife. Chegou a Mossoró em 1982 e de lá para cá percorreu todo o Rio Grande do Norte cantando em feiras e fazendo apresentações com outros violeiros.

Concriz lembra da época em que muitos coquistas se juntavam no Mercado de São José para entoar emboladas. Os irmãos Beija-flor e Treme terra despertavam o interesse do menino em seguir



carreira de cantador. Seguiu em frente e contabiliza diversas apresentações em teatros com o cantor Genildo Costa, Antônio Francisco e outros mossoroenses. Já abriu um show de Sá e Guarabira no teatro Lauro Monte Filho e participa de programas de rádio.

Certa vez, numa das muitas viagens que fez pelo interior potiguar, estava cantando na feira de Cerro Corá quando “um cabra embriagado chegou para responder a embolada”. Brabo, Concriz não aceitou e diz que “quase terminava a feira, agarrado com o bêbado”.

O paraibano João Preá, violeiro radicado em Caruaru (PE), foi seu parceiro durante 12 anos. “Canto com quem dá certo”, diz. Os versos do cantador estão registrados em alguns folhetos de cordel. Concriz narrou a vida do cangaceiro Jarraraca em versos e “Jorge Amado foi embora, foi Deus quem mandou buscar”, homenagem ao escritor baiano também com rimas.

## Artista pede galeria de arte

Poesia e pintura são duas artes que se misturam na vida do mossoroense Airtton Cilon da Silva, 37 anos. O poeta e artista plástico, fã de Raul Seixas e Renato Russo, também toca violão e comanda o “Expressão Cultural”, programa dominical das 10h às 12h na rádio comunitária 96 FM.

Cilon mora numa casinha simples com porta de duas bandas. A parte de cima da porta tem um desenho de duas crianças feito por ele e a inscrição “lar doce lar” escrita em inglês. A sala tem muitos quadros escorados na parede e uma pequena estante com vários livros e CDs. O poeta gosta de ouvir Beatles. Quando chegamos em sua residência, o som da sala tocava “Love”, composição de John Lennon. “Estou aqui lembrando Lennon nestes 25 anos de morte dele”, comenta.

Como poeta, lançou três obras. “Amor Platônico” (1998), “Mil Pedacos” (2002) e “Impressão Digital” (2003). Os poemas para o quarto livro já estão prontos. Como pintor, fez cinco exposições. “Ver-



tente de Emoções”, mais nova mostra de suas pinturas, reúne seus dezesseis últimos trabalhos com temas tão variados quanto natureza morta e nu artístico. “O poeta é mais vivo. A pintura é minha poesia visual. As duas se fundem”.

Cilon não reclama da falta de apoio governamental, mas sugere a construção

de uma galeria para os artistas mossoroenses fazerem suas exposições. “Se for atrás com antecedência, o poder público apóia, mas pode melhorar. Seria bom um espaço apropriado para expor nossas telas, já que temos a Estação das Artes e o teatro, podemos ter uma galeria climatizada e com iluminação adequada”.

## A cultura está nas ruas

Se “foi para a rua é popular”, como afirma o diretor do oratório de Santa Luzia, Marcos Leonardo, Mossoró se traduz em uma cidade iluminada pela arte, com três dos maiores espetáculos do Nordeste, encenados ao ar livre: Oratório de Santa Luzia, Auto da Liberdade e Chuva de Bala. Em datas distintas, os autos incorporaram-se ao turismo de eventos da cidade e retratam a cultura e história do povo mossoroense.

Embora com linguagens e metáforas nem sempre de fácil interpretação, os três espetáculos mobilizam milhares de pessoas, e consomem milhões em dinheiro. Os pintores Di Cavalcanti e Salvador Dalí, ou mesmo o italiano Caravaggio, estão presentes de algum modo, no Oratório

de Santa Luzia, segundo Marcos Leonardo. “São várias as influências da cultura presentes no espetáculo. Não precisa ser simplista na apresentação, mas também o erudito é proibido. E aí de quem não utilizar linguagem fácil”, disse o diretor.

Também como parte do cenário, localizado no adro da igreja Matriz de Santa Luzia, padroeira da cidade, influências das esculturas de barro de mestre Vitalino. Na trilha sonora, instrumentos clássicos como triângulo, sanfona, mas também o harmônio de Ariano Suassuna. A interpretação dos atores personificam figuras da cultura popular, como cantadores e profetas.

Assim como o Oratório e os outros espetáculos, o Auto da Liberdade, em sua sétima edição, só utiliza atores mossoroenses, entre profissionais e amadores. O elenco é montado com voluntários que se apresentam. No último ano, o diretor Marcelo Flecha procurou valorizar a cultura popular, através da adaptação do cordel do poeta mossoroense Crispiano Neto.

Para unificar a dramaturgia dos quatro atos libertários de Mossoró (motim das mulheres contra o alistamento de seus filhos nas forças armadas, em 1875; libertação dos escravos cinco anos antes da Lei Áurea, em 1883; resistência ao bando de Lampião, em 1927; e o primeiro voto feminino da América Latina, em 1928), o diretor criou três personagens com três gerações de mulheres negras, que contam os episódios heróicos a partir da curiosidade da neta. A trilha sonora é articulada para receber emboladores de coco, repentistas. O coral de 500 vozes canta, em um dos três níveis do palco, o texto de um aluno vencedor de concurso literário, aonde cada uma das quatro estrofes trata de um ato heróico.

Também para louvar um fato histórico, a resistência da cidade ao ataque do bando de Lampião em 13 de junho de 1927 é contada na peça de teatro ao ar livre “Chuva de Bala no País de Mossoró”. O espetáculo acontece no mês de junho como parte do Mossoró Cidade Junina. O espetáculo é uma adaptação da obra

do escritor e professor mossoroense Tarcísio Gurgel, encenado em palco armado no adro da Capela de São Vicente. Não por acaso. É que a Capela faz parte da história, tendo sido a principal trincheira da defesa montada pelo então prefeito Rodolfo Fernandes, contra Lampião e seu bando.

Já com quatro edições, tendo como primeiro diretor Antônio Abujamra, e depois passado apenas pela imaginação iluminada de João Marcelino, teatrólogo já com história na direção dos autos de Mossoró, tendo dirigido também quatro edições do Oratório de Santa Luzia. A preocupação inicial do espetáculo Chuva de Bala, segundo ele, é contar com o elemento musical. “A música aliada ao teatro tem poder de hipnose, de invadir a alma do público”. Para isso, Marcelino fez algumas modificações na obra de Tarcísio Gurgel, dando mais musicalidade à peça teatral, que ano passado – em onze apresentações – atraiu um público superior a 35 mil pessoas, entre mossoroenses e turistas.

Foto: Carlos Costa - Auto da Liberdade



Foto: Pacífico Medeiros - Chuva de Bala



Foto: Ricardo Lopes - Oratório de Santa Luzia

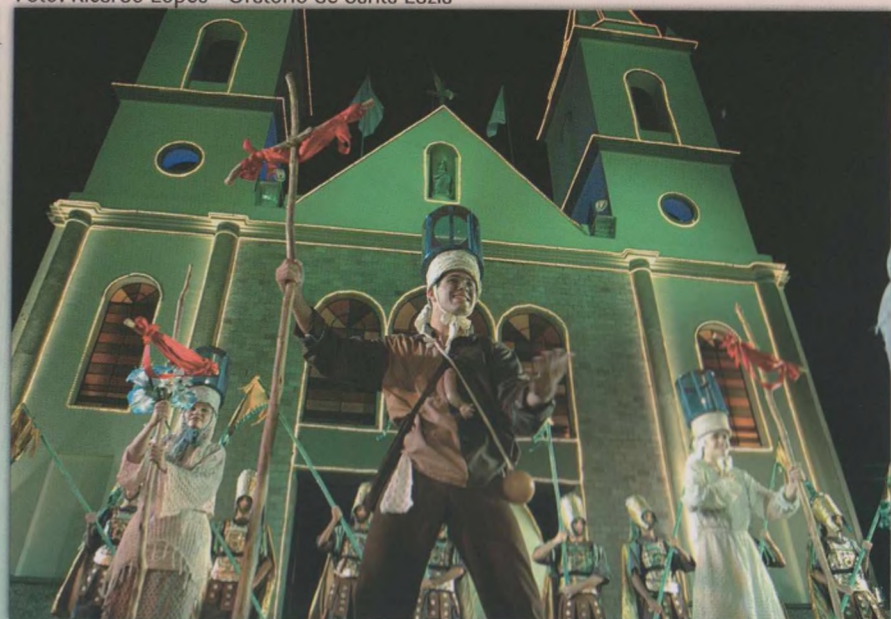




Foto: Carlos Costa

## Tony Silva respira teatro

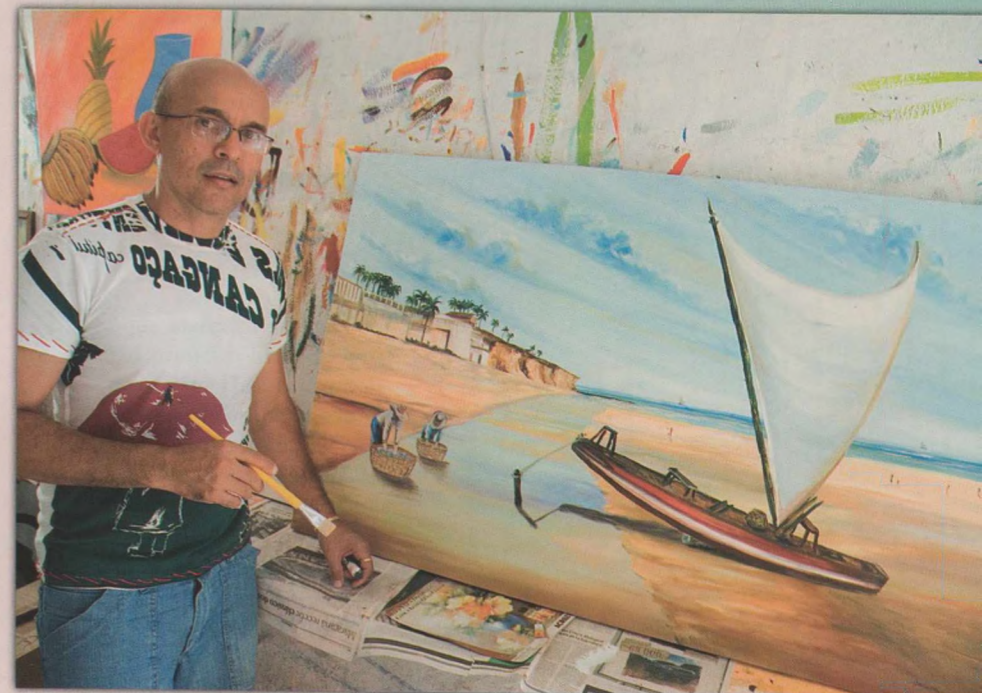
A atriz mossoroense Antônia Lúcia da Silva, 47 anos, a Tony Silva, como é mais conhecida, começou no teatro atendendo a um apelo de Crispiniano Neto e Aécio Cândido, antigos colegas da Escola de Agronomia de Mossoró e autores de "Circo, Alegria do Povo", primeira peça encenada pela atriz.

Tony Silva ainda lembra do nervosismo na noite de estréia. Entrar no palco a primeira vez não foi fácil. Foi preciso um empurrão de verdade. "Eu disse não vou e ele (Aécio Cândido) disse: você vai!". A timidez da estréia contrasta com a desenvoltura e domínio do palco vistos nos anos de 2001 a 2004, quando a atriz representou Nicácia no espetáculo "Oratório de Santa Luzia".

Ao encenar tão bem a cega Nicácia, zeladora da igreja de Santa Luzia que contava a história da santa, Tony Silva conquistou a admiração dos conterrâneos e recebeu convites para participar de outras encenações. Mas nunca quis deixar Mossoró. "É difícil se desapegar daqui", admite.

A atriz participou de "Fabião, poeta da liberdade", filme do cineasta Buca Dantas, e do Auto de Natal, em 2004, encenação ao ar livre realizada no período natalino, em Natal. "Todos os personagens são especiais, considero como meus filhos". Tony Silva também começa a dirigir espetáculos. Foi assistente de direção da última edição do "Oratório de Santa Luzia", mas diz preferir a presença no palco, "dando vida ao pensamento do diretor".

A peça "Medéia, um fragmento", seu mais novo trabalho, é encenada num barracão para trinta pessoas, o espaço Medéia, montado na rua Joaquim Nabuco, em Mossoró. A encenação, dirigida por Marcelo Flecha, conta a história da tragédia grega, na qual uma mulher apaixonada que é trocada por outra, começa a mudar de comportamento. Medéia estará em cartaz em Imperatriz, no Maranhão, de 23 a 29 de janeiro. O elenco é formado por Tony Silva, Jeyzon Leonardo, Damásio Costa, Marcos Leonardo, Renilson Fonseca, Luciana Duarte, Kleber Felix e Joriana Pontes.



## A arte multifacetada de Careca

Desde os 10 anos, Carlos Antônio de Figueiredo, conhecido como Careca, descobriu aptidão para as artes plásticas. Começou como muitas crianças: pintava super-heróis, rabiscava e pintava com lápis de cor as figuras; sempre gostou de desenhos. Mas tornou-se profissional mesmo devido à necessidade de dinheiro. Após o casamento, desempregado, se apegou com o que mais gostava: a pintura, e tornou-se artista plástico profissional, mesmo sem estilo próprio, como diz. Aliás, ao se afirmar um artista comercial, Careca cria seu estilo, multifacetado, a receber encomendas de esculturas, telas, quadros em grafite...

Aos 44 anos, Careca se orgulha em manter a família, a casa própria e um automóvel apenas com a venda de seus trabalhos artísticos. "Faço o que me pedirem; sempre foi assim desde que iniciei profissionalmente. É questão de sobrevivência. Não posso me prender a estilos, ou minha clientela será reduzida". A versatilidade com os instrumentos e material que utiliza impressiona. São quadros

cubistas, trabalhos em mosaicos, grafite, aquarela, resina, esculturas e figuras as mais diversas. "A preferência é mais por trabalhos abstratos", completa.

Ao contrário de outros artistas, poetas que vivem à míngua ao tentar sobreviver do ofício, Careca orgulha-se em receber encomendas até do estrangeiro. "Já exportei telas para Canadá, Suíça e Estados Unidos, para um pastor que encomendou quadros de personagens bíblicos". Autônomo, Careca constrói sua rotina de trabalho. E como realiza tudo com prazer, chega a pintar 40 quadros ao mês, em até 10 horas de trabalho por dia, no ateliê localizado em sua própria casa. É lá também que, entre as paredes repletas de cores e rabiscos que parecem quarto de criança danada, que Careca ministra aula de pintura para dez alunos. Para esse ano, o artista recebeu uma encomenda para pintar 61 jornalistas da imprensa potiguar. É esperar pra ver.



## Rock com sotaque mossaoroense

A “Parole” faz rock com sotaque mossaoroense. As letras falam do cangaço e da escravidão e a batida forte da percussão traz para a banda a sonoridade do Maracatu. Mas a autenticidade dos músicos não é garantia de sobrevivência. A banda está comemorando oito anos e enfrenta dificuldades para continuar na ativa. “Já pensamos tanto em desistir... mas os festivais dão impulso para seguirmos em frente”, diz o percussionista Nilsinho.

O regionalismo não vem desde o início. A formação inicial da banda era fã do Nirvana e seguidora do estilo *grunge*, mas a morte do vocalista da banda americana, Kurt Cobain, em 1994, fez o estilo entrar em decadência. Os componentes da banda voltaram seus olhos para Chico Science e Nação Zumbi. Inspirados pelos pernambucanos, começaram a dar forma ao rock tipicamente mossaoroense. “Começamos a ser infectados pelo Man-gue Beat”, conta o baterista Val.

A transformação da Parole, termo que significa o uso que se faz da língua, começa com a inclusão da percussão. O capoeirista Nilson Souza, o Nilsinho, foi convidado para entrar na banda. Acostumado a tocar berimbau e tambor em rodas de capoeira, Nilsinho chegou para colocar tempero regional nas músicas da banda. As letras começaram a abordar a cultura nordestina e até a fazer uso dos cordéis produzidos em Mossoró. “Fazemos um rock influenciado por nossos costumes”, conta o baixista Alderi, formado em Letras e professor de literatura.

O músico mossaoroense Escravo já participou de apresentações da banda e não é de admirar se, em breve, os músicos convidarem violeiros para abrir uma das canções da Parole. A banda, formada por Alderi Jasa (baixista), Carlinhos (vocal e percussão), Edgar Rocha (guitarrista), Otávio Bruno (guitarrista), Nilson Souza (percussão), Wendell Oliveira (vocal e percussão) e Val Fonseca (bateria) participou de duas edições do MADA, em

Natal, nos anos de 2001 e 2004. Também tocaram no Forcaos, festival de rock realizado em Fortaleza no mesmo período do Fortal, carnaval fora de época cearense.

A participação nos festivais deu ânimo para continuarem a carreira e permitiu o contato com outras bandas alternativas. As bandas natalenses Peixe Coco e General Junkie, e a Jumenta Parida, de Fortaleza, atenderam convite da Parole para tocar em Mossoró no final dos anos 90. “Sentimos que as bandas underground têm dificuldade em qualquer canto, mesmo em Natal ou Fortaleza”, salienta Val.

A música é uma paixão para todos os músicos da Parole. Nenhum tira seu sustento com a participação na banda. “Nenhum vive da banda, a banda é que vive da gente”, destaca Val, que trabalha como almoxarife de segunda a sexta. Para seguir tocando, vale qualquer esforço. Os músicos já chegaram até a fazer ensaios na cozinha da casa dos pais de Val. “Botava papai e mamãe na calçada...”

## POEMA espalha o gosto pela leitura

Se o hábito da leitura ou o mercado literário não contagiou Mossoró, mesmo a cidade possuindo uma das maiores editoras do país (a coleção Mossoroense, com 4.500 títulos publicados), a associação de Poetas e Prosadores de Mossoró (POEMA) tem combatido essa deficiência de âmbito nacional. O presidente da Associação, poeta Caio César Muniz, tem elaborado projetos a serem implantados em 2006, a incluir a retomada do projeto Poema na Escola.

A intenção da POEMA, explica Caio César, é diferente de outras instituições que agregam literatos, como a Academia Norte rio-grandense de Letras. A POEMA visa disseminar cultura literária entre jovens, promover recitais e, principalmente, dar visibilidade à poesia mossaoroense, revelando nomes como Antônio Francisco, e descobrindo outros, como o jovem Mário Gérson, fruto do projeto Poema na Escola, no qual 23 adolescentes já tiveram seus trabalhos publicados pela Associação, através de parceria com a Coleção Mossoroense.


Embora esteja em fase de “hibernação”, como afirma Caio César, a tendência para 2006 é de efervescência da Associação, que possui 8 anos e iniciou apenas com cinco membros: os poetas Cid Augusto, Caio César Muniz, Marcos Ferreira, Genildo Costa e Rogério Dias. “Começou como brincadeira. Nos conhecemos através do suplemento cultural do jornal “O Mossoroense”. Nos reuníamos para recitar poesia e beber cachaça. Genildo, que é músico, musicava nossos poemas para facilitar a aceitação do público. Fomos invadindo espaços. Começou como brincadeira e virou coisa séria”, conta Caio César.

Das cinco pessoas iniciais, abriu-se um leque. A POEMA já conta com cem associados, entre poetas e prosadores de Mossoró. Segundo seu presidente, o aumento substancial de membros “é bom e é ruim, pois lidar com vaidades é complicado”. Caio César considera a POEMA um divisor de águas na poesia mossaoroense. “Nos recitais promovidos em bares da cidade descobrimos os talentos, quem está escrevendo, porque recitar poesia sóbrio é um saco”, brinca o poeta boêmio, já com três livros publicados.





## Coral Carcará

O Coral Carcará, formado por alunos da escola de música Pedro Ciarlino, entoa músicas de todos os estilos. A regente, professora Cláudia Azevedo, ensaia desde clássicos da MPB como Luiza (Tom Jobim) e Mucuripe (Fagner) a sucessos do sertanejo como Pense em Mim (Leandro e Leonardo). 



## Túlio comanda a irreverência

Túlio César Pereira, 33 anos, o Túlio Ratto, é sinônimo de irreverência. As charges do cartunista da revista Papangu, publicação mensal de humor criada por ele, arrancam risos de muitos e atacam a ira de outros na “extremamente provinciana Mossoró”. O humorista admite que, se fosse fazer o mesmo trabalho há dez anos, já teria até “levado peia”.

Mas Mossoró parece ter se tornado mais democrática. O troféu Papangu, homenagem a maior gafe do mês no cenário político-cultural mossoroense, coloca todo mês uma figura de destaque no centro das gozações. Ninguém escapa do faro para caçar piadas do humorista. Se vacilar, ganha o “troféu papangu” e terá que suportar um mês de gozações ou carregar a sina pelo resto da vida. Alguns dizem para “pegar mais leve”, mas Túlio diz não ter “nenhum remorso”.

A idéia da criação da revista surgiu durante o 1º Humorsoró, exposição de charges organizada por Túlio, em 2003. “Foi a primeira e última, foi mais para lançar meu nome”, admite. Túlio sempre gostou de desenhar e passou a fazer charges com auxílio da tecnologia, inspirado no trabalho do cartunista carioca Aroeira. “Depois que vi o trabalho dele, vi que tinha que partir para o computador”.

As charges são produzidas no computador, mas o desenho é todo feito manualmente na mesa digitalizadora. Túlio analisa uma foto do personagem a ser explorado, vê um ponto interessante e exagera. “Faço uma coisa pra quando a pessoa ver, já começar a rir”.

# LIVROS

Carlos Magno Araújo  
carlos\_magno\_araujo@yahoo.com.br

## RN POR AÍ

Oswaldo de Souza, Mário Tavares, Dorian Jorge Freire. Menos por coincidência e mais por competência, potiguares ilustres aparecem em livros relançados recentemente. “História da Música no Brasil” (Nova Fronteira, 560 páginas, R\$ 59,00), do musicólogo Vasco Mariz, foi publicado pela primeira vez em 1981 e é considerado um dos clássicos da história da música erudita brasileira. Cobre desde o Brasil Colônia, passa por Carlos Gomes e Villa-Lobos e vai até os músicos mais contemporâneos. Ampliada e atualizada, esta é a sexta edição. O natalense Oswaldo de Souza (1904-1995) aparece no capítulo “Outros valores da segunda geração nacionalista”, ao lado de nomes como Brasília Itiberê e Walter Burle-Marx, irmão do famoso paisagista Roberto. Na pequena biografia, o autor diz que Oswaldo de Souza é compositor de canções inesquecíveis, lembra das viagens de pesquisa folclórica e indica para leitura “Oswaldo de Souza, o canto do Nordeste”, publicado pela Funarte, em 1980. No mesmo livro, Mário Tavares (1928-2002), que chegou a regente da Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro está perfilado no capítulo “Outros valores da segunda geração pós-nacionalista”. Mereceu cinco páginas. O autor destaca o poema sinfônico-coral *Ganguzama* como obra-prima de Tavares, mas acha excessivo compartilhar a opinião de Francisco Mignone de que esta partitura é a “concepção brasileira mais genialmente composta depois da obra de Villa-Lobos”.

## MOSSORÓ

O mossoroense Dorian Jorge Freire aparece na edição mais nova de “Depois do Sol” (Editora Global, 208 páginas, R\$

30,00), que marca os 40 anos de lançamento do primeiro livro de Ignácio de Loyola Brandão. Há um capítulo especial no final do livro chamado de “Nos Bastidores de Depois do Sol”, em que o autor refaz o universo de São Paulo em 1965 e os ambientes que inspiraram os contos, em geral bares e inferninhos de uma metrópole que ainda guardava o romantismo de uma época. Dorian Jorge Freire aparece num texto que tem como título “Via-Sacra todas as noites por todas as boates” em que Loyola lembra da sua turma, a do jornal Última Hora: “Dorian Jorge Freire, redator principal do jornal, colunista de destaque que polemizava com a sua *Revista dos Jornais*. Dorian foi um pioneiro, espécie de ombudsman na imprensa, quando essa palavra ainda não existia; era odiado pelo Estadão, a quem atacava diariamente. Voltou a Mossoró, Rio Grande do Norte, sua terra natal, e pertencia à Academia de Letras do seu estado”.

## DIGITAL

Um grupo de jovens escritores de Natal, entre os quais jornalistas, publicitários e amantes das letras, lançou no início de dezembro “Digiscritos – Volume 1”, que chamam de “o primeiro livro digital do RN”. O *Jovens Escribas*, nome do grupo, surgiu em 2004 a partir da produção de textos e discussões literárias enviadas para uma lista de e-mails. O livro é montado em CD no formato PDF, com contos, crônicas e poesias produzidas por quinze autores. Há experimentalismos, sim, mas acima de tudo o desejo de buscar o novo, o que, aliás, move toda a juventude, sem medo de ousar. Só a rebeldia e a transgressão para vencer o imobilismo. Bom saber que novos autores locais estão ousando e se mexendo.

## SERIDÓ

Em “Coronéis”, Pery Lamartine reuniu pequenos perfis que apresentam as lideranças políticas que ajudaram a formar a região Seridó. O livro, lançado pelo selo Sebo Vermelho, mostra quem foram os primeiros povoadores e os principais coronéis, alguns dos quais chamados assim não por título de governo ou honra militar, mas por respeito da população.


## GEOGRAFIA

Em “Pierre Monbeig – um marco da geografia brasileira”, título lançado pela editora Sulina, o professor do curso de Geografia da UFRN Aldo Dantas resgata a memória de um dos pioneiros daquela área no Brasil, embora de origem francesa. Monbeig implantou métodos de pesquisa inéditos no país.

## NÍSIA

Outro livro em que o RN aparece é “O imaginário e o poético nas Ciências Sociais”, da Edusc, a editora da Universidade do Sagrado Coração, de Bauru, interior paulista. Organizado pelos professores José de Souza Martins, Cornelia Eckert e Sylvia Caiuby Novaes, o livro traz texto da professora Julie Antoinette Cavnignac, da UFRN, fruto de pesquisas no município de Nísia Floresta em que confronta a tradição oral com a história da cidade.

## POESIA

O ano literário de Natal fecha com chave de ouro com os livros “Esperado Ouro”, de Marize Castro, e “Amor e outras mentiras”, de Alex Nascimento. 

# PS.

▶▶▶▶ Vamos à história desta edição, que chegou às suas mãos com uma boa dose de nostalgia e resgates cultural e histórico. Oswaldo Lamartine e o sertão; Glorinha Oliveira e o rádio; Maria Eugênia e o Vale do Açu; Nadelson Freire e os engenhos de cana. Os três primeiros já entrados nos 80 anos de idade. Nadelson chegando aos 70. Todos viveram para assistir sertão, vale, engenho e rádio virarem escombros e sombras do que foram. “Mas como dói”, diria o poeta maior. É o que se pode constatar nas reportagens publicadas nesta edição.

▶▶▶▶ O editor assistente Gustavo Porpino, na viagem a Mossoró, passou por Açu e entrevistou Maria Eugênia; David Clemente fez a matéria com Nadelson e eu escolhi as fotos, em dois encontros na casa do engenheiro. Eu e Gustavo fizemos a entrevista com Glorinha. Ela nos recebeu com um bom humor impressionante. Depois, a caminho de casa, fiquei pensando: deve ser esse alto-astral que a faz parecer ter 20 anos a menos.

▶▶▶▶ Eu me encarreguei de conversar com Oswaldo. Por alguns motivos. O que pesou mais foi o fato de eu conhecê-lo um pouquinho e ter ouvido algumas de suas histórias sobre o sertão. Junto com a reportagem, publicamos o discurso de Oswaldo e de Vicente Serejo, feitos durante a entrega do título de Doutor Honoris Causa, na UFRN. Não

levei fotógrafo para fazer fotos de Oswaldo. Devido aos problemas de saúde que ele enfrenta, resolvi invadir ao mínimo sua privacidade e também poupá-lo de chateações maiores do que a de ser entrevistado, na idade e na situação em que ele se encontra. Em função dessas limitações, tanto a reportagem quanto as fotos poderiam ter saído melhores, e devem ser analisadas levando-se em conta o contexto em que foram produzidas. Foi a homenagem possível.

▶▶▶▶ Como o discurso de saudação a Oswaldo, escrito por Serejo, é longo, ficou combinado que ele seria enxugado e que o colocaríamos na íntegra na página da FJA na Internet ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)). Também está disponível no site da FJA um verbete (Burra-de-sela), do livro “Vocabulário do criatório norte-rio-grandense”, de Oswaldo e Guilherme de Azevedo, que não deu para entrar na revista. Os discursos de Serejo e de Oswaldo serão também publicados em plaquete pela Fundação José Augusto.

▶▶▶▶ Entre os jovens talentos que publicamos nesta Préá, desponta a escritora Roberta Assunção, que ficou com menção honrosa no último Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães. É dela o conto “Supernova”. Estudante de jornalismo e professora de inglês, Roberta tem 19 anos, e é um dos nomes mais promissoras da Literatura surgido nos últimos anos no Rio Grande do Norte. O mesmo se pode dizer de Sérgio Vilar, também estudante de jornalismo, que comparece com um texto sobre o filme “O fantasma da ópera”.

▶▶▶▶ Na faixa de idade intermediária, premiamos o leitor com texto do poeta R. Leontino Filho, que nos brinda com sua inteligência e argúcia, falando sobre o escritor Ascendino Leite e com a poesia moderna e urbana do poeta João Batista de Moraes Neto. Desta forma,

contemplamos todas as gerações, e mais que isso, abrimos espaço para que seja exercitado o diálogo entre elas. Diálogo que considero imprescindível para avançarmos culturalmente de forma mais rápida e consistente.

▶▶▶▶ Um outro destaque desta edição é a reportagem sobre Mossoró, a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte. Alguns leitores talvez sintam a falta de textos sobre alguns nomes importantes da cultura mossoroense, como Vingtun Rosado, Raimundo Soares de Brito e Antônio Francisco, entre outros. Mas, como todos esses já foram contemplados com entrevistas e reportagens, decidimos abrir espaço para os que não apareceram ainda na revista e que fazem um trabalho importante na cidade.

▶▶▶▶ Algumas reportagens sobre os municípios poderiam render muito mais, quer dizer, sair bem melhores, se algumas prefeituras dessem um mínimo de apoio a nossa equipe. Quando falo em apoio, não é apoio material ou financeiro. Nada disso. É mais elementar. Apenas que indicassem as pessoas, artistas, grupos ou monumentos, que representam a cultura da cidade. Infelizmente, algumas Prefeituras, como a de Parelhas, que enfocamos nesta edição, não deu a mínima para a nossa reportagem, que teve de se virar como pôde para não perder a viagem. Comportamentos que refletem o modo como certas administrações públicas tratam a cultura. Desprezo total! Não foi a primeira vez que tais fatos aconteceram. Mas não é por isso que vamos parar com a série, que julgamos ser da maior relevância para a cultura do Rio Grande do Norte.

Até a próxima!

*Facileto Costa*

## A sua arte em mãos de verdadeiros Arquitetos de cores.



[www.mouraramos.com.br](http://www.mouraramos.com.br)

João Pessoa/PB:	(83) 3015 4000	<a href="mailto:grafica.pb@mouraramos.com.br">grafica.pb@mouraramos.com.br</a>
Natal/RN:	(84) 3202 3851	<a href="mailto:grafica.rn@mouraramos.com.br">grafica.rn@mouraramos.com.br</a>
Recife/PE:	(81) 3229 1704	<a href="mailto:grafica.pe@mouraramos.com.br">grafica.pe@mouraramos.com.br</a>
Maceió/AL:	(82) 3337 5290	<a href="mailto:grafica.al@mouraramos.com.br">grafica.al@mouraramos.com.br</a>

Governadora Wilma de Faria inaugura a Casa de Cultura Popular de Apodi, a 13ª instalada no interior do Rio Grande do Norte



# Casas de Cultura Popular

Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, expande e consolida interiorização das ações culturais